



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**AS DUAS FACES: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE WILSON BRAGA
EM JORNAIS PARAIBANOS (1980-1986)**

JOSENILDO MARQUES DA SILVA

**CAMPINA GRANDE – PB
2015**

JOSENILDO MARQUES DA SILVA

**AS DUAS FACES: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE WILSON BRAGA
EM JORNAIS PARAIBANOS (1980-1986)**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História na linha de pesquisa II, Cultura, Poder e Identidade.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Elizabeth Christina de Andrade Lima

**CAMPINA GRANDE-PB
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S586d Silva, Josenildo Marques da.
As duas faces : a construção da imagem pública de Wilson Braga em jornais paraibanos (1980-1986) / Josenildo Marques da Silva. – Campina Grande, 2014.
134 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Prof.^a Dr.^a Elizabeth Christina de Andrade Lima".
Referências.

1. Paraíba - História. 2. Política. 3. Imagem Pública. I. Lima, Elizabeth Christina de Andrade. II. Título.

CDU 94(813.3)(043)

JOSENILDO MARQUES DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE WILSON BRAGA EM JORNAIS
PARAIBANOS (1980-1986)**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Elizabeth Christina de Andrade Lima (UFCG)

Orientadora

Prof. Dr. José Luciano de Queiroz Aires (UFCG)

Examinador Interno

Prof. Dr. José Adilson Filho (UEPB)

Examinador Externo

DEDICATÓRIA

A Deus, meus familiares, namorada e
amigos... DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus todo poderoso, autor e consumidor da nossa fé, que me concedeu força, coragem e certeza de que, mesmo dentro das minhas limitações, eu poderia ocupar a tão sonhada vaga no mestrado, bem como o título de Mestre em História.

À minha mãe, Maria do Socorro da Silva Bento, e meus tios, Cícero da Silva Bento e Maria Josenilda de Vasconcelos Bento, que diante de tantas dificuldades me forneceram condições para o ingresso na vida estudantil, demonstrando a necessidade que eu tinha de investir continuamente nos meus estudos, enxergando na educação um dos melhores caminhos para a minha formação humana e profissional.

Aos meus irmãos, José Marques da Silva, Márcia Marques da Silva, Mércia marques da Silva e Paulo Ricardo da Silva, pessoas à quem guardo um profundo carinho e respeito pelo que são e pelo que representam em minha vida.

Aos meus colegas e amigos de todas as horas: João Batista de Lima, Gildivam Francisco das Neves, Inácio Vicente Marinho, Fábio de Farias Lira, Luís Rodolfo Gomes e Ronaldo Matias. Pessoas que admiro muito por sempre demonstrarem o verdadeiro valor da amizade, calcada no respeito, consideração e confiança. À vocês desejo todo o sucesso do mundo.

A minha Cunhadinha Milene Trajano da Silva, pessoa dedicada, amiga e sincera. À você desejo também todo o sucesso, pois tenho acompanhado a sua labuta diária e sei da sua capacidade para alcançar todos os objetivos que tens almejado.

À minha grande sogra, Maria Trajano (Euda), dona de um coração de ouro e mãe da mulher que alegra todos os meus dias.

À minha amada Izabelle Trajano da Silva, minha mais admirável Geógrafa, pois além de roubar o espaço e o território do meu coração, tem sido a paisagem que me alegra e me anima todos os dias. Você é, sem sombra de dúvidas, a principal pessoa responsável por minha entrada nesse mestrado e pela continuação da minha carreira estudantil, pois és o meu exemplo de dedicação e seriedade na vida acadêmica.

Aos meus caríssimos professores da UEPB e UFCG, pela imensa contribuição que deram para a minha formação enquanto profissional de História, bem como para continuação dos meus estudos na vida acadêmica.

Aos professores José Adilson Filho e José Luciano de Queiros Áires, por terem aceito o convite para participar da minha banca e pelas valiosas sugestões oferecidas, quando da qualificação do trabalho.

À minha orientadora Elizabeth Cristina de Andrade Lima, luz de Deus em minha vida, pessoa muito humana e dona de um imenso conhecimento. A você agradeço pelo empenho e valiosas considerações que permitiram a realização deste trabalho.

A todos(as) que contribuíram para concretização desse trabalho desejo aqui toda a sorte de bençãos e o meu sincero muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho tem como interesse central a realização de uma pesquisa em jornais a fim de investigar diferentes construções da imagem pública de Wilson Braga, especialmente ao longo das eleições de 1982 e 1986, período onde o político disputou duas eleições: a de Governador e a de Senador, respectivamente. Nesses dois pleitos o citado político passa de um estado de consagração da sua imagem pública, com uma esmagadora vitória em 1982, a um estado de completa frustração, em virtude da derrota em 1986, vista como surpreendente em função da sua posição política na Paraíba. Visa investigar, assim, como foi sendo fabricada as imagens de Wilson Braga em diferentes veículos de comunicação, como os jornais A União, Gazeta do Cariri, Jornal da Paraíba e Diário da Borborema, propondo refletir sobre a existência de guerras de imagens no cenário político paraibano da década de 1980, onde o político ora é apresentado a partir de um perfil de aceitação popular e ora é descrito como um político de medidas impopulares. Para além dessas imagens veiculadas na mídia, a pesquisa também buscou analisar como Wilson Braga construiu um perfil de si, tomando como referência atos de posse, livros produzidos pelo político, bem como a sua movimentação atual em *sites* de redes sociais, como o *facebook*. Para analisar essa questão da fabricação de Wilson na imprensa paraibana, tomamos como referência autores como Burke (1994), que faz um importante estudo no campo da história política sobre a imagem pública de Luís XIV, “O Rei Sol” e Gomes (2004), que discorre sobre o conceito de imagem pública na atualidade, bem como sobre as performances que os diferentes atores políticos assumem durante um período crucial na história brasileira, que é a retomada das bases democráticas através do exercício do voto direto para governador em 1982. Nesse sentido, Verificamos como o político Wilson Braga recebeu conotações diferenciadas de acordo com cada veículo de comunicação, assumindo perfis que caminha entre a ideia de político do povo e anti-povo ou entre a ideia de ser ele um político de práticas inovadoras ou ultrapassadas. Percebemos ainda a aproximação de Wilson com alguns jornais paraibanos, como é o caso do Jornal da Paraíba e do Gazeta do Cariri, bem como a utilização do Projeto Canaã para construção do *marketing* de Wilson Braga como um político nordestino que não mede esforços para ajudar a população mais carente do Estado.

Palavras-chave: História Política, Imagem Pública, Wilson Braga.

ABSTRACT

This work is mainly carries out a research in newspapers to investigate different constructions of the public image of Wilson Braga, especially along the 1982 and 1986 elections, a period where the political played two elections: the Governor and Senator, respectively. In both elections the political quoted just a state of consecration of his public image, with a landslide victory in 1982, a state of complete frustration, because of the defeat in 1986, it seems as surprising in light of their political position in Paraíba. Aims to investigate as well, as was being manufactured Wilson Braga images in different media, such as newspapers A União, Gazeta do Cariri, Jornal da Paraíba and Jornal da Borborema, proposing reflect on the existence of image wars on the political scene Paraíba 1980s, where political herein is presented from a popular acceptance profile and, sometimes described as a political unpopular measures. Beyond these images broadcast by the media, the survey also sought to analyze how Wilson Braga built a profile of himself with reference to acts of possession, books produced by political as well as your current drive on social networking sites like Facebook. To analyze this question of Wilson manufacture in Paraíba press we as authors reference as Burke (1994), which is an important study in the field of political history on the public image of Louis XIV, "The Sun King", and Gomes (2004) that discusses the concept of public image today, as well as the performances that the different political actors assume during a crucial period in Brazilian history, which is the resumption of a democratic basis, through the exercise of direct vote for governor in 1982. In this sense verified as political Wilson Braga received different connotations according to each communication vehicle, assuming a profile that goes between the idea of people's political and anti-people or between the ideas of being a political innovative or with outdated practices. We still see the approach of Wilson with some Paraíba newspapers, such as the Jornal da Paraíba and Gazeta do Cariri, and the use of Canaan Project for the construction of Wilson Braga marketing as a Northeastern politician who strives to help poorest state population.

Keywords: Political History, Public Image, Wilson Braga.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. DOIS LADOS DE UMA MESMA MOEDA: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE WILSON BRAGA EM JORNAIS PARAIBANOS.....	19
Político do Povo ou anti-povo?.....	23
Wilson governador: de herói a vilão na Paraíba.....	47
Wilson Braga: a descrição de um grupo político desesperado na Paraíba.....	56
2. NA TERRA DE CANAÃ: O PROJETO CANAÃ COMO <i>MARKETING</i> DO GOVERNO WILSON BRAGA.....	60
Política e Mídia: o <i>marketing</i> como uma estratégia política.....	62
Conhecendo o Projeto Canaã.....	65
Projeto Canaã: o marketing do governo Wilson Braga.....	71
3. ESPELHO, ESPELHO MEU, ME DIGA QUEM SOU EU? O POLÍTICO WILSON BRAGA NUMA CONSTRUÇÃO DE SI.....	87
No espelho, visualiza-se um homem do povo	88
No espelho, visualiza-se um sertanejo que se recusa a ficar em silêncio...	91
E no espelho atual, como o político se vê?.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
ANEXOS.....	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	129

INTRODUÇÃO

Ela [a imagem de Wilson Braga] ficou desgastada junto ao eleitorado paraibano devido aos problemas em que foi envolvido, e que tiveram ampla repercussão no Estado, caracterizando, assim, um dos aspectos muitas vezes pouco considerado pelos políticos: o poder da imprensa, que pode levantar ou aniquilar qualquer um (JORNAL DA PARAIBA, 18 de novembro de 1986).

A epígrafe desse texto nos convida a olhar uma reportagem do Jornal da Paraíba no pós eleição de 1986, quando um fato, encarado por alguns como surpreendente, ganhou amplo espaço na mídia paraibana e nacional: a derrota de Wilson Braga para um candidato novato na política, o empresário Raimundo Lira. Sendo um assunto efervescente durante esse momento, os jornais enfatizavam alguns motivos que poderiam ter levado ao fracasso de Wilson nesse pleito, apresentando como um desses, a sua imagem política vista como “desgastada” junto ao eleitorado.

Embora fazendo referência a uma reportagem do Jornal Nacional, que realizava um debate sobre a vitória de Lira na Paraíba, é marcante principalmente a forma como o Jornal da Paraíba encerra sua matéria, apresentando uma visão particular sobre o poder e a influência que a imprensa exerce, sendo atribuída a ela a capacidade de mudar os rumos de uma eleição e de um candidato, ao construir e veicular uma determinada imagem. O Jornal da Paraíba, com esse posicionamento, quebra, assim, com a ideia de uma mídia imparcial, uma vez que a concebe como um veículo carregado de intencionalidades, um mecanismo decisivo tanto para os políticos que enxergam o seu “poder” quanto para aqueles que dele não faz caso.

Não é tão decorrente, mas também não é unanimidade, verificar na mídia o uso da metalinguagem, onde a imprensa volta-se contra ela própria num claro demonstrativo de insatisfação ante os resultados, como o de uma eleição. Nesse momento, a própria mídia passa a ser veículo de denúncia da arbitrariedade com que tem sido articulada determinadas informações, deixando a entender que tais informações são passíveis de manipulação, pois seguiriam os interesses imediatos de quem a formulou.

Revolta e insatisfação é o tom indireto da matéria veiculada no Jornal da Paraíba, uma vez que mesmo procurando construir o texto de maneira a se isentar

de qualquer engajamento político, fica perceptível a sua tendência ao responsabilizar outros veículos de comunicação pela construção negativa de uma imagem do político Wilson Braga, fato encarado como imprescindível para o fracasso eleitoral. Assim, quando o Jornal refere-se à mídia como “aniquiladora de candidatos” está, na realidade, demonstrando o seu posicionamento frente aos resultados nas eleições de 1986 que consagraram a vitória da oposição paraibana (PMDB) e afirmaram derrotas aparentemente inesperadas de situacionistas, como era o caso do candidato ao senado, Wilson Braga (PDS/PFL).

Esse posicionamento do Jornal acaba sendo convidativo para pensarmos como se encontrava a mídia paraibana ao longo dos anos 1980, especialmente no que diz respeito às influências político/partidárias ou, de outro modo, no que concerne à trajetória de figuras políticas como o referido ex-governador Wilson Braga. Seria possível, assim, nesse último caso, pensar a possibilidade de evidenciarmos diferentes visões para a construção de uma mesma figura política, aparecendo, com isso, perfis destoantes na perspectiva dos diferentes veículos paraibanos.

Fugindo de algumas influências atuais que são próprias do nosso tempo e se agarrando também aquelas que pouco se modificaram com o passar dos anos, o convite é para enxergarmos um momento da política paraibana, veiculada através dos impressos jornalísticos, sob a ótica de um leitor desse período que acompanha não apenas uma matéria isolada, mas tem seguido cotidianamente uma série de reportagens que têm como norte a questão política no Estado. Um leitor que pretende acompanhar as representações de partido e os perfis que foram sendo atribuídos a um candidato em particular, Wilson Braga, ao longo das edições dos anos 1980, verificando mudanças e permanências na forma de projetar uma imagem pública de um político para o mundo.

Enxergar o passado com os “pés” no presente é um desafio que tem sido motivo de intensos debates entre os historiadores, sobretudo ante os riscos que tal procedimento apresenta para o pesquisador. Muito embora também seja esse o nosso trabalho, uma vez que os temas que temos atribuído para as nossas pesquisas surgiram de inquietações próprias do nosso tempo, sendo, portanto, frutos de vivências e expectativas ante as questões que movimentam o mundo contemporâneo e a formação da subjetividade humana.

Dessa forma foi surgindo a ideia de abordar um assunto sobre um personagem da política paraibana que hoje talvez pouco seja lembrado, mas que nas décadas de 1970 e 1980 ocupou o cenário como uma das “grandes figuras” políticas em destaque. Wilson Braga em jornais paraibanos é, na verdade, a continuação de um trabalho de pesquisa que começou de maneira bastante tímida, onde se objetivava pensar as representações desse político a partir de uma perspectiva local, levando em consideração um Jornal veiculado na cidade de Juazeirinho-PB, Gazeta do Cariri, cuja linha editorial sempre buscou construir uma imagem positiva do referido político durante os anos que esteve à frente do governo do Estado.¹

Na monografia, que na ocasião ganhou o título “Um novo ‘pai dos pobres’? As representações do governo Wilson Braga no Jornal Gazeta do Cariri”, buscamos construir uma análise sobre o personagem Wilson Braga unicamente através do Jornal Gazeta do Cariri, portanto, quase não realizamos um diálogo com outros veículos de comunicação. Tal pesquisa, tentou dar os seus primeiros passos em direção a uma abordagem mais fundamentada sobre essa personalidade política. Surgindo agora, já em uma nova fase, na construção da dissertação, a possibilidade de uma escrita que consiga dar conta de uma visão mais esclarecedora sobre o tema, visando superar algumas lacunas que sempre estiveram presentes no desenrolar dos nossos trabalhos.

O personagem Wilson Braga foi pensado, à época da graduação e do texto monográfico, a partir de alguns conceitos, hoje pouco utilizados nos debates acadêmicos, ou, do contrário, que têm passado por releituras que modificaram completamente as suas bases de interpretação dos fenômenos políticos. Dentre esses conceitos, é possível citar o de “populismo”, definido na referida pesquisa como “braguismo”, que ocupou espaço no trabalho como forma de pensar as atitudes desse político, caracterizando a ideia de popularidade, carisma e “manobra das massas” como definidoras de um perfil político assumido no momento.

Assim, pudemos inovar nessa forma de pensar o tema, verificando muito mais além de uma simples caricatura do político Wilson Braga, superando também a definição de uma população definida apenas como “manobrados” de acordo com os

¹ A posição do Jornal Gazeta do Cariri explica-se pela própria situação política do seu fundador, Leomarques Francisco da Silva, pois este, como político local, fazia parte da base de Wilson Braga tendo recebido ainda diversos patrocínios do Governo do Estado para financiar as edições do referido meio de comunicação (SILVA, 2012).

interesses dos governantes. Até porque, hoje, podemos verificar que a população não pode ser vista como estagnada e facilmente influenciável ante as projeções articuladas pelas personalidades políticas e pelos órgãos que tratam de criar um *marketing* para tais figuras. Às chamadas minorias (mulheres, negros, pobres, dentre outros), é reservado agora o espaço de sujeitos protagonistas na cena política, uma vez que assim como o político se utiliza do teatro para projetar uma visão particular de si e do mundo, o povo também tem a sua própria maneira de projetar-se no cenário político produzindo o que Thompson (1998, p.65) denominou de contra-teatro do poder.

No desenrolar desse trabalho de pesquisa foi possível verificar uma questão que não pode deixar de ser mencionada quando tratamos do cenário político paraibano, sobretudo durante os anos 1980: pensar que o político não deve ser destacado de uma forma isolada, mas sempre a partir de uma base política, de um grupo. Isso porque, para além de uma construção da imagem do político Wilson Braga em Jornais, existia, antes de tudo, a construção de um cenário partidário, onde os dois principais partidos do momento, PDS e PMDB, recebiam conotações diferenciadas que sofriam transformações com o passar do tempo.

O caminho de pesquisa que vamos seguindo para realizar um trabalho dessa natureza nos reserva, de fato, inúmeras surpresas que acabam sendo fundamentais para modificar o olhar que temos sobre a fonte e, até mesmo, o direcionamento que pretendemos dar ao nosso tema de estudo. Numa atividade constante de fazer e refazer vamos tecendo os nossos objetivos, adaptando-os às perguntas e respostas que as fontes nos possibilitam, chegando a um ponto que talvez não seja ainda o ideal, mas o conveniente para o momento, uma vez que o trabalho por mais aprofundado que seja nunca chegará ao seu fim, nos instigando sempre para continuarmos a realizar novas descobertas.

O sentimento de necessidade de adaptação esteve presente desde os primeiros caminhos até os últimos momentos traçados para a realização dessa pesquisa. Ao final de trabalhos como esse, passamos a ter a certeza de que o percurso que trilhamos para a nossa pesquisa sofrerá, inevitavelmente, modificações, às vezes simples, mas às vezes apontando para mudanças drásticas, mudanças essas necessárias diante do tempo e do material documental que temos disponível.

Para concretização desta pesquisa enfrentamos inicialmente momentos de tranquilidade no levantamento do acervo documental, marcado pelas facilidades que a própria internet nos oferece e pelo fato de termos em mãos materiais acumulados durante a construção do texto monográfico, à época do trabalho de graduação. Para essa fase de levantamento documental, fomos brindados com a significativa contribuição do Sistema Paraíba de Comunicações, que digitalizou e colocou à disposição dos internautas seus periódicos desde os primeiros anos de fundação do Jornal da Paraíba, nos permitindo ter acesso aos jornais da década de 1980.

Além desta ação do Sistema Paraíba que reduziu a burocratização do acesso, à visita a alguns acervos na cidade de Campina Grande-PB, como a Biblioteca Átila de Almeida da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o Museu Histórico e Geográfico e a Biblioteca Municipal, também foram marcadas como uma fase mais tranquila da pesquisa. Isso porque, tivemos condições de acesso aos periódicos disponíveis nesses locais sem tamanho peso burocrático que, na maioria dos casos se não impede o acesso, dificulta ao máximo a realização da pesquisa.

Passada essa fase mais tranquila, começamos a enfrentar alguns momentos angustiantes quando deslocamos o nosso campo de pesquisa para a Capital do Estado, João Pessoa-PB. Embora a visitação ao acervo documental não tenha se mostrado muito difícil, onde visitamos o Instituto Histórico e Geográfico (IHGP) e a Casa José Américo, as primeiras tentativas de entrevistar Wilson Braga já demonstraram o quanto é angustiante e trabalhoso convencer algumas dessas pessoas sobre a necessidade de entrevistá-las.

Entrando em contato com o político, através de meios de comunicação, como os *sites* de redes sociais e as operadoras de telecomunicação, tentamos, por diversas vezes, marcar a entrevista, recebendo quase sempre o “não” como resposta. Durante as eleições de 2014, por um só momento recebemos a confirmação do próprio Wilson Braga aceitando a entrevista, mas afirmando que entraria em contato, “ligaria para marcá-la”. Dessa forma, tendo entrado em contato com o político outras vezes para saber qual seria o dia da entrevista recebemos outro “não”, sendo apresentadas, por parte do político, algumas dificuldades como o fato de que estava de férias e não poderia atender no momento.

Já desacreditando da possibilidade de obter uma entrevista, buscamos pensar em uma estratégia mais simples que pudesse dar conta dos objetivos inicialmente traçados para o trabalho. Com isso, decidimos pela tentativa de

aplicação de um questionário, onde o político poderia relatar a sua visão sobre sua própria trajetória política e sobre o papel que a imprensa desempenhava para promoção ou negação do seu perfil como homem público. Tal estratégia também não logrou êxito, uma vez que Wilson novamente afirmou a sua impossibilidade naquele momento de conceder uma entrevista ou responder o questionário.

Dessa forma, decidimos pela realização de um trabalho que percorre o caminho da pesquisa documental. Utilizando-se para isso, das visitas aos acervos de fontes documentais, presentes nas cidades de Campina Grande-PB e João Pessoa-PB, bem como das produções de autoria do próprio Wilson Braga, como os livros adquiridos através das livrarias *on line*, e as movimentações desse político em *sites* de redes sociais, como o *facebook*. O uso do *facebook* e das obras produzidas pelo político, embora não possam substituir a entrevista, se fazem fontes imprescindíveis para podermos traçar uma visão particular sobre a construção que o próprio Wilson Braga faz de si.

Sendo assim, o interesse central desse trabalho é a realização de uma pesquisa em jornais a fim de investigar diferentes construções da imagem pública de Wilson Braga, especialmente ao longo das eleições de 1982 e 1986, período no qual o político disputou dois mandatos, o de governador e o de senador, respectivamente. Nesses dois pleitos Wilson Braga passa de um estado de consagração da sua imagem pública, com uma esmagadora vitória em 1982, a um estado de completa frustração, em virtude da derrota em 1986, vista como surpreendente em função da sua posição política na Paraíba. Tais acontecimentos foram decisivos para a delimitação do recorte temporal, pois nos permite pensar em dois momentos totalmente distintos na vida do político em um curto espaço de tempo, o que instiga ainda mais a presente pesquisa.

Essa mudança abrupta na trajetória política do ex-governador apresenta ainda dois fatores relevantes para a escolha desse recorte temporal: primeiro, pensar que em 1982, o político conseguiu sair das eleições como vencedor, mesmo sendo a sua primeira candidatura ao Governo do Estado e; segundo, verificar como em 1986, ele perde as eleições para o Senado, mesmo tendo concorrido com um estreante na política paraibana, o empresário campinense Raimundo Lira (PMDB).

Pensando numa das falas de Peter Burke (1994), no livro “A Fabricação do Rei: Construção da Imagem Pública de Luís XIV”, é provável que o nosso trabalho se articule bem dentro do objetivo apresentado pelo autor ao se reportar ao Rei Sol,

quando afirma: “o que me interessa é a ‘venda de Luís XIV’, o pacote do monarca, com ideologia, propaganda e manipulação da opinião pública” (BURKE, 1994, p. 15-16). Assim, poderíamos tomar essa visão de Burke para refletir, não sobre o “Rei Sol”, mas sobre todo o conjunto de ideologias, propagandas e fabricação da opinião pública que estiveram atuando ao longo da trajetória política de Wilson Braga na Paraíba.

Tratando-se da figura de Wilson Braga, e tomando como norte o pensamento de autores como Burke (1994), vemos a necessidade de ir além da construção de mais uma biografia, verificando como diferentes meios de comunicação constroem uma imagem para o público a fim de atingir interesses previamente estabelecidos. Dessa forma, é preciso nos questionarmos, diante de trabalhos como este, sobre todo o processo que leva a construção de uma imagem pública de personalidades como a de Wilson Braga nos anos 1980: como foi fabricada essa imagem em diferentes meios de comunicação? Quais as guerras de imagens existentes nessas tentativas de moldar uma imagem pública? Pensando o campo político como um palco, como o próprio político constrói uma imagem de si?

Para tratar da imagem pública de Wilson Braga é imprescindível pensar na contribuição de autores como Wilson Gomes que tem discorrido sobre temas pertinentes ao nosso objeto de estudo. Através de Gomes (2004) podemos evidenciar como se deu as principais transformações na política na era da comunicação, bem como verificar as performances que os diferentes atores políticos assumem durante um período crucial na história brasileira, que é a retomada das bases democráticas através do exercício do voto direto para governador em 1982.

Quanto ao método de análise utilizado, acreditamos ser relevante pensar nas contribuições da autora Tânia Regina de Luca (2005) que propõe um caminho que podemos tomar para realizar a análise de fontes impressas, como os jornais. Dessa forma, a citada autora apresenta um conjunto de critérios que podem ser observados quando nos debruçamos sobre esse tipo de fonte, quais sejam:

Perceber a forma como os impressos chegaram às mãos dos leitores; observar sua aparência física (formato, tipo de papel, qualidade da impressão, capa, presença/ausência de ilustrações); relações e divisão do conteúdo; relações que manteve (ou não) com o mercado; a publicidade, o público que visa atingir; localizar a fonte numa série, ou seja, o conteúdo em si não pode ser dissociado do

lugar ocupado pela publicação na História da Imprensa (LUCA, 2005, p. 139).

Embora sabendo da relevância de seguirmos todos esses critérios apresentados pela autora, tomamos de empréstimo apenas alguns deles, como a ideia de observar a presença ou ausência de ilustrações, as divisões do conteúdo, o público que visa atingir e a localização da fonte em uma série. Acreditamos que esses critérios, aliados a outros procedimentos como a investigação sobre o próprio contexto político, econômico e social da década de 1980, a pesquisa sobre os personagens produtores dos impressos, suas ideologias e suas alianças político/partidárias, nos forneçam os caminhos possíveis para analisar o tema em questão.

Para dar conta do objeto de estudo e dos objetivos propostos em nossa pesquisa, nosso texto dissertativo encontra-se estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado **DOIS LADOS DE UMA MESMA MOEDA: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE WILSON BRAGA EM JORNAIS PARAIBANOS**, analisamos como os diferentes meios de comunicação paraibanos construíram e divulgaram a imagem de Wilson Braga para o público. De maneira simultânea, analisamos essas imagens demonstrando a presença tanto de perfis que apontam a figura de Wilson ligada à sua popularidade, no qual o político chega a ser descrito e/ou confundido com a “massa” assim como através de perfis que descrevem a sua impopularidade. Nas matérias analisadas, apontamos os possíveis motivos que levam um determinado meio de comunicação a construir uma imagem positiva ou negativa de Wilson Braga.

Nesse capítulo ainda, colocamos sob uma mesma base de interpretação discursos destoantes sobre a imagem pública de Wilson Braga. Assim, a ideia de “político do povo”, construída ao longo da sua carreira pelo seu *marketing* político, que constantemente afirma que a prioridade de Wilson era o social, vai de encontro a ideia de Wilson como um “político anti-povo”. Questões como a construção da imagem de uma “gestão Braga”, caracterizada como bem definida e estruturada na Paraíba, esbarra em outra imagem que apresenta a ideia de um Governo totalmente desestruturado.

No segundo capítulo, intitulado **EM TERRA DE CANAÃ: O PROJETO CANAÃ COMO MARKETING DO GOVERNO WILSON BRAGA**, buscamos analisar

como a imagem pública de Wilson Braga foi sendo construída a partir da sua aproximação com um projeto de campanha, descrito, inúmeras vezes, em veículos de comunicação como a Gazeta do Cariri e o Jornal da Paraíba como “um projeto de vida”. Pensamos nas estratégias montadas para a legitimação do “político no campo” através da afirmação de políticas sociais, como o Canaã, evidenciando também o próprio cenário nordestino e, particularmente, paraibano, da década de 1980, que contribui para a formação de perfis políticos que fazem das questões sociais a marca dos seus discursos. Não deixamos ainda de apresentar o outro lado do Canaã, verificando como esse projeto foi recebendo inúmeras críticas através de matérias veiculadas na imprensa paraibana.

No terceiro, último capítulo da dissertação, intitulado **ESPELHO, ESPELHO MEU, ME DIGA QUEM SOU EU? O POLÍTICO NUMA CONSTRUÇÃO DE SI**, buscamos deslocar o debate para a construção da imagem pública do político Wilson Braga, a partir da perspectiva do seu próprio olhar. Desta maneira nos deparamos com algumas fontes como, discursos de posse, livros, artigos e entrevistas, concedidas a revistas e jornais, a fim de analisar como foi sendo construída a imagem pública de Wilson Braga através da seleção de uma memória, em particular.

Em função das dificuldades apresentadas para a realização de uma entrevista com Wilson Braga, uma vez que foram feitas inúmeras tentativas para marcar tal encontro, além de recorrer-se, em último caso, a aplicação de um questionário e, mesmo assim, não se obtendo resposta, optamos pela análise das publicações feitas por ele ao longo de seis meses nas redes sociais, como o *facebook*, entre o período de setembro de 2014 a fevereiro de 2015. Dessa forma, pudemos verificar nesse capítulo como o político atualmente faz uso dessas redes para promover a sua imagem pública, com vistas também à manutenção do nome Braga no campo da política paraibana.

Por fim, nas considerações finais apresentamos os principais resultados que chegamos em nossa pesquisa, esperando que esse texto sirva à curiosidade acadêmica e suscite em outros leitores o desejo de continuar a propor novas análises à esse tema tão instigante.

I CAPÍTULO: DOIS LADOS DE UMA MESMA MOEDA: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE WILSON BRAGA EM JORNAIS PARAÍBANOS

E Wilson Braga? Seu estilo político vem da Casa dos Estudantes. Sua escola foi à escola política da Casa dos Estudantes. No seu tempo, a Casa dos Estudantes reunia uma família pobre e numerosa, carente de tudo e abandonada pelos poderes públicos. Líder estudantil era aquele que fosse amigo de todos, solidário com todos, e lutasse por todos, gritando, apelando, reivindicando, exigindo, conseguindo. Conversa fiada não valia [...]. A Paraíba para ele é uma Casa dos Estudantes maior, com uma família mais numerosa (ZENAIDE, 1981).

Quantas imagens podem ser produzidas sobre uma mesma figura política? Quantos estilos, quantas representações de político e de partido? Quais as estratégias utilizadas na produção de uma Imagem Pública? Quais os interesses que atuam diretamente nessa produção? Estes são alguns questionamentos que nos inquieta diante de matérias como a exposta acima, veiculada no Jornal A União.

Sob matéria de Hélio Zenaide², o Jornal publica uma coluna que traz como título “O estilo político de Braga”. Esta tem como objetivo definir o estilo de atuação política de Wilson Braga, então postulante à vaga de governador da Paraíba em 1982, em comparativo com a atuação de outras figuras da política paraibana, como exemplo, Antônio Mariz, que postulava também à vaga ao governo, e João Agripino³, político de grande visibilidade nesse momento.

Para o colunista, enquanto João Agripino poderia ser definido como “o mestre do xadrez”, pois sabia como fazer o jogo político de maneira a se beneficiar, Antônio Mariz não passava de um “príncipe herdeiro” seu, uma vez que teria recebido tudo nas mãos, “o prato feito”. Em oposição a esse perfil, Wilson Braga aparece na matéria como um político que não tinha “nada, mas tinha tudo”, pois o povo estaria ao seu lado. De acordo com a matéria, o perfil de Wilson se aproximava de Rui

² Hélio Zenaide é um jornalista muito conhecido no cenário paraibano. Natural de Alagoa Grande-PB ocupou diversos cargos públicos, como Diretor de educação no Estado, tendo sido também Diretor do Jornal A União.

³ João Agripino de Vasconcelos Maia Filho (Brejo do Cruz / Paraíba, 1 de março de 1914 " 6 de fevereiro de 1988) foi um político brasileiro. Foi Deputado Federal, Senador e Governador do estado da Paraíba. Filho de João Agripino de Vasconcelos Maia e Angelina Mariz Maia, pertencia a uma família de grande influência política e econômica no estado da Paraíba, com origens no sertão paraibano e norte-riograndense.

Carneiro⁴, outra grande liderança política na Paraíba, ressaltando que esse político se caracterizava por fazer amizades e ajudar as famílias paraibanas.

Wilson Braga recebe nessa matéria a conotação de político que ganhou legitimidade através da própria ação popular, não precisando de herdeiro político para garantir a sua posição nesse campo. Wilson é citado indiretamente como o político mais capacitado para assumir o governo da Paraíba, sendo enfatizada uma imagem pública de um político experiente e amigo do povo, que conhece de perto os principais problemas do estado e que tem pressa em buscar soluções.

A visão presente na matéria de Hélio Zenaide, acima descrita, destituindo Wilson Braga de uma herança política que o antecedia, se contrapõe a própria trajetória pessoal e política que conhecemos dessa figura paraibana. Isso porque, Nascido em 18 de julho de 1931, na cidade de Conceição do Piancó-PB, Wilson Leite Braga pode ser pensado dentro da tradição de políticos constituída a partir do local. Como filho do comerciante e tabelião cearense Francisco de Oliveira Braga e da Senhora Calula Leite, se insere numa família de forte tradição política no chamado vale do Piancó, que é a família Leite.

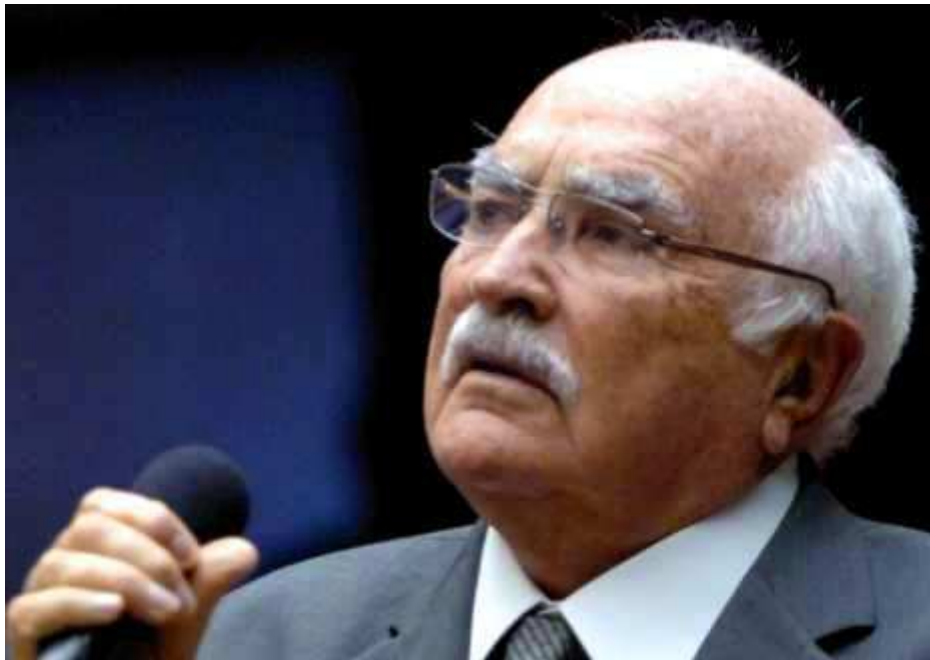


Figura 1: O político Wilson Leite Braga
Fonte: www.alhandraemfoco.com.br

⁴ Rui Carneiro, nascido em Pombal – PB, em 20 de agosto de 1906, destacou-se como um dos principais nomes da política paraibana chegando a ocupar cargos como Governador da Paraíba, em 1940, e Senador, em 1945, este último cargo chegou a ocupá-lo por 26 anos, fato inédito na história paraibana.

O engajamento político de Wilson Braga, apresentando inicialmente forte influência da União Democrática Nacional (UDN), geralmente é explicado a partir da sua raiz familiar, uma vez que o seu pai, conhecido popularmente como Chico Braga, além de ter sido amigo de políticos como Argemiro de Figueiredo⁵ e João Agripino, foi um dos fundadores da UDN em Conceição-PB, chegando também a ser candidato a deputado estadual em 1945 e candidato a prefeito em 1947.

De acordo com autores como Mello (1993, p. 205), a trajetória inicial de Wilson convergia para a UDN, tanto em função dessa influência familiar, quanto das influências que ele veio recebendo ao longo da sua trajetória estudantil. Assim, já com catorze anos, Wilson apresenta as suas primeiras inclinações para a política, estudando no Colégio Diocesano do padre Manoel Vieira, considerado um dos redutos da UDN através de políticos como José Antônio Urquiza e Walter Arcoverde.

A mudança de Wilson Braga da cidade de Patos para estudar na Casa do Estudante em João Pessoa, representou ao mesmo tempo afirmação e fuga do perfil udenista. Seguindo o pensamento de Mello (1993, p. 206), podemos pensar que ocorreu na vida de Wilson uma escalada para assumir uma posição de político paraibano. Vindo de uma família de classe média, Wilson albergou-se na Casa do Estudante, considerado um “departamento do governo udenista de Osvaldo Trigueiro”, mas desde a sua chegada contestava o governo de políticos udenistas que assumiam uma posição de liderança nessa casa.

Da política estudantil à política partidária, Wilson Braga foi despontando como uma figura de destaque no cenário paraibano. Em 1954, com apenas 23 anos, conquistou o seu primeiro mandato de Deputado Estadual, ainda sobre as bases da União Democrática Nacional (UDN). Mas, na ocasião da reeleição conquistou apenas a primeira suplência, em 1959, vindo a ocupar novamente o cargo em 1961 por ocasião da morte de Américo Maia, então Deputado Estadual.

Para Pimentel (2005, p. 33), as dificuldades enfrentadas por Wilson para se reeleger deputado o fizeram repensar a sua posição político/partidária na década de 1960. Com isso, ocorreu uma migração para o Partido Social Brasileiro (PSB). Segundo o citado autor, essa atitude de Wilson se explicaria tanto em função da

⁵ Argemiro de Figueiredo, nascido em Campina Grande-PB, em 9 de março de 1901, foi um político brasileiro, que se destacou como Governador do Estado da Paraíba, Deputado Federal e Senador da República.

procura por um partido de menor quociente quanto devido ao alto crescimento que as legendas de esquerda (PTB, PSB e PDC) estavam apresentando.

Nesse sentido, Wilson conseguiu se reeleger em 1962 ao cargo de Deputado Estadual, assumindo, posteriormente, o mandato de Deputado Federal em 1966, 1970, 1974 e 1978, tornando-se um dos Deputados Federais mais votados na Paraíba. Essas sucessivas vitórias acabaram levando-o à disputa eleitoral, em 1982, ao Governo do Estado, através do Partido Democrático Social⁶ (PDS), quando conseguiu uma das suas mais significativas vitórias, derrotando o candidato do PMDB, Antônio Mariz, com uma diferença de mais de 150 mil votos⁷.

Depois de um estado de consagração eleitoral, Wilson Braga enfrentou, em 1986, uma das suas principais derrotas, perdendo a campanha ao Senado para um novato na política, o empresário de Campina Grande, Raimundo Lira (PMDB). Além, da sua expressiva derrota, somou-se a derrota do seu grupo político (PDS/PFL), onde nomes como Marcondes Gadelha, candidato ao governo do estado, chegou a perder a eleição para o principal adversário político de Wilson no momento, o candidato do PMDB, Tarcísio Burity⁸.

Após esse pleito, Wilson ainda voltou a disputar eleições na Paraíba, ocupando cargos como de Vereador, na Capital João Pessoa, e Deputado Federal. Foi derrotado em outras campanhas para o Senado e para o Governo do Estado, como no ano de 1990 perdendo as eleições para Ronaldo Cunha Lima⁹. Atualmente é um dos políticos que mais disputou eleições na Paraíba, tendo ocupado, até o mês de fevereiro de 2015, uma das cadeiras do legislativo paraibano.

⁶ Com a Lei Orgânica dos Partidos em 1979, o ARENA foi substituído pelo Partido Democrático social (PDS) e o MDB, agregou a palavra partido, transformando-se em PMDB.

⁷ Wilson Braga obteve 509.855 votos, 58,48% dos votos. Antônio Mariz obteve 358.146 votos, 41,08% dos votos. Disponível em: <http://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/resultados-de-eleicoes>. Acesso em 3 de Janeiro de 2015.

⁸ Em 1986 Raimundo Lira (PMDB) ficou em 1º lugar na disputa para o senado, obtendo 615.533 votos, que corresponde a 29,97% dos votos válidos. Humberto Coutinho de Lucena (PMDB), ficou em 2º lugar obtendo 607.266 votos, que corresponde a 29,57% dos votos válidos. Wilson Braga (PPR), ficou em 3º lugar, obtendo 388.878 votos, o que corresponde a 18,94 % dos votos válidos. <http://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/resultados-de-eleicoes>. Acesso em 3 de Janeiro de 2015.

⁹ Ronaldo Cunha Lima (PMDB) foi eleito em 1990 para governador com 704.375 votos, 55,19% dos votos válidos. Wilson Braga (PDT), 2º colocado na eleição, ficou com 571.802 votos, 44,81% dos votos válidos. <http://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/resultados-de-eleicoes>. Acesso em 3 de Janeiro de 2015.

Em apenas uma matéria podemos ter contato com inúmeras formas de representar Wilson Braga através de meios de comunicação, como os jornais. A construção da imagem pública desse político recebeu, assim, uma infinidade de perfis - como pôde ser percebido na descrição citada de Hélio Zenaide e na montagem da trajetória política que elencamos - que varia entre projeções “positivas” e “negativas”, o que nos leva a pensar nas influências que motivaram essas produções.

Nesse sentido, buscaremos a partir de agora explicitar, simultaneamente, algumas matérias que enfatizam a construção dessa imagem pública “positiva” e “negativa” de Wilson, quando os jornais acenam no sentido de reportar para esse político visões destoantes, colocando-o ora na condição de um homem do povo, nordestino, sertanejo, que tem um jeito próprio de fazer política e que se aproxima de tal forma da “massa” que se transforma nela própria, ora como um político que governa ao seu “bel prazer”, um governo “anti-povo”.

1.1 Político do povo ou anti-povo?

Aí está a diferença: Mariz tem Agripino, Braga tem o povo. Mariz tem Agripino para armar o jogo, para preparar o time, para organizar a estratégia da partida. Braga não tem ninguém, ele tem que fazer tudo. Só pode contar com o povo [...]. Em banco, Braga, se tiver alguma coisa é promissória a pagar, se já não tiver vencida. Mariz tem tudo. Braga não tem nada. Nada, não: tem o povo (Jornal a União, 25 de maio de 1981).

É dessa forma que o Jornal A União¹⁰ se pronuncia ao divulgar as prévias para as eleições que estavam sendo montadas para o ano de 1982 na Paraíba. Enquanto o candidato do PMDB, Antônio Mariz, era apresentado como um político que já nasceu dentro de uma estrutura política favorável, sendo “cria política” de João Agripino, Wilson Braga, porém, não possuía aparentemente uma condição política favorável, se fosse considerar o jogo político. Em outras palavras, podemos

¹⁰ A União é um jornal estatal paraibano, editado na cidade de João Pessoa-PB, Paraíba. Trata-se do único jornal oficial ainda existente no Brasil. Foi fundado no dia 2 de fevereiro de 1893 pelo então presidente da Província, Álvaro Machado, e seu primeiro diretor foi o industrial e jornalista Tito Silva. O jornal surgiu como órgão do Partido Republicano do estado da Paraíba, agremiação fundada pelo próprio Álvaro Machado.

afirmar que Mariz recebe no Jornal o perfil de candidato rico, Braga, por sua vez, é apresentado como um político pobre para enfrentar uma campanha dessa natureza, mas que, mesmo sem dinheiro e alianças políticas, tinha o maior apoio, que era o povo.

Verificamos através dessa matéria uma tendência em construir a imagem pública de Wilson Braga representando-o como um político do povo, que se mistura e, muitas vezes, se transforma na própria massa popular em um estágio que não se pode mais diferenciar político e povo. Essa questão está presente em veículos de comunicação como o Jornal A União e nas próprias obras que discorrem sobre o nome de Wilson Braga, onde podemos perceber que grande parte dos artigos publicados sobre esse político já trazem nos títulos a ideia de aproximação com o povo¹¹.

Nas edições de 1982 a 1986 de alguns Jornais paraibanos, a exemplo do Jornal A União, Jornal da Paraíba, Correio da Paraíba, Diário da Borborema e Gazeta do Cariri, Wilson se destaca a partir de um perfil que caminha entre a aproximação e a negação popular, uma vez que, em alguns momentos o político é apresentado a partir da sua aceitação junto às bases populares e, em outros, responsabilizado pela articulação de uma política que desconsidera totalmente o povo que o elegeu para diversos cargos públicos.

A aproximação de Wilson com as bases populares se faz presente em veículos como o Jornal da Paraíba a partir da imagem de um político que atua junto às lideranças de bairros, promovendo ações conjuntas a fim de refletir sobre as reais necessidades da população paraibana. Ele aparece sempre na companhia do seu candidato a vice-governador, José Carlos da Silva Junior¹², e é apresentado como

¹¹ Como exemplo podemos citar o livro de Nonato Guedes, A Fala do Poder, onde o autor trata em diferentes artigos sobre os Governadores da Paraíba, trazendo no artigo sobre Wilson Braga o seguinte título: Wilson: Com jeito de povo.

¹² Não é por acaso que encontramos nas pesquisas uma forte tendência do Jornal da Paraíba em defender e divulgar uma imagem positiva do político Wilson Braga, isso porque José Carlos da Silva Junior não era apenas o candidato a vice governador na Chapa de Wilson, mas também um empresário destacado na década de 1980 no ramo das telecomunicações, sendo um dos donos do sistema Paraíba de Comunicações. Além de José Carlos, verificamos na história de fundação das emissoras, TV Cabo Branco e TV Paraíba, que deram origem ao Jornal, a presença política do grupo de Wilson Braga, como os irmãos e empresários Antônio Bezerra Cabral e Milton Bezerra Cabral (então Governador do estado), que na época controlavam as Rádios Arapuã AM e FM. Nesse ponto, podemos perceber o cunho ideológico das reportagens que constroem a imagem pública de Wilson ligada a sua aproximação com a “massa popular”.

um candidato que tem um projeto de governo que dará prioridade ao povo através dos seus líderes e representantes comunitários.

Ao tomar parte da importante reunião com representantes dos bairros de João Pessoa, o que pretende fazer em Campina Grande, o deputado Wilson Braga, candidato do PDS no governo do Estado, afirmou que receberá críticas e sugestões no seu governo, pois elas – segundo disse – servirão de base para a sua plataforma de governo (Jornal da Paraíba, 13 de julho de 1982).

A condição de político que atua junto às lideranças comunitárias pode ser evidenciada na matéria do dia 13 de julho de 1982, onde o Jornal publica: “Braga vai reunir líderes de bairros em Campina”. Através desta, é anunciada uma reunião entre Wilson Braga, José Carlos da Silva Junior e alguns representantes de bairros em João Pessoa. Segundo cita o Jornal, essa mesma reunião deverá ser realizada em Campina Grande, tendo também como objetivo, por parte de Wilson, “ouvir críticas e sugestões do povo que servirão de base para a plataforma de governo”. Ainda segundo o Jornal, Wilson afirma que “pretende trabalhar em comum acordo com o povo para que as denúncias e reivindicações não surjam no seu Governo, uma vez que irá trabalhar junto em benefício da coletividade”.

A visão projetada para Wilson como sendo um político que se identifica com o povo não é especificidade do Jornal da Paraíba, pois grande parte da bibliografia que aborda o Governo de Wilson Braga segue essa tônica. Como exemplo, podemos citar o caso do livro de Altamar Pimentel, *50 anos de vida pública*, onde aparece no verso do livro (capa) uma imagem acompanhada de um pequeno discurso com vistas a apresentar a obra ao leitor.



Figura 2: Wilson Braga em Campanha eleitoral
Fonte: PIMENTEL, Altimar de Alencar. **Wilson Braga:** 50 anos de vida pública. João pessoa, 2005.

Nessa imagem Wilson Braga aparece sentado em uma mesa, colocada logo abaixo de uma árvore. Ao seu lado direito e esquerdo podemos ver dois jovens. Em pé, logo à frente, aparece uma criança, além de várias pessoas, sendo destacado um homem de *short* curto e camisa aberta que dialoga com Wilson fazendo alguns gestos com as mãos.

Abaixo da imagem de capa aparece um texto, onde Wilson é apresentado como o Governador “que mais investiu na estrutura de represamento d’água na Paraíba”, sendo destacado também na “construção de mais de 10 mil moradias em regime de mutirão”. Não bastasse a ênfase na atuação desse governo, o autor, Altimar Pimentel, encerra o discurso com uma frase, que, provavelmente, resume as ideias que ele defende no livro: “Ouviu e interpretou os reclames do povo”.

A imagem acima, apresentando um político sentando-se com a população “humilde” – haja vista a postura de Wilson na cena, que pouco se diferencia da multidão – é significativa na construção do perfil de um “homem do povo”, solidário, “que ouve e compreende os seus reclames” e que busca soluções sempre em conjunto. Seria, como aparece em outras obras que seguem essa linha de pensamento: “um governo com a cara do povo”.

A constante ideia de identificar Wilson com o povo extrapola um perfil direcionado apenas para a atuação política e ganha contornos na formação de um

perfil de indivíduo. Dessa forma, o que as referências que tratam da vida pública de Wilson buscam legitimar principalmente é que a postura assumida por esse político faz parte da sua própria formação humana, de pessoa ligada às raízes populares acostumadas a sofrer a dura vida que ainda se verifica em boa parte da população nordestina.

Quando o Jornal da Paraíba divulga que, em 24 de Julho de 1982, “Wilson Braga deixa seus compromissos políticos para participar de uma audiência com João Figueiredo”, o que se coloca em pauta não é apenas a posição de político assumida por Wilson, mas a ideia projetada pelo Jornal de um político que luta para solucionar problemas que ele mesmo já passou de perto. Embora mergulhando na trajetória de vida desse político possamos perceber que ele vem sim do sertão, mas de uma família de bom poder aquisitivo.

Portanto, ocorre uma inversão, onde o político que assume a postura, como aparece na matéria exposta acima, de lutar em prol dos trabalhadores da emergência¹³, que estavam desempregados e passando fome, passa a ser o homem que já conviveu de perto com tais problemas, amargando ele mesmo uma condição de precariedade. Esta “condição difícil”, um dia enfrentada pelo político e agora divulgada em diferentes meios de comunicação do estado, assume a posição de *slogan* da sua campanha, questão vista inúmeras vezes em políticos como Wilson Braga que constantemente afirmava “o social como prioridade de campanha”.

De forma a reunir em apenas uma matéria todo esse perfil construído sobre o então candidato ao governo Wilson Braga, o Jornal da Paraíba, acompanhando a agenda do político que estava indo a cidade de Patos, publica, em 27 de julho de 1982, a seguinte reportagem: “Braga promete que vai governar com o povo”. Embora o título esteja sugerindo uma atitude que se realizará com a vitória ao governo, a ideia da matéria é apresentar Wilson como um político que durante toda

¹³ Programa implementado pelo Governo Federal na região do semiárido nordestino entre 1979 e 1983, consistia no estabelecimento de medidas com vistas a melhorar a condição de vida dos trabalhadores dessas regiões, atingidos pelas secas, através de estratégias de modernização do trabalho no campo. Para autores como Magalhães (1980, p. 36) esse programa apresenta uma série de limitações como influência clientelística na definição e execução das ações; centralização de decisão a nível dos órgãos federais; baixos níveis salariais; incompatibilidade com as ações de longo prazo; falta de participação das populações vulneráveis no processo decisório; desvios de objetivos com apropriação de resultado por comerciantes e grandes proprietários de terra.

a sua vida pública esteve caminhando lado a lado com o povo. Para difundir essa mensagem, são divulgadas suas metas de governo que supostamente demonstrariam essa “união entre o povo e o político”:

Sindicalismo autêntico, reuniões satisfatórias de créditos para os pequenos proprietários, construção de açudes e de estradas, fortalecimento dos municípios e trabalho para o homem do campo, descentralização da indústria, amparo para os pequenos empresários e incremento das atividades informais, possibilitando emprego para as donas de casa e seus filhos (Jornal da Paraíba, 27 de Julho de 1982, p. 4).

A citação da palavra “pequeno”, ou “pequenos,” que aparece inúmeras vezes na proposta de governo desse candidato, sugere como deixa claro o Jornal ao citar a fala de Braga, a ideia de uma transformação no estado através de um projeto de Governo voltado para a população mais carente. Assim, as metas do político se configurariam como propostas de mudança para um público que supostamente estaria sendo esquecido, mas que agora passaria a ter “vez e voz” através da transformação da “fome do sertanejo” em “condições dignas de sobrevivência”.

Levando em consideração o contexto socioeconômico e político do Brasil e, particularmente da Paraíba, podemos entender o porquê de uma proposta de governo como esta de Wilson Braga durante os anos 1980, que trazia e enfatizava a ideia de trabalhar pelo social, contando com a intensa participação popular. Até porque, todo discurso é filho do seu tempo, tem base e fundamentos no próprio momento vivenciado, uma vez que pretende ser entendido e aceito socialmente.

É preciso pensar, portanto, do ponto de vista político, que no início do anos 1980, o Brasil vivenciava um momento de transição política, onde projetava-se o fim de um longo período de regime militar e as bases que estabeleceriam a volta do regime democrático. Com isso, as eleições de 1982 já se faziam, pelo menos juridicamente falando, dentro dos trâmites democráticos, uma vez que, feita a abertura política para o pluripartidarismo e para o voto aberto e direto para Governador, os brasileiros voltavam novamente as urnas para escolher os seus governantes, pelo menos em nível municipal e estadual.

Como herança do próprio desgaste da ordem militar no Brasil, verificou-se também os seus impactos na política paraibana. A partir da década de 1980, a

Paraíba se via em meio à mudanças na legislação político/partidária que deveriam, de fato, promover transformações significativas. Embora, percebe-se, claramente, a década de 1980 como uma forma de manutenção de estratégias políticas que estiveram presentes ainda no antigo regime (leia-se ditadura militar).

Visualizando os anos 80, nesse sentido, observa-se um processo de democratização que se fazia presente mais na formalidade do que na prática. Basta pensar, por exemplo, as eleições de 1982, que muito embora já se caracterizem pelo pluripartidarismo, permaneceram com um perfil bipartidário, uma vez que a terceira legenda em disputa, o partido dos trabalhadores (PT), não competia em nível de igualdade com outras legendas em disputa na Paraíba, o PMDB e o PDS. Mas não era só esse caráter bipartidário que procurava-se ocultar em meio a um discurso de democratização, inúmeros outros mecanismos estiveram sendo utilizados para promover limites a esse processo:

Se as eleições de 1982, formalmente, implicavam um avanço ao processo de democratização então em curso no país, revestiram-se, na prática, por uma série de mecanismos garantidores de preservação da estrutura de poder vigente, impondo profundos limites ao processo de democratização. Além de vários artifícios jurídicos criados para dificultar o processo de organização, os chamados “casuísmos eleitorais” (permanência da lei falcão, o voto vinculado,), essas eleições foram marcadas, na Paraíba, pelo violento e abusivo uso da máquina estatal em apoio ao candidato e partido do governo (CITTADINO, 1999, p. 128).

Ao mesmo tempo em que se falava de uma legislação realmente democrática, que garantia a participação popular e o direito igualitário de concorrência aos cargos governamentais, buscava-se, nessa mesma legislação, criar mecanismos que assegurassem a manutenção do candidato e partido do governo.

O voto vinculado e a Lei Falcão, mencionados por Cittadino, era uma dessas estratégias de dificultar a presença dos chamados partidos pequenos na Câmara Federal e Assembleias Legislativas. Na primeira, o eleitor tinha mais uma restrição quanto à liberdade de voto, uma vez que só poderia votar em candidatos de um único partido. Na segunda, os candidatos eram impedidos de ter livre acesso aos meios de comunicação, só permitindo a divulgação dos nomes, fotos e currículos, o que impedia a ocorrência de debates e denúncias.

A manutenção das práticas clientelísticas é outro aspecto dessa política desenvolvida nos anos 80. A fim de assegurar a vitória do candidato do governo, o partido promove uma “verdadeira” utilização da máquina estatal e do setor público como um todo, realizando, nas vésperas das eleições, obras e fazendo inúmeras nomeações.

Nos meses que antecederam ao pleito foram realizados pelo Governo do Estado inúmeras nomeações (cerca de 500 só no último dia). O controle exercido pelo executivo estadual sobre os municípios e suas lideranças foi ampliado e diversas repartições públicas transformavam-se em instrumento de captação de votos para o PDS, de tal forma que, ao final das eleições o Governo do Estado não podia pagar ao funcionalismo público e empresas como a CIDAGRO, a UNIÃO, CAGEPA e SAELPA encontravam-se falidas (MELLO *apud* CITTADINO 1999, p. 121).

Muito embora o discurso do grupo político de Wilson Braga apresentasse uma identificação com o povo através do *marketing* de governo social, seguindo justamente as transformações políticas vigentes nos anos 1980, o que se percebe na prática é a utilização de diversos mecanismos que pudessem garantir a sua manutenção no governo. Como exemplo desses mecanismos na política paraibana, vemos as próprias modificações legais que favoreciam os partidos majoritários e o uso indiscriminado da máquina pública.

A questão socioeconômica do Brasil e, especificamente do estado da Paraíba, nos anos 1980 é também um dos fortes elementos que levaram ao surgimento de discursos políticos como o divulgado pelo grupo Wilson Braga. Basta pensar que nesse período o Brasil ainda sofria as crises econômicas que afetaram os países capitalistas nos anos 1970, conhecida como a crise do petróleo. Esse quadro econômico problemático elevou a inflação do Brasil para cerca de 40% ao ano no período entre 1974 e 1978.

Como solução para a crise que se arrastou pelos anos 1980, colocando em xeque o próprio modelo econômico do Brasil, baseado no desenvolvimento a partir do capital privado e externo, o ministro da fazenda no Brasil, Delfin Neto, 1981 a 1983, adotou uma política recessiva que teve como consequências imediatas altas taxas de desemprego, além da queda do PIB e da renda da população. Isso porque,

previa a contenção dos salários, altas taxas de juros e redução do consumo, além dos cortes nos investimentos públicos.

No quadro explicativo apresentado a seguir, verificamos, através do Índice de desenvolvimento Social (IDS)¹⁴, que avalia o crescimento social do Brasil em áreas como saúde, educação, trabalho, rendimento e habitação, como essa crise entre os anos 1970 e 1980 afetou o país, gerando modesto desenvolvimento nesses setores.

ANEXO II
O Índice de Desenvolvimento Social, IDS, e Componentes, 1970-2005

Discriminação	1970						1980					
	Saúde	Educação	Trabalho	Rendimento	Habitação	IDS	Saúde	Educação	Trabalho	Rendimento	Habitação	IDS
Norte	0,421	0,200	0,671	0,346	0,154	0,358	0,683	0,334	0,719	0,510	0,346	0,518
Rondônia	-	0,212	0,666	0,463	0,120	0,365	-	0,260	0,751	0,515	0,208	0,434
Acre	-	0,040	0,673	0,343	0,030	0,272	-	0,254	0,726	0,422	0,250	0,413
Amazonas	0,425	0,220	0,668	0,400	0,161	0,375	0,716	0,356	0,725	0,599	0,434	0,566
Roraima	-	0,209	0,665	0,424	0,114	0,353	-	0,393	0,736	0,502	0,447	0,520
Pará	0,427	0,204	0,674	0,301	0,167	0,354	0,672	0,337	0,712	0,470	0,326	0,504
Amapá	-	0,232	0,643	0,475	0,124	0,369	-	0,412	0,695	0,470	0,490	0,517
Tocantins	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Nordeste	0,159	0,107	0,641	0,221	0,103	0,246	0,352	0,264	0,713	0,375	0,286	0,398
Maranhão	0,285	0,013	0,684	0,189	0,012	0,237	0,452	0,185	0,730	0,293	0,133	0,359
Piauí	0,294	0,038	0,568	0,072	0,028	0,200	0,519	0,207	0,717	0,200	0,180	0,365
Ceará	0,125	0,117	0,615	0,149	0,080	0,217	0,229	0,258	0,715	0,317	0,262	0,356
Rio Grande do Norte	-	0,101	0,594	0,163	0,097	0,191	0,186	0,277	0,701	0,377	0,309	0,370
Paraíba	0,008	0,084	0,617	0,126	0,104	0,188	0,158	0,249	0,702	0,283	0,277	0,334
Pernambuco	0,069	0,177	0,640	0,287	0,186	0,272	0,250	0,332	0,717	0,420	0,386	0,421
Alagoas	0,053	0,064	0,672	0,246	0,105	0,228	0,227	0,228	0,708	0,384	0,300	0,369
Sergipe	0,179	0,078	0,651	0,280	0,132	0,264	0,451	0,258	0,708	0,384	0,369	0,434
Bahia	0,277	0,119	0,662	0,273	0,107	0,288	0,522	0,270	0,707	0,455	0,304	0,452
Sudeste	0,493	0,390	0,692	0,574	0,502	0,530	0,668	0,540	0,745	0,725	0,739	0,684
Minas Gerais	0,426	0,245	0,663	0,354	0,243	0,386	0,656	0,424	0,732	0,584	0,493	0,578
Espírito Santo	0,520	0,234	0,675	0,375	0,248	0,410	0,763	0,441	0,728	0,578	0,532	0,609
Rio de Janeiro	0,503	0,475	0,686	0,622	0,652	0,588	0,659	0,625	0,728	0,741	0,822	0,715
São Paulo	0,534	0,433	0,714	0,673	0,592	0,589	0,667	0,562	0,761	0,806	0,833	0,726
Sul	0,581	0,302	0,701	0,468	0,263	0,463	0,756	0,482	0,749	0,651	0,585	0,645
Paraná	0,509	0,221	0,712	0,398	0,179	0,404	0,688	0,414	0,748	0,597	0,497	0,589
Santa Catarina	0,597	0,286	0,691	0,438	0,253	0,453	0,751	0,492	0,740	0,679	0,617	0,656
Rio Grande do Sul	0,692	0,376	0,693	0,527	0,348	0,527	0,849	0,536	0,755	0,691	0,650	0,696
Centro-Oeste	0,468	0,196	0,665	0,384	0,161	0,375	0,697	0,418	0,736	0,574	0,421	0,569
Mato Grosso do Sul	-	-	-	-	-	-	0,719	0,322	0,627	0,607	0,390	0,533
Mato Grosso	0,518	0,164	0,688	0,636	0,092	0,420	0,720	0,380	0,886	0,504	0,285	0,555
Goiás	0,450	0,139	0,644	0,293	0,110	0,327	0,659	0,357	0,726	0,472	0,343	0,511
Distrito Federal	0,421	0,507	0,708	0,686	0,534	0,571	0,729	0,686	0,762	0,801	0,829	0,761
Brasil	0,381	0,287	0,677	0,449	0,314	0,422	0,576	0,447	0,735	0,611	0,557	0,585

Figura 3: O Desenvolvimento Social Brasileiro (IDS), 1970-1980.

Fonte: IDS, tabulações especiais IBGE: Censos demográficos 1970, 1980, 1991 e 2000; Pnad 2005 citado por Albuquerque (2007).

Analisando os índices do quadro podemos verificar que, de modo geral, o Brasil apresentou, entre as décadas de 1970 e 1980, um crescimento em torno de

¹⁴ O IDS fundamenta-se em base de dados construída para os anos 1970-2005 a partir principalmente dos Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, Pnad, de 2005, e do Sistema de Contas Nacionais (atualizado em 2007), todos eles produzidos e divulgados pelo IBGE (ALBUQUERQUE, 2007). Entretanto, neste trabalho, utilizamos como referência apenas as décadas de 1970 e 1980, haja vista ser esse o período de recorte do presente trabalho.

0,163. No caso específico da Paraíba, percebemos que o IDS, comparando-se as duas décadas, quase dobrou, passando de 0,188 para 0,334. Porém, em comparativo com os demais estados da Federação, como os vizinhos Pernambuco e de Rio Grande do Norte, a Paraíba apresenta índices inferiores, chegando a ocupar o último lugar em relação ao IDS Brasileiro, de maneira geral.

Considerando a situação socioeconômica da Paraíba ao longo da década de 1980, como ficou evidente no quadro exposto acima, podemos entender a viabilidade e aceitação de discursos políticos, nesse período, que conclamavam “o social como prioridade de campanha”, haja vista verificarmos que o estado paraibano aparecia no cenário brasileiro como um dos mais dependentes de políticas sociais que buscassem promover o bem estar social a partir da melhoria das condições de saúde, educação, trabalho, renda e habitação.

Nessa perspectiva, de posse de um cenário socioeconômico e político favorável, o grupo político de Wilson Braga articulou uma campanha, ou um modelo de fazer política, que afirmava sua ligação com o povo. Tal proposta política era visível em reportagens que compõem jornais como o Gazeta do Cariri, especialmente durante os anos do primeiro mandato de Wilson, já como governador da Paraíba.

De maneira geral o Jornal busca enfatizar as obras realizadas durante o governo, que, segundo ele, estariam voltadas a atender à necessidade dos mais carentes. É bastante sugestiva também a forma como os títulos dessas reportagens são elaborados. Isso porque, se percebe um criterioso jogo de palavras visando chamar a atenção imediata dos leitores para o que será mencionado a seguir. Dessa forma, aparecem títulos como: “Da Promessa à Realidade, Braga Cumpre Promessa: Reforma Agrária no Sertão”; “Um Programa Arrojado do Governo Wilson” e “13º Para Todos”.

Numa dessas sugestivas reportagens, na edição de agosto de 1984, o Jornal divulga a entrega de um conjunto habitacional na comunidade Ernani Satyro, João Pessoa-PB, evento este organizado pela Fundação Social do Trabalho (FUNSAT). Sob o título “Feito com taipa e com solidariedade”, a reportagem apresenta uma sucessão de discursos que destacam e exaltam a figura do então governador do estado, Wilson Braga.



Figura 4: Wilson Braga e secretários na entrega de casas na Vila da Palha em João Pessoa-PB

Fonte: Acervo pessoal da família do fundador do jornal. Agosto de 1984.

Nos discursos aparecem primeiro as palavras do governador Wilson Braga, que havia destacado como uma das características do seu governo "uma política que sai do asfalto para as periferias", que deixa "o luxo dos gabinetes com ar condicionado, as mordomias, para juntar-se aos favelados". Visando confirmar seu discurso, Wilson também apresenta os programas que estaria desenvolvendo, como o Canaã, recuperação de hospitais, construção de unidades sanitárias e mutirão (Gazeta do Cariri, agosto de 1984).

Em outro discurso, aparecem, agora, as palavras da então presidente da FUNSAT, Lúcia Braga. Como Wilson, Lúcia também teria destacado essa "união entre o povo e o governo", descrevendo o evento como um "capítulo novo na história da Paraíba", afirmando ser esta a "primeira vez em que povo e governo caminham lado a lado, visando resolver os problemas".

A fim de confirmar todo o discurso divulgado na reportagem, uma importante estratégia do Jornal foi a suposta apresentação de outras entrevistas, agora não mais destacando discursos das lideranças do governo, seria nesse momento “a vez e a voz do povo”. O Jornal Gazeta do Cariri destaca, assim, as falas dos líderes locais como Ulisses Pinheiro, presidente da Associação de Moradores Locais da comunidade Ernani Satyro, em João Pessoa, que havia elogiado o projeto por acreditar que ele “favoreceu o intercâmbio com outros habitantes da região e integrou os moradores locais”. Aqui é possível perceber como essa fala se assemelha claramente ao discurso empreendido pelo governador e pela “primeira dama”.

Os aplausos e elogios ao governador aparecem ainda mais nítidos na fala de outras lideranças locais. Gentil Borges, tribuno, que havia enfatizado a “humanidade do governador” e os líderes da comunidade Taipa, Damião Matias e João Pereira, que também destacaram a “sensibilidade, amor e respeito pela gente humilde como marcas de um governo voltado para a causa do pobre”.

Na referida reportagem o governo Wilson é representado a partir de uma política que não impõe limites para ajudar as populações mais carentes. Wilson é visto como um pai que se aproxima dos seus filhos (o povo) saindo de toda a sua comodidade (salas com ar condicionado) e oferecendo o melhor para eles, no sentido não só da habitação, mas em todas as áreas sociais. Visão essa perceptível na reportagem, uma vez que, paralelamente a entrega do conjunto habitacional, ocorre a promoção de diversos outros eventos: serviços de saúde, apresentações teatrais, expedição de documentos, cortes de cabelo e suposto encaminhamento de pessoas para inscrição em trabalhos, que como se afirma no jornal, “com empregos quase certos”.

Esse comportamento administrativo do governador que seria para o Jornal Gazeta do Cariri bastante positivo e espelhava a “sensibilidade” de Wilson com os mais carentes, não foi visto sempre desse modo. Como demonstra Mello o comportamento administrativo do governador foi marcado também por inúmeras críticas:

Descontrolada expansão da burocracia com superposição de órgãos como FUNSAT; controle clientelístico da máquina estatal; fortalecimento de empreiteiras beneficiadas com vultuosos contratos de obras públicas, mediante comissões arrecadadas por agentes do

poder público e execução de obras de duvidoso retorno (Mello, 1993, p. 221)

Nesse sentido, é possível pensar em todo o jogo de interesses que existia por trás desse discurso jornalístico, uma vez que as ditas realizações do governo se justificam também pelos benefícios que receberia quando da realização das obras. Até porque, diferentemente do que divulga o Jornal, autoras como Cittadino (1999, p.128-129) apresentam críticas contundentes a esse governo, demonstrando uma atuação política voltada principalmente para si e não visando sempre o bem estar das populações mais carentes, como era divulgado no slogan de campanha e nos projetos do governo.

Essa proposta, de apresentar um governo que atua em harmonia com o povo, também se verifica através de análise da matéria publicada em março de 1984. Através de um caderno especial, que tinha como propósito parabenizar o governo do estado por completar um ano de mandato, observa-se já a partir do próprio título – “Povo e governo num grande mutirão” – essa tentativa de demonstrar a união entre o político e a população, sobretudo os mais necessitados.



Figura 5: Reportagem sobre o Programa Mutirão.

Fonte: Acervo pessoal dos familiares do fundador do jornal Gazeta do Cariri. Março de 1984.

Na matéria o governo do estado é visto como positivo ao se avaliar um ano de supostas realizações. Na ocasião, os elogios enfatizam que, embora atravessado por crise e seca, o governo conseguiu garantir a convivência do homem do campo com esses problemas, cumprindo também os seus compromissos com o funcionalismo e fornecedores. É destacada uma administração apresentada como atuante em todos os setores, que vai ao encontro das populações carentes, percebe suas necessidades e junto a elas procura meios de solucionar os problemas.

Vale lembrar que essa posição do Jornal Gazeta do Cariri se justifica pela própria condição ideológica do seu fundador, Leomarques Francisco da Silva, uma vez que ocorria entre ele e o Governo Wilson Braga uma relação político/partidária. Leomarques, como importante político de atuação na cidade de Juazeirinho-PB, tendo sido Vereador neste município e candidato a Prefeito no final da década de 1970, fazia parte da base política de Wilson Braga, portanto, o Jornal atua na condição de promover a política governamental. Fato que se justifica também através das inúmeras notas de patrocínio, encontradas durante a pesquisa, recebidas por este Jornal durante o mandato de Wilson como governador da Paraíba.

A questão principal que aparece nos diferentes meios de comunicação, que discorrem sobre a imagem de Wilson Braga, passa sempre pela ideia de continuísmo de uma atuação parlamentar. Por isso, verifica-se a constância em algumas matérias de descrever Wilson como um “homem testado e aprovado”, que já carregava em seus ombros 16 anos de vida pública. Portanto, projetava-se nesses veículos a imagem de um político que se diferenciava dos demais, uma vez que as suas propostas não se configuravam como metas criadas para ludibriar o eleitor nas vésperas da campanha, mas eram tidas como projetos de toda uma vida, que começaram a surgir durante a sua trajetória como sertanejo que nunca esqueceu as suas raízes.

Wilson é percebido como um político que tem uma maneira própria de fazer política, fugindo de modelos tradicionais, uma vez que seu planejamento para o estado seria diferenciado, ocorrendo, “uma ação de baixo para cima, escutando o povo e beneficiando a grande massa de desempregados”. Ele é construído a partir da imagem de um político sensível as necessidades do seu povo, cuja satisfação

estaria na solução dos problemas da população mais carente do estado. Daí toda a propaganda pautada em um projeto voltado para pequenas ações e pequenos empreendimentos, como o trabalho através da aproximação com as lideranças sindicais, propondo o estabelecimento de cooperativas, tidas como importantíssimas para o desenvolvimento da Paraíba.

Em entrevista concedida a imprensa local o deputado, e candidato a governo do estado, Wilson Braga afirmou que a sua ascensão política deveu-se a sua atuação na Câmara Federal junto aos sindicatos [...]. afirmou ainda o candidato ao governo do Estado que terá um planejamento diferente, feito de baixo para cima, escutando o povo, beneficiando a grande massa de desempregados, com pequenas indústrias de quintal, maiores oportunidades de emprego (Jornal Diário da Borborema, 22 de junho de 1982).

O *marketing* de Wilson nos jornais parte da ideia de continuação da atividade parlamentar, por isso uma das formas de caracterização desse político é a divulgação de um perfil de homem público, cujas ações são tomadas sempre em conjunto com o povo em geral. A aproximação entre político e povo ganha no Diário da Borborema, por exemplo, um alcance surpreendente, chegando ao ponto de determinadas acusações, como a questão da utilização de fundos do governo na campanha desse político, ser interpretada como financiamentos que vinham dos próprios grupos sociais, como funcionários públicos, médicos e empresários. Deixava-se a entender, com isso, que seria a própria iniciativa do povo, destinado a lutar com todas as suas forças, que colocaria Wilson Braga no poder.

Nesse sentido, a imagem pública que é atribuída a Wilson, pelo menos nesse lado da moeda, é a de um político que entende as necessidades mais urgentes da população, pautando a sua campanha em uma proposta de governo que não é propriamente sua, mas de todo um povo. É o político que irá manter a luta pelas bases sociais que o qualificaram como o “deputado do algodão”¹⁵, seguindo assim as propostas elaboradas como parlamentar que lutava pela previdência social, segurança do trabalho e assistência ao homem do campo em todas as suas esferas.

¹⁵ O título atribuído a Wilson como sendo ele o “deputado do algodão” aparecem em artigos como o de Gilvan de Brito no artigo “Dificuldades dos cotonicultores paraibanos” (Correio da Paraíba, 18 de Outubro 1975).

A partir dessa imagem pública projetada sobre a figura de Wilson Braga, podemos pensar nos diferentes papéis assumidos pelos atores políticos, descritos por Schartzenberg (1978), em sua obra “O Estado Espetáculo”. Nesta, o autor defende que os políticos, dependendo do contexto cultural em que se inserem, podem desempenhar o papel de:

- a) Herói;
- b) Líder charmoso
- c) Nosso pai;
- d) Tipo igual a todo mundo.

Seguindo esses papéis, na ótica de Schartzenberg (1978), os personagens políticos atuam de diferentes maneiras: ora com ar de autoridade, superioridade e simpatia, ora com aspecto de homem que traz em si uma bondade excepcional, um líder incontestado, humilde, capaz de cuidar do povo e solucionar seus principais problemas. No quadro a seguir verificamos mais detalhadamente as características desses quatro papéis assumidos pelo ator político, na ótica de Schartzenberg (1978).

Variáveis	Características
Líder charmoso	O líder charmoso tem ar de autoridade e superioridade, mas algumas vezes se aproxima do povo com sua simpatia. Seu foco está na sedução; ele acredita que através da sua elegância e beleza conquistará o voto. O líder charmoso passa, na maioria das vezes, a imagem de irmão com a característica dominante: a solidariedade. Podemos citar como exemplo, o atual senador da Paraíba, Cássio Cunha Lima, que conquistou a admiração e fidelidade dos eleitores através da sua beleza, simpatia e inteligência marcante. Inteligência essa que ele deixa transparecer através da sua boa oratória. Maior prova disso foi o resultado da sua candidatura quando se elegeu Senador da PB em 2010 por 1.004.183 votos. Mesmo tendo o seu registro de candidatura negado pelo TRE e pelo TSE com base na Lei Ficha Limpa, ficando impossibilitado de assumir o cargo de imediato, é um dos

	<p>políticos beneficiados em 23 de março de 2011 com a decisão da maioria dos ministros do Supremo Tribunal Federal de não retroagir a Lei Ficha Limpa fazendo a mesma valer somente a partir das eleições municipais de 2012, conseguindo assim, o direito de assumir o Senado Federal.</p>
Herói	<p>O ator político encarna um ídolo, uma pessoa com bondade excepcional e triunfante, fadada à vitória e a façanhas, alguém que impõe respeito e recebe admiração. É aquele político que vai resolver o problema, o homem fora do comum, que procura atender a todas as necessidades do povo, o salvador.</p>
Nosso Pai	<p>É o defensor dos fracos, o 'pai do povo', líder populista a quem o povo pede ajuda. É o político que vai cuidar dos pobres, fracos e oprimidos. Aqui nós podemos trazer como exemplo, o ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva que perdurou por dois mandatos consecutivos como chefe do Executivo na presidência entre os anos de 2003 a 2010. Utilizando dos seus antecedentes que faziam parte da massa brasileira da classe média, e os seus projetos sempre voltados para a melhoria da classe C, Lula foi reconhecido como o pai dos pobres. É um exemplo de político adorado por uma maioria. Apesar de terem acontecido escândalos, a exemplo do caso do “Mensalão” em seu mandato, isso não foi o suficiente para manchar a sua imagem. Isso se deu porque o presidente sempre se preocupou em não se envolver em tais escândalos e, sempre procurou cumprir com as suas promessas de campanha eleitoral.</p>
Tipo Igual a Todo Mundo	<p>O ator político age com normalidade, humildade e enaltece os pontos em que se compara à situação em que vivem os demais. O homem comum também representa o conformismo, geralmente trabalhando com ideias recebidas e com lugares comuns. Ele aumenta o Sentimento de segurança do público.</p>

Quadro 1: Diferentes papéis comumente representados pelos líderes políticos

Fonte: NÓBREGA, Ilus Khaney Gomes de Medeiros. A construção da imagem do ator político na atualidade: - in: WWW.insite.pro.br.

Com base na leitura do quadro construído por Nóbrega (2013, p. 5), e na postura que diferentes veículos de comunicação paraibanos apresenta ao se reportarem a Wilson Braga, podemos pensar esse político a partir de dois papéis descritos por Scharzenberg (1978): O “Herói” e o “Nosso Pai”. O primeiro por verificamos que a Wilson é atribuído, por inúmeras vezes, a ideia de um político de extrema bondade, um “salvador” do povo “castigado” da Paraíba. O segundo, em função das descrições que ele também recebe por parcela da imprensa paraibana, bem como pelos seus marqueteiros, que afirmam ser Wilson “um pai”, “um político defensor dos mais necessitados”.

Mas não podemos direcionar o nosso olhar apenas para um lado da moeda, é preciso revirá-la e perceber o que se encontra do outro lado. Seguindo essa tônica, podemos verificar que o que estava ocorrendo na Paraíba ao longo da década de 1980 não era simplesmente a divulgação de um candidato ou partido de modo a qualificá-lo como a melhor opção que a Paraíba tinha disponível. Era, na realidade, a montagem de um palco, uma arena de guerras e conflitos de imagens que se projetavam para serem apreciadas, consumidas, pelos leitores paraibanos desse período

Isso porque, não podemos ser inocentes acreditando que uma imagem pública chega a ser aceita de maneira unânime, sem enfrentar oposições. Portanto, uma das ideias que sempre está presente na política e que pode ser facilmente pensada através desses conceitos, é a de guerra: “a política é quase tão excitante quanto à guerra, e tão perigosa quanto ela. A diferença é que na guerra só se morre uma vez” (CARVALHO, 1999, p. 42).

Como demonstra Gomes (1999, p. 30) tentar administrar e controlar uma imagem pública não é tarefa fácil e, poderia até afirmar a sua impossibilidade de maneira geral, haja vista que, muito embora uma determinada representação sobre um ator político se sobressaia, sempre existirão outras formas de representação dessa mesma figura política. Surge, assim, inúmeros entraves para impedir esse controle da imagem pública, como exemplo está à constante atuação da mídia, que representa o interesse de diversos grupos, agindo de forma a recodificar a mensagem, além da própria recepção que nem sempre acaba sendo a “ideal”.

Outro obstáculo significativo a essa atividade de controle e administração de uma imagem pública, é indiscutivelmente a presença de outros atores políticos que também criam e tentam manter a sua imagem pública. Sendo assim, além da projeção de uma imagem pública, faz-se necessário ainda ir de encontro a essas imagens produzidas pelos outros atores políticos que, por sua vez, atuam na construção de um perfil negativo para os seus adversários políticos, gerando uma “verdadeira” guerra na política de imagens.

Ainda no cenário atual a palavra “guerra” é facilmente perceptível, principalmente durante as eleições, quando cada grupo e ator político tenta projetar a sua imagem ao público, na maioria das vezes utilizando-se da ideia de antagonismo. Ocorre na arena política o uso de diferentes estratégias para desqualificar o outro e afirmar-se a partir de imagens positivas: “na perspectiva da política como guerra, o que predomina é a astúcia, o uso estratégico da força para derrotar o inimigo [...]” (CARVALHO, 1999. p. 45).

Para Silva e Marques (apud NÓBREGA, 2013, p. 11-12) existe um processo de construção e desconstrução da imagem pública que obedece a três etapas fundamentais. Neste processo as características de construção e desconstrução da imagem pública seguiriam os mesmos critérios de observância, o que leva esses autores a pensarem que, da mesma forma que uma imagem sobre determinado político acaba sendo erguida ela poderia também, inversamente, ser desconstruída. No quadro a seguir podemos ter em mente, de maneira mais detalhada, esse processo.

ETAPA DE CONSTRUÇÃO DA IMAGEM	
Produção de Imagem	Divisão do trabalho e cooperação entre os membros da equipe de <i>marketing</i> . Adequação dos interesses dos atores políticos às estratégias publicitárias.
Controle e difusão da imagem na esfera pública	Adequação dos elementos discursivos da imagem a quadros de sentido coletivos. Conhecendo as expectativas gerais.
	Trabalho colaborativo e em equipe feito

Gerenciamento da circulação da imagem nos media	pelos profissionais encarregados pelo monitoramento de mídia – assessores de imprensa.
ETAPA DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM	
Produção de Imagem	Divergências, desestrutura da equipe, descompasso entre a imagem ansiada e a imagem projetada.
Controle e difusão da imagem na esfera pública	Falta de coesão partidária e consequente recepção negativa da imagem do candidato junto à opinião pública.
Gerenciamento da circulação da imagem nos media	Ausência de trabalho integrado, fragilidades na imagem geradas por desentendimentos intra e extrapartidários.

Quadro 2: Etapas de Construção e Desconstrução de uma Imagem Pública
 Fonte: NÓBREGA, Iluskhanny Gomes de Medeiros. A construção da imagem do ator político na atualidade: - in: WWW.insite.pro.br.

Dessa forma, percebemos que apenas a construção da imagem pública não garante por si só uma recepção que atinja os ideais traçados por um grupo ou por uma figura política. Outros elementos vão se somando para a consolidação de uma imagem positiva para o público, como a própria questão de superar os obstáculos que atuam na construção de outra imagem, por vezes negativa. Para tanto, o cenário político assume a condição de uma arena de conflitos e embates, de guerras de imagens.

No cenário eleitoral de 1982 e 1986 podemos verificar essas disputas de imagens. No primeiro momento, entre os dois candidatos ao governo, Wilson Braga (PDS) e Antônio Mariz (PMDB) e, no segundo momento, entre o próprio Wilson Braga e o seu antigo aliado em 1982, Tarcísio Burity. Não perdendo de vista também as disputas acirradas de Wilson com o seu principal adversário na campanha para o Senado em 1986, Raimundo Lira, do PMDB. Tal embate, durante esses dois pleitos refletiu-se de maneira positiva e negativa para Wilson Braga, pois à medida que foi sendo construída uma imagem pública de Wilson, que o qualificava

como político do povo, foi sendo apresentada também outra imagem pública que o descrevia como um político de medidas impopulares.

Através das páginas do Jornal Diário da Borborema, em edição de 26 de junho de 1984, podemos perceber como a principal oposição a Wilson Braga nesse período, o PMDB, tratou de construir e divulgar uma imagem pública diferente daquela propagandeada na mídia pelo grupo de Wilson, que tinha como representação partidária o PDS:

O deputado federal Carneiro Arnaud, do PMDB, denunciou na Câmara Federal que Wilson Braga deu um presente de grego aos agricultores do perímetro irrigado de São Gonçalo, por ter, em outubro de 82, as vésperas das eleições, conseguido junto ao governo do Estado, a retirada dos medidores de energia, com o intuito de agradar os colonos, com vistas a captação de votos. Segundo ele, (passada a eleição) tratando-se de medida antipática, perversa e anti-povo, o governador promoveu a ligação dos medidores com participação da SAELPA e elementos da polícia militar, perseguindo o povo (Diário da Borborema, 26 de junho de 1984).

Uma vez aberto agora o espaço para críticas à atuação de Wilson Braga no Jornal Diário da Borborema, pois percebemos nas pesquisas desse Jornal diversas matérias que elogiam a atuação do governador, começa a ser colocado em pauta também a questão das suas ações durante a campanha eleitoral. Assim, é divulgada a matéria: “Deputado faz crítica a Wilson Braga”, onde o Deputado Federal Carneiro Arnaud (PMDB) teria afirmado que Wilson “deu um presente de grego aos agricultores do perímetro irrigado de São Gonçalo”. Através dessa afirmação o político estaria denunciando que nas vésperas da eleição Wilson teria conseguido, junto ao governo, retirar os medidores de energia dessa área, apenas com o intuito de captar votos na eleição. Com isso, após o pleito, segundo cita o Jornal, Carneiro afirma que a SAELPA logo foi instalar novamente os medidores, agora cobrando tarifas ainda mais altas que antes.

Nessa matéria Wilson é visto como um político que assume a atitude de “mimar o povo” na véspera das eleições, buscando apenas interesses pessoais, uma vez que o que distribuía era “um presente de grego”. Ele é descrito como um enganador que se utiliza de medidas “antipáticas, perversas e anti-povo”, chegando ao ponto de organizar elementos da polícia militar para perseguir a população, em

função de um falso benefício que ele mesmo havia distribuído para o povo e agora estava tomando de volta.

Como partido de oposição governista, o PMDB realizou de diversas maneiras essa construção do político Wilson Braga. Através de figuras políticas como o deputado peemedebista Carneiro Arnaud e, principalmente de outras personalidades da política paraibana, que ocuparam ainda maior destaque político do que Arnaud nesse cenário, como é o caso da figura de Tarcísio Burity e de Raimundo Lira, esse partido se lançou na mídia paraibana apresentando o seu principal adversário político a partir de uma imagem negativa, à medida também que se apresentava como um partido mais estruturado e preparado para assumir os rumos governistas nesse estado.

As políticas desenvolvidas e divulgadas pelo grupo Wilson Braga na mídia paraibana, que afirmavam um compromisso exclusivo com a causa social e que, conseqüentemente, colocavam Wilson na descrição de “um novo pai dos pobres”, em virtude da sua atuação política descrita como preocupada com os mais carentes, ganham outros contornos nas páginas dessa mesma imprensa paraibana, como é visível no Diário da Borborema.

Sempre a partir de comentários de políticos peemedebistas, o que se verifica nas matérias, que fazem referência a essas obras sociais do governo Wilson Braga, são as denúncias de irregularidades, que apontam para o beneficiamento individual desse político e não para uma preocupação com a condição de vida enfrentada pelo paraibano ao longo da década de 1980. Nesse sentido, ver-se as críticas direcionadas a Wilson pelo seu adversário político em 1986, Raimundo Lira, no Jornal Diário da Borborema:

O deputado Raimundo Lira, candidato a uma das vagas do senado, criticou ontem o ex-governador Wilson Braga, candidato ao senado pelo PDS/PFL, por ter destruído a economia do estado da Paraíba, pensando em manter-se politicamente e conquistar vitórias eleitoreiras, através de sacolas de comidas, depois de empobrecer os paraibanos (Diário da Borborema, 5 de setembro de 1986).

Tendo como título, “Raimundo Lira diz que Wilson Braga destruiu a economia da Paraíba”, o Jornal destaca a fala do candidato do PMDB ao senado que havia criticado o ex-governador, visto por ele como responsável por destruir a economia

da Paraíba. Nessa matéria, Wilson é descrito como um político que tenta garantir-se politicamente através do uso de estratégias com vista à “manipulação popular”, uma vez que estaria agradando ao povo, com a distribuição de “sacolas de comida”, depois de ter atuado no empobrecimento desse mesmo povo.

De acordo com a fala de Lira, Wilson seria um político desonesto e irresponsável, pois havia deixado de atender moradores da cidade de Cruz do Espírito Santo, atingidos pela seca que estavam vivendo em condição de miséria, morando em barracas. Segundo a mesma matéria, Wilson teria utilizado os recursos financeiros, destinados a essa localidade, em aplicações no mercado financeiro, desviando também outros recursos do estado para a sua campanha e a de Marcondes Gadelha. Com isso, a atitude de Wilson em distribuir cestas básicas para essa população, conforme discutido na matéria, não passaria de estratégia eleitoreira de um político que provoca a miséria para depois beneficiar-se dela.

Seguindo-se a ideia projetada por Raimundo Lira, o Jornal apresenta outras matérias que apontam a reprovação das contas do ex-governador Wilson Braga, bem como as ações deste para “burlar” a lei e aprovar tais contas. Nesse sentido, a edição de 20 de setembro de 1986 faz referência a esse fato, anunciando que a “Assembleia se reúne no dia 25 para julgar as contas de Braga”. Através da matéria, é divulgada a fala do Deputado Estadual Waldir Bezerra, presidente do diretório municipal do PMDB, que havia afirmado a disposição que o PDS e PFL estavam tendo para colocar as contas de Wilson Braga, referentes a 1985, reprovadas pelo Tribunal de Contas, em votação na Assembleia.

Waldir Bezerra, segundo o Jornal, teria destacado a sua insatisfação com as irregularidades presentes nas contas do ex-governador, enfatizando o desvio de recursos, que seriam para atender aos moradores de Cruz do Espírito Santo, como suficientes para um parecer contrário à aprovação. Teria também demonstrado a sua insatisfação e pessimismo quanto à reprovação, pois dava como certa a aprovação das contas, uma vez que o governo contava com a maioria na bancada legislativa, denunciando que os parlamentares não estavam interessados em fazer justiça, mas que prevalecia sobre ela o interesse pessoal.

Indo ainda mais além, o Jornal Diário da Borborema denuncia que o governo estaria utilizando algumas ações para encobrir supostas irregularidades nas contas de Wilson Braga. Dentre essas ações, o Jornal cita que o Tribunal de Contas do estado teria sido cassado pelo governo com a finalidade de encobrir diversas

irregularidades ocorridas durante a gestão de Wilson. Dessa forma, é apresentada a fala do Conselheiro do Tribunal de Contas, Antônio Carlos Escorel, que confirma a iniciativa do governo em cassar competências desse tribunal com a finalidade de encobrir “irregularidades gravíssimas em órgãos estaduais”. Assim, é listada na matéria uma série de pontos que explicariam o desvio de recursos públicos pela gestão do ex-governador.

Dentre os pontos, são apresentadas algumas secretarias e departamentos do governo Wilson que estariam envolvidos nos desvios de recursos públicos. Como exemplo é apontado o Departamento de Estradas de Rodagem (DER) que, segundo o Jornal, chegou a realizar pagamentos por obras inexistentes, citando o caso da rodovia de Pilar, Br 230, que ainda não estava concluída, mas já tinha sido quase totalmente paga. A denúncia sobre essa rodovia era também em relação à pavimentação que, de acordo com a fala do citado conselheiro, teria sido pagos 700 metros quadrados, mas sem que fosse sentada uma única pedra de paralelepípedo.

O outro lado da moeda nos revela, portanto, uma construção de Wilson Braga que toma como referência outros elementos. Wilson não é mais pensado através da descrição de um homem público que está a todo momento estabelecendo estratégias para sanar os principais problemas enfrentados pela “população sofrida” da Paraíba. Não é visto, nesse sentido, como o político do social, do povo, mas, ao contrário, ele é descrito principalmente como mais um dos muitos estadistas que se preocupam unicamente com o seu “umbigo”, com o favorecimento próprio.

Na edição de 06 de junho de 1986, do Jornal da Paraíba, percebemos um dos perfis que mais se atribuiu a Wilson Braga nos jornais, por parte de opositoristas à sua posição político/partidária. Nesta, aparece a visão do Deputado José Luís Junior (PMDB) que compara a atuação política de Wilson às artimanhas e estratégias traçadas para o governante, segundo o filósofo Maquiavel, na crônica “A Raposa e o Leão” (O Príncipe, cap. XVIII). Através da interpretação dessa crônica, José Luís resume o que ele acredita ser o estilo de administrar, de governar de Wilson Braga, destacando as suas “artimanhas”, a sua habilidade política para fazer e desfazer alianças, transformando antigos inimigos em parceiros políticos. O deputado, mesmo em alguns momentos utilizando-se da ironia, não deixa de fazer críticas diretas a essa postura política assumida por Wilson, chegando a afirmar que ele “haverá de responder pelos crimes, escândalos e por todo o mal que fez a Paraíba”.

De político do povo a político “anti-povo”, essa é uma das constantes brigas ideológicas que foram ganhando espaço na mídia paraibana ao longo da década de 1980, quando tomava como referência a imagem pública dessa importante personalidade política conhecida como Wilson Braga. No que concerne à sua atuação enquanto governador da Paraíba, iremos explorar mais profundamente adiante como a sua imagem pública ocupou no cenário midiático paraibano uma dualidade: de político atuante, mesmo em épocas de crise, a um político descrito como responsável por estabelecer um estado de insegurança, crise e calamidade na Paraíba.

1.2 Wilson Governador: de herói a vilão na Paraíba?

Wilson Braga assumiu o mandato em um período de forte crise econômica no Brasil, durante o governo do presidente João Batista Figueiredo. O país passava por um processo de abertura política que colocaria fim a um regime de 20 anos de governo militar. Era um momento de reivindicações e pressões populares, como a chamada greve do ABCD, tendo como finalidade a busca por maiores direitos através do estabelecimento do regime democrático.

Esse clima de instabilidade política, econômica e social foi amplamente veiculado na mídia, ganhando papel de destaque nas edições dos principais jornais paraibanos ao longo dos anos 1980. No caso específico da Paraíba, era frequente nesses jornais o levantamento de balanços que especulavam como a crise no país afetaria diretamente o Estado. Mas, embora ressaltando os efeitos da crise, alguns desses veículos de comunicação, a exemplo do Jornal da Paraíba, continuam apresentando o governo de Wilson Braga como atuante, mesmo enfrentando dificuldades presentes em todo o cenário nacional.

O governador da Paraíba, Wilson Braga, vem enfrentando dificuldades para superar os prejuízos causados pela política de arrocho salarial que tem afetado o estado. Braga está esforçando-se ao máximo para resolver os problemas junto ao Ministério da Fazenda (Jornal da Paraíba, 11 de dezembro de 1983).

Na edição de 11 de dezembro de 1983 é divulgada a matéria: “Aumenta a crise no estado”, onde o Jornal ressalta as dificuldades que o governador vem

enfrentando para superar a crise brasileira, destacando os prejuízos da Paraíba com a política de “arrocho salarial”¹⁶. Esta matéria, ao mesmo tempo em que destaca a crise, procura dar ênfase também a postura de Wilson Braga que, segundo o Jornal, estaria “esforçando-se ao máximo para resolver os problemas junto ao Ministério da Fazenda”. Como forma de comprovar essa atuação de Wilson, é citada, na mesma edição, outra matéria que afirma: “R\$ 36 milhões para o Brejo: Braga beneficia pequenos agricultores”, sendo divulgado o levantamento de fundos conseguidos pelo governador para a realização do Projeto Garimpo¹⁷, que seria desenvolvido na região do Curimataú paraibano.

Ao consultar algumas edições de 1983 do Jornal da Paraíba chegamos muitas vezes a ligeira impressão de que a crise só poderia existir em outros estados brasileiros, sendo a Paraíba um estado que estaria desfrutando de um grande crescimento em diversas áreas, em função da “excelente atuação do governador”. Wilson é construído nesse momento como um político que conta com o apoio dos comerciantes, que estariam confiantes na sua capacidade de buscar recursos para a Paraíba. É citado ainda como “um homem eficiente” que tem em si “depositada a esperança de milhares de paraibanos”.

Além do apoio dos comerciantes, jornais como o Gazeta do Cariri, em particular, divulga uma série de programas governamentais que começaram a ser desenvolvidos durante o ano de 1983, que estariam beneficiando a população de maneira direta e indireta. Dentre esses programas é dado um amplo destaque à implantação da Fundação Social do Trabalho, FUNSAT, tendo a frente a primeira dama do estado, Lúcia Braga. Este órgão, segundo o Jornal, estaria desenvolvendo um grande programa que atingiria algumas áreas tidas como emergentes: alimentação, moradia e capacitação para o mundo do trabalho.

¹⁶ Arrocho salarial é a consequência de uma política salarial cujos reajustes não acompanham a inflação. Pode ocorrer como política de governo ou decorrente da livre negociação entre empresas e trabalhadores. Pode atingir tanto o salário mínimo de um país como os salários acima dele.

¹⁷ Com recursos do Programa de Emergência administrado pela SUDENE para atender as populações rurais de baixa renda atingidas pela grande seca de 1979-1984, os governos dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, através de suas estatais de mineração (CDM-RN/CDM-PB), criaram em 1983 seus próprios Projetos Garimpos que, embora apresentassem algumas diferenças quanto ao modo de atuação em relação ao governo federal, se constituíam numa atividade de superposição de esforços. (FORTE, 1994, p.16-17). O autor refere-se também ao fato de que a cooperação da SUDENE com as companhias estatais na gestão do programa das frentes de emergência foi uma estratégia para capitalizar as CDRM's do Rio Grande do Norte e da Paraíba.

O chefe do executivo paraibano reafirmou que estava empenhado para a construção de mais escolas, eletrificar propriedades até agora esquecidas, e, sobretudo, promover o bem-estar social das famílias mais pobres, trabalho este que já vem sendo desenvolvido e se estendendo a todas as regiões da Paraíba, através da FUNSAT (Jornal Gazeta do Cariri. Maio de 1984).

A FUNSAT apresentava uma boa relação com a Gazeta do Cariri, uma vez que era um dos órgãos que mais patrocinava esse Jornal. Dessa forma, esse órgão em geral e a própria figura da “primeira dama” tinham sempre espaço garantido no referido Jornal, algo que servia também como um forte reflexo para essa imagem de governo atuante e competente que foi sendo construída ao longo de inúmeras publicações.

Nesse sentido, através da relação entre a Gazeta do Cariri e a FUNSAT originou-se uma série de reportagens que enalteciam os supostos “grandes feitos da mulher do governador” e, conseqüentemente, do próprio Wilson Braga. Um exemplo dessa boa relação, verificou-se nas comemorações do mês de maio referente ao dia das mães, onde a figura de Lúcia Braga é colocada como “Uma mãe símbolo na Paraíba”. A partir da utilização de algumas imagens, onde a “primeira dama” aparece participando de reuniões com a população e distribuindo alimentos, assim como de um texto bastante argumentativo, o Jornal apresenta Lúcia como um exemplo de mãe a ser seguido pelas paraibanas:

Queremos, neste dia, prestar-lhe o tributo da mais carinhosa homenagem e, no intuito de generalizar a homenagem a cada uma e a todas as mães, pobre ou rica, branca ou preta, feliz ou açoitada pelos ventos do infortúnio, a todos reunimos e consagramos numa mãe – símbolo, aquela que por ser a primeira dama do estado, tem um compromisso maior de ser solidária com todas as mães paraibanas (Jornal Gazeta do Cariri, maio de 1984, p. 04).

Observa-se na citação acima que o jornal enfatiza o “destino” como uma explicação para a situação difícil enfrentada pelas mulheres paraibanas. Algo que nos remete novamente a Mello (1993, p. 221), quando o autor cita os casos de

corrupção denunciados durante o governo Wilson, contraponto significativo para desconstruirmos discursos dessa natureza.

No Jornal também é perceptível a presença de inúmeras imagens onde aparece a figura da “primeira dama” quase sempre na companhia de multidões e “realizando” algumas etapas relacionadas aos programas que estariam sendo desenvolvidos pela FUNSAT. Na imagem que se segue, é possível identificar uma criteriosa organização do cenário a fim de transmitir através do texto imagético a construção de uma “verdade” que já estaria presente no forte discurso que aparece no Jornal.



Figura 6 – Lúcia Braga Leite e moradores em João Pessoa-PB.

Fonte: acervo pessoal dos familiares do fundador do jornal Gazeta do Cariri. Maio de 1983.

Na imagem aparece a “primeira dama” realizando a entrega de cestas básicas a uma população carente quando da comemoração do dia das mães. É possível visualizar um jovem elevando a sacola com a feira e as duas senhoras próximas a Lúcia segurando alimentos, fazendo aí certa encenação para a câmera fotográfica. Nesse sentido, através do texto escrito e imagético é representada a figura de uma mulher caridosa, solidária, ou seja, uma mulher com a “cara” do governo Wilson Braga.

É visível em muitas matérias que tratam do governo Wilson a construção de uma imagem pública do governador, bem como da sua equipe de governo,

articulada à ideia de trabalho. Essa construção ocorre de tal forma que podemos dizer que a pessoa política de Wilson chega a ser metamorfoseada em trabalho, como se ambas as palavras, Wilson e trabalho, fossem verdadeiros sinônimos. A Gazeta do Cariri desempenha essa função na matéria intitulada “Agora é lei: 13º para todos”, onde aparece um discurso do governador destacando, segundo afirma o Jornal, a “incessante atuação” em prol dos servidores públicos do estado e implantação com “muitas dificuldades” de aumentos semestrais e 13º salário para todos os seguimentos.

AGORA É LEI. 13º PARA TODOS.

WILSON BRAGA
Governador

Encontrei o funcionalismo público da Paraíba com os vencimentos em atraso. Foi a herança que recebi, depois de uma campanha em que tinha prometido conceder aumentos semestrais e 13º salário aos servidores estatutários. Não era apenas uma promessa. Era, sim, um compromisso assumido com a classe a que sempre dediquei a maior admiração. Não foi fácil vencer o primeiro obstáculo: atualizar o pagamento dos salários, numa fase em que o Estado só tinha dívidas a pagar. Mas conseguimos colocar a folha em dia. Depois, a seguir, um aumento compatível com as disponibilidades do Tesouro. E partimos, então, para o cumprimento de nossos compromissos. Veio o segundo aumento, e com a semestralidade assegurada em lei. Era resposta dada aos que aguardavam da promessa

vantagens adicionais dos grupos Justiça e Polícia Civil; pagamos as etapas suplementares ao pessoal ativo e inativo da Polícia Militar; revisamos e atualizamos o Estatuto dos Funcionários Públicos Estaduais, nele introduzindo novos benefícios e vantagens; e estamos implantando gradativamente a ascensão funcional no grupo Magistério. São atos que não dão inauguração nem corte de fita simbólica. Por isso mesmo, não constam no jornal, no rádio ou na televisão. Mas o servidor pode comprová-lo no contra-cheque. E isto é o que importa. Agora, no Dia do Funcionário, o Governo cumpre mais um compromisso, estendendo o 13º salário aos estatutários, ativos e inativos. É mais uma etapa vencida, mais uma conquista a festejar. Uma conquista obtida na forma da lei. Agora o 13º é para todos.

Figura 7: discurso de Wilson Braga sobre o funcionalismo público.

Fonte: Gazeta do Cariri. Dezembro de 1984.

Embora o governador esteja divulgando no Jornal os seus “feitos”, afirma, seguidamente, que os seus atos não aparecem nos meios de comunicação. Percebe-se também em suas palavras um forte apelo: o governador se coloca como político preocupado com o bem estar do funcionário público, atuando, segundo o discurso, sem limites para oferecer melhores condições de salários ao trabalhador paraibano, através do estabelecimento de um “programa arrojado”, dentro das condições difíceis que vivia a Paraíba.

Essa imagem de homem metamorfoseado em trabalho não é exclusiva do Jornal Gazeta do Cariri. Basta analisar, por exemplo, as diversas reportagens divulgadas no Jornal da Paraíba (1983-1986) para perceber também a divulgação desse perfil do então governador. Algo que se explica pelo fato da Gazeta contar com a participação de editores e colaboradores do Jornal da Paraíba, como Tarcísio Cartaxo, que assumia na época a função de editor político do Jornal da Paraíba, Araújo Neto, editor e municipalista, Willians Monteiro, chefe de reportagem, e Armando Lira, sub-editor. Daí também verificarmos na pesquisa a semelhança entre diversas reportagens que aparecem em ambos os jornais.

Para formulação e divulgação dessa imagem pública apresentada sobre o governo Wilson Braga, nos dois jornais citados acima, verificamos a utilização de dois perfis, que atuam simultaneamente na construção desse *marketing* político do grupo Wilson Braga. No primeiro plano, a própria imagem de Lúcia Braga, que é construída através da FUNSAT, desempenhando a função de dar a Wilson à feição de administrador social, promessa feita durante a campanha. No segundo plano, a imagem de Wilson que é aproximada da sua atuação em angariar recursos para a Paraíba. Isso porque são inúmeras as matérias que tratam das viagens de Wilson, quando o governo chegou por várias vezes a ser ocupado pelo vice José Carlos da Silva Junior, figura que ganha também espaço nas edições do Jornal da Paraíba e do Gazeta do Cariri.

Portanto, Wilson é percebido como o mentor dos projetos que estariam sendo desenvolvidos. Ele atuaria na função de pensar as ideias e garantir as condições para que elas não ficassem apenas no papel, mesmo que para isso tivesse que superar crises enfrentadas no próprio país. Porém, de nada bastaria a garantia de recursos se não houvesse uma equipe eficiente para colocar os projetos em prática, é aí que se cria todo um cenário nos jornais dando ênfase a outras figuras, sendo encaradas como altamente importantes para uma boa atuação do governo. Assim, Lúcia Braga, o vice-governador e todo o quadro de secretariado ocupam essa função, sendo descritos como uma equipe “do mais alto grau”, competentes para resolver os principais problemas que afetam a Paraíba.

Mesmo diante do esforço de determinados meios de comunicação podemos verificar facilmente que a vida do Governador Wilson Braga na imprensa paraibana não se deu apenas a partir dessas descrições, sempre com tons de aplausos e exaltação a esse grupo político. Em relação a atuação do governador, muitas

também foram as notícias que desqualificavam totalmente a administração desse grupo político que se encontrava à frente do governo estadual, nos anos 1980.

Nas páginas do Jornal Diário da Borborema encontramos outras versões para pensar essa ideia de governo Wilson Braga, principalmente quando o referido Jornal começa a divulgar falas de lideranças políticas que se mostram insatisfeitas com a atuação do governador. Algumas dessas falas aparecem principalmente durante as cogitações sobre a possível aliança PMDB/PDS:

O deputado estadual Marcus Odilon (PMDB) advertiu ontem aos dirigentes do seu partido para os perigos de se fazer acordo com o governo Wilson Braga, com vistas às eleições de 1986, afirmando que quem apoia esse acordo está tentando passar uma esponja nas perseguições sofridas pelos correligionários, efetuadas tanto por parte do governador como dos seus auxiliares (Jornal Diário da Borborema, 26 de junho de 1984).

A descrição que Marcos Odilon faz de Wilson Braga nos dá a nítida impressão do período de regime militar que ainda estava instalado no Brasil, mesmo que no seu último ano. Ao longo da matéria ele vai descrevendo Wilson como um político que “demite, persegue e manda encarcerar centenas de partidários da oposição”, uma atitude que nos leva a pensar ainda nos primeiros anos do regime quando foi cessada a nossa liberdade política, estabelecendo uma onda de perseguições e prisões no Brasil.

A declaração de Odilon divulgada no Jornal também nos leva a pensar na própria inversão que o perfil político de Wilson sofre nesse momento. É provável que essa fala de Odilon estivesse associada a algumas matérias veiculadas no Jornal da Paraíba que ressaltava a “boa atitude do governador” em cortar gastos, diminuindo o “peso da folha salarial”: “Repercutiu favoravelmente em todo o estado as medidas iniciais de Wilson. Contenção de despesas que foram julgadas desnecessárias, entre elas, as somas inadequadas de salários” (Jornal da Paraíba, 18 de março de 1983).

Carregando a informação de eufemismo, o que o Jornal da Paraíba na verdade estava referindo-se era à onda de demissões em massa ocorridas no início da gestão de Wilson Braga, uma prática frequente com a mudança de gestão ou durante o início de mais um mandato político. Isso porque, ao longo da campanha

eleitoral ocorre, costumeiramente, a admissão de um grande número de funcionários públicos, em regime de contrato, uma ação meramente eleitoreira para captar votos durante o pleito, mas que causa um “inchamento” provisório na folha salarial, levando, inevitavelmente, a essas demissões posteriores à eleição.

Quando analisamos as matérias do Jornal Diário da Borborema, a partir de 1984, temos a impressão de estar lendo as mesmas matérias veiculadas no Jornal da Paraíba, só que contadas através de novas versões, de outro ponto de vista. É o caso, por exemplo, das divulgações de 09 de junho, quando o Diário trata da questão do 13º para os servidores. Na matéria é destacada as críticas do deputado Ramalho Braga que cobrava a implantação do 13º salário para os servidores, segundo cita o Jornal, promessa feita em praça pública. Na sequência, a mesma matéria apresenta a crítica ao reajuste que Wilson teria dado, sendo afirmado que este deveria ser de 100%.

Um dos episódios que contribuiu de maneira decisiva para a difusão de uma imagem pública negativa do grupo Wilson Braga, minando decisivamente a sua campanha para o Senado em 1986, foi, sem sombra de dúvidas, as denúncias de envolvimento do então governador no assassinato de Paulo Brandão Cavalcante, empresário que administrava o Sistema Correio de Comunicações. Acrescidas a essas informações, o Jornal Diário da Borborema atuou na divulgação de supostas tentativas de assassinato ao candidato ao governo do estado, pela oposição, Tarcísio Burity, anunciando, na maioria dos casos, a possível participação de lideranças da Aliança Liberal (PDS/PFL) em ameaças e tentativas de assassinato a integrantes da Coligação Democrática Popular (PMDB/PP).

O caso Brandão é retomado com toda força durante os meses que antecederam pleito de 1986, sendo divulgado por parte do Jornal o início dos interrogatórios dos envolvidos nesse assassinato. Assim, é citado, em 25 de setembro, que a justiça estava tomando depoimentos do chefe da casa militar do ex-governador Wilson Braga, Coronel José Geraldo Alencar, e do sub-tenente Edilson Tibúrcio, ficando para a próxima semana, para serem ouvidos, outros acusados de envolvimento, como o Sargento Manoel Celestino e o Cabo José Alves de Almeida.

A Justiça tomou os depoimentos do chefe da casa militar, do ex-governador Wilson Braga, Coronel José Geraldo Alencar, e do Sub – tenente, Edilson Tibúrcio, acusados de envolvimento no assassinato do empresário Paulo Brandão, e ouvirá, na próxima semana, o

Sargento Manoel Celestino e o Cabo José Alves de Almeida (Cabo Teixeira) também apontados, pelo procurador geral de justiça, José Fernandes, como envolvidos no crime (Jornal Diário da Borborema, 25 de setembro de 1986).

Não mencionando amplamente o nome de Wilson, o Jornal apenas afirma que os acusados atribuíram o crime aos adversários, interessados em atingir o ex-governador que, por sua vez, mesmo sendo apontado como mandante do crime, foi retirado do processo porque não “havia provas suficientes para que ele fosse denunciado”.

Nessa perspectiva, embora o Jornal aponte que o nome de Wilson foi afastado do processo, não deixa, no entanto, de afirmar que ele chegou a ser incluído no processo, sendo a falta de provas suficientes o meio que levou Wilson a não ser denunciado. A ênfase também em nomes de referência que atuaram em seu governo aparecem na matéria como um indício claro da participação desse governo, mesmo que de maneira indireta.

Dessa forma, podemos perceber que a candidatura de Wilson Braga, bem como da sua aliança partidária, foi duramente atacada pelo Jornal, sobretudo, através da exposição de um perfil totalmente negativo dos candidatos e dos partidos que compunham a base situacionista na Paraíba. O próprio nome de Marcondes Gadelha foi alvo de críticas nas páginas desse Jornal, tomado como responsável direto pela tentativa de assassinato ao candidato da oposição Tarcísio Burity.

Desconhecidos dispararam, na madrugada de ontem, contra a casa do ex-prefeito de Catolé do Rocha, José Sergio Maia, perfurando a janela de um quarto, onde, segundo um proprietário, deveriam ter pernoitado, o Deputado Tarcísio Burity e o Senador Humberto Lucena. Ontem, em entrevista, Burity decidiu responsabilizar, por qualquer atentado a sua vida e a de sua família, o Senador Marcondes Gadelha, com quem disputa o governo do estado, o ex-governador Wilson Braga e o governador Milton Cabral, que viu no incidente uma farsa montada com fins eleitoreiros” (Jornal Diário da Borborema, 24 de setembro de 1986).

Enquanto o Jornal da Paraíba descrevia o fato como uma espécie de teatralização do candidato Burity, com fins a promover a sua candidatura ao governo

do estado, utilizando para isso a fala dos candidatos situacionistas, o Jornal Diário da Borborema apresentava o assunto como uma verdade, descrevendo-o com riqueza de detalhes. Isso porque, passado dias da matéria, acaba sendo divulgada outra matéria, agora em 02 de outubro, onde Marcondes é acusado por peemedebistas de esconder os pistoleiros em sua fazenda. Nesta nova matéria, além das acusações ao candidato da situação ao Senado, o Jornal descreve também a fala do ex-prefeito de Catolé do Rocha, que tentava rebater as críticas que estavam sendo divulgadas sobre a montagem de uma farsa nesse caso.

1.3 Wilson Braga: a descrição de um grupo político desesperado em 1986

Analisando o conteúdo presente em grande parte das reportagens do Jornal Diário da Borborema, nas edições de 1986, podemos perceber que esse Jornal corresponde, de maneira brilhante, às estratégias da oposição em passar uma ideia da situação como desesperada que, prevendo o fracasso nas eleições, utiliza-se de todos os meios para reverter a situação. Wilson Braga e Marcondes Gadelha são vistos nesse meio de comunicação como políticos que usam de medidas desesperadoras como a violência, a compra de votos, o uso de propaganda eleitoral ilegal, bem como a utilização de pressões a populares, visando garantir as eleições em 1986.

As matérias de 1986, no Diário, apontavam sempre para a vitória do candidato Tarcísio Burity, sendo divulgada uma ampla margem de votos sobre o candidato da situação, Marcondes Gadelha. Já Wilson Braga, visto por muitos como um nome certo à vitória nas eleições, aparecia em várias pesquisas em terceiro lugar, perdendo para os candidatos do PMDB, Humberto Lucena e Raimundo Lira. Um quadro totalmente distinto das pesquisas realizadas no Jornal da Paraíba que, embora vez por outra demonstrando a superioridade de Burity, afirmavam na maioria das vezes a vitória de Marcondes Gadelha.

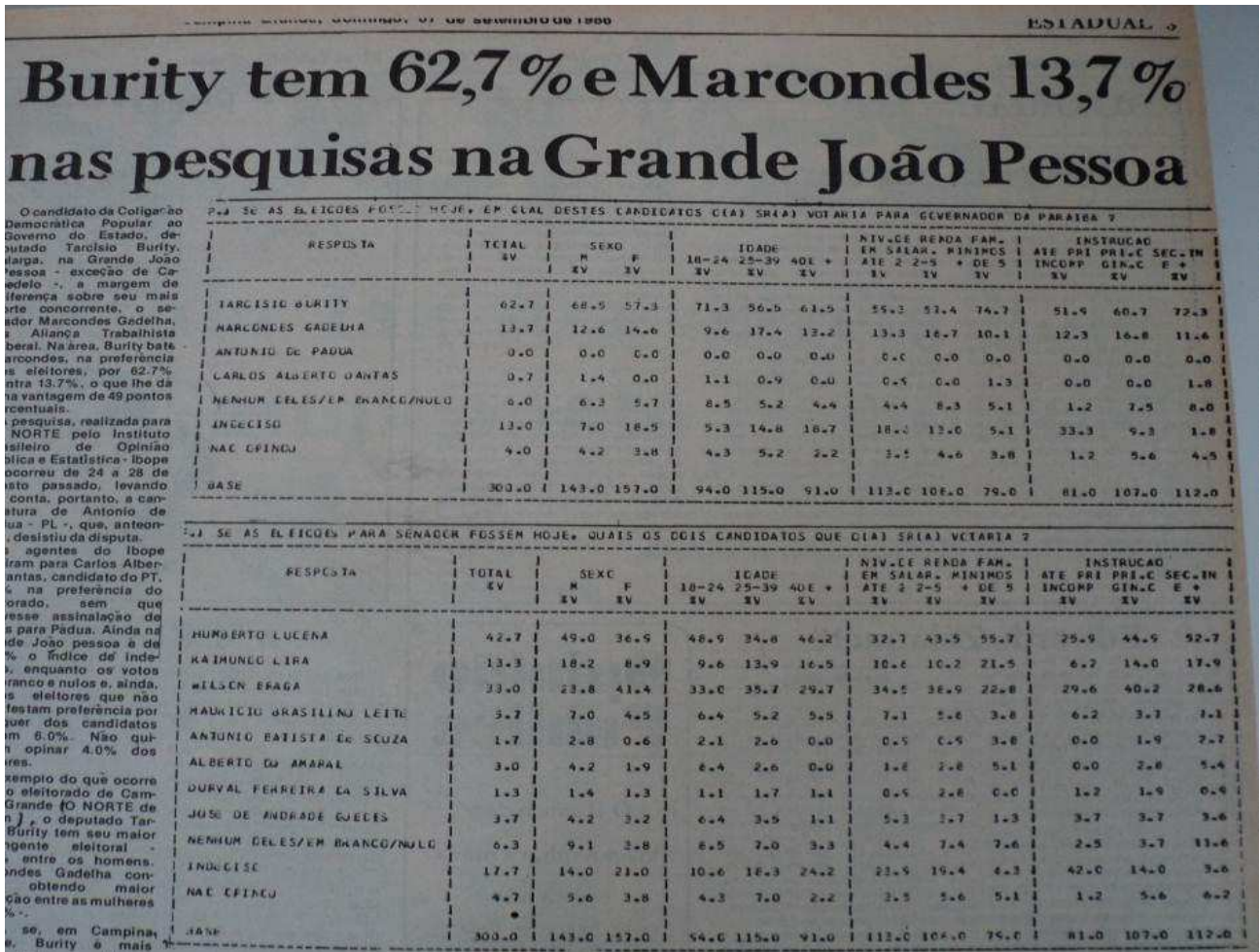


Figura 8: Resultado das Eleições em João Pessoa-PB
Fonte: Jornal Diário da Borborema, edição de 7 de setembro de 1986

Nesse sentido, a divulgação da vitória da oposição no Jornal se fazia tanto através da citação de dados de prévias eleitorais, quanto através da construção de um perfil da situação como instável, cambiante, desesperada e algumas vezes, dividida. Para cada matéria que divulgava as pesquisas, aparecia também outra demonstrando uma Aliança Liberal que promovia articulações para reverter o quadro negativo. O Jornal chegava ao ponto de apresentar com minuciosos detalhes como o PDS e o PFL estariam se organizando para “barrar avanços da oposição”.

A Aliança Trabalhista Liberal está preparando uma grande ofensiva, a ser posta em prática a partir de hoje e até o primeiro dia de apuração das eleições, com o objetivo de neutralizar o avanço da Coligação Democrática Popular que tem como candidato o deputado federal Tarcísio Burity. Todas as estratégias da ofensiva foram

elaboradas na Escola do Serviço Público (Espep), em Mangabeira, onde funciona o quartel general da campanha do senador Marcondes Gadelha e do Ex-governador Wilson Braga, em reunião realizada esta semana com a participação de todos os coordenadores, inclusive o financeiro (Jornal da Paraíba, 20 de setembro de 1986).

Na matéria do dia 20 de setembro podemos ver um exemplo de como o Jornal se pronunciava em relação à Frente Liberal sobre a campanha de 1986. Nesta, que tem como título “PDS e PFL tentam barrar avanço de Burity comprando voto do eleitor”, o Jornal afirma que esta aliança estaria preparando uma grande ofensiva a ser colocada em prática até o dia da apuração. Tal ofensiva estaria sendo elaborada, segundo o Jornal, cuidadosamente na Escola do Serviço Público em Mangabeira, onde Marcondes Gadelha e Wilson Braga tinham se reunido com a participação de todos os coordenadores da campanha.

A ideia veiculada no Jornal era que a situação teria se reunido com os seus coordenadores estabelecendo, em reunião, 07 itens que seriam colocados em prática durante a campanha. Dentre esses itens estaria a compra de votos, a utilização de propagandas em diversos municípios, como forma de intimidação, distribuição de feiras, indo até a distribuição de boletins falsos aos eleitores da oposição para que estes “errassem na hora de votar”. O desespero dos candidatos da situação estava tão grande, para o Jornal, que chegava-se a cogitar a possibilidade de tentativa de fraude nas eleições, favorecendo assim aos candidatos do governo.

A própria Lúcia Braga, candidata ao cargo de deputada federal, antes descrita no Jornal como uma figura de destaque, recebe nas edições de 1986 uma divulgação negativa do seu perfil, tendo sido criticada por supostamente “causar problemas durante a distribuição de Leite na Paraíba”. Segundo a matéria de 02 de outubro, Lúcia e membros do seu comitê, estavam realizando seus comícios sempre onde eram distribuídos *tickets* para aquisição de leite doado pelo Governo Federal. Para o Jornal, o tumulto tinha se iniciado quando a candidata tentava, através dos seus depoimentos, “sensibilizar as mães carentes, afirmando que o leite era distribuído pelo seu intermédio, sendo contestada pelos responsáveis da concessão do benefício que haviam suspenso a distribuição.

Sendo concedida no Jornal a oportunidade para alguns membros da comissão de distribuição do leite se pronunciarem, estes haviam descrito a candidata

como “causadora de tumultos”, que já havia sido alertada e mesmo assim não tinha parado de fazer as suas “propagandas” em cima do programa do Governo Federal. Lúcia aparece na matéria como mais um dos políticos que se aproveitam de determinadas situações para comprar a “boa fé” da população, se apropriando de projetos do governo para alavancar a sua candidatura.

Portanto, o ano de 1986, para o grupo político de Wilson Braga, pelo menos nas edições do Jornal Diário da Borborema, nem de longe se compara às descrições que esse mesmo grupo recebeu em 1982, no próprio Diário. A pesquisa nos revela uma inversão nas matérias, por parte desse meio de comunicação, uma vez que durante o pleito de 1982, o grupo político de Wilson Braga, tendo como representação partidária o PDS, era visto como estruturado, como o mais preparado e certo para assumir os rumos administrativos da Paraíba.

No pleito de 1986 essa situação se inverteu totalmente, uma vez que o próprio PMDB, duramente criticado pelo Diário, descrito em 1982, por esse veículo, como desorganizado e desesperado, ocupa a posição que antes cabia ao PDS, sendo agora visto (o PMDB) como o mais preparado para assumir os cargos administrativos na Paraíba. O PDS, por sua vez, aparecia nesse momento como um partido próximo da sua falência, desesperado, que caminhava inevitavelmente para uma grande derrota em 1986.

Da popularidade à impopularidade, de uma imagem pública positiva a uma imagem pública negativa, essa foi a tônica das matérias analisadas nesse capítulo sobre a figura política de Wilson Braga. Verificamos, com isso, como o cenário da política paraibana torna-se um palco para diferentes dramatizações dos atores políticos utilizando-se, para isso, do poder e influência que os meios de comunicação exercem na projeção de uma mesma personalidade política. No próximo capítulo propomos um debate sobre a aproximação da imagem pública de Wilson Braga a um projeto de campanha, o Canaã, verificando como esse projeto é divulgado pelo grupo Wilson Braga a fim de construir a imagem de um governo social.

CAPÍTULO II – NA TERRA DE CANAÃ: O PROJETO CANAÃ COMO MARKETING DO GOVERNO WILSON BRAGA

Portanto, desci para livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel (Bíblia Sagrada, versão Almeida Revista e Corrigida, 2010, p. 63).

No contexto religioso, bíblico, a “terra boa, que mana leite e mel”, não era apenas a do Cananeu, mas também do povo amorreu, ferezeu, heteu, heveu e jebuseu. Nessa visão, o inimigo não era a seca ou a falta de planejamento, e sim a condição de escravidão que os hebreus enfrentavam no Egito, ao longo dos governos faraônicos. O líder, nesse caso Moisés, não se assumia enquanto propagador de um discurso político, humano, mas como um “verdadeiro” representante divino, muito embora o objetivo discursivo permanecesse: o de convencer uma grande multidão.

A ideia de conquistar uma terra “boa, que mana leite e mel”, é retomada com toda força, após milhares e milhares de anos, no cenário paraibano da década de 1980. O contexto agora é outro, bem como também os personagens dessa nova trama. Não se trata mais, discursivamente, de tomar a força um território, transformando, através da posse, a condição de vida de uma grande multidão. Trata-se, na realidade, de modificar o território ocupado, nesse caso a Paraíba é vista como o próprio Egito, propondo iniciativas que tire o povo da “escravidão”, melhorando, conseqüentemente, a sua condição de vida.

O novo Moisés, propagador desse discurso não se investe propriamente de uma posição de verdadeiro representante divino, embora ocupe a cena pública como um homem de fé, religioso, defensor da ética e da moral cristã. Seu objetivo, assim veiculado no plano midiático, seria não o de propor a “guerra justa”, a guerra religiosa, mas lutar contra os principais agentes escravizadores da população paraibana: a miséria, a fome, a falta de investimentos para convivência do homem com o seu lugar de origem, o sertão.

Wilson Braga se faz, nos anos 1980, como o arquiteto desse novo Projeto Canaã, ocupando, no cenário político, o papel daquele que apresentaria todas as condições para colocar o estado da Paraíba no caminho do desenvolvimento.

Através de impressos como o Jornal da Paraíba e a Gazeta do Cariri, Wilson assume a cena pública afirmando-se enquanto político de raízes populares, que traz no Projeto Canaã iniciativas pensadas através da própria intervenção popular.

Transformar um projeto, jargão ou símbolo, como marca que faz lembrar uma determinada figura política não é uma realidade exclusiva do grupo político de Wilson Braga. Na história política brasileira percebemos que essa questão é quase uma constante nas diferentes esferas do poder público brasileiro. Basta pensar, por exemplo, em figuras presidenciais como Getúlio Vargas, nos anos 1930 e 1950, e Jânio Quadros, nos anos 1960.

No caso de Getúlio Vargas, vemos a sua constante afirmação através da ideia de ligação com a classe trabalhadora, referindo-se quase sempre a esse grupo em seus discursos com a famosa frase: “trabalhadores do Brasil”. Outra marca também de Getúlio, na construção da sua imagem pública, foi, sem sombra de dúvida, a utilização do “coração” como símbolo do seu governo. O coração simboliza, enquanto órgão, o centro da própria vida, que sendo desligado geraria à morte. Assim, na campanha varguista, o coração era o símbolo de uma união generosa e harmônica entre Getúlio e o povo, que se desfeita também ocasionaria à morte.

No caso específico de Jânio Quadros, vemos a aproximação massiva desse político com a ideia de um personagem que acabaria de vez com os casos de corrupção no Brasil, se eleito em 1960 para presidente. Dessa forma, sendo o mote da campanha de Jânio o conhecido “varre, varre vassourinha”, a figura desse político era constantemente associada a vassoura, objeto utilizado para simbolizar o fim da “sujeira”, como era vista a corrupção no país.

Nesse sentido, como arquiteto de um projeto supostamente idealizado pelo povo, Wilson alavanca a sua campanha de 1982 transformando o Canaã na sua principal marca de governo. Questão esta bem visível quando nos reportamos para as principais matérias jornalísticas veiculadas nesse período, que tratam da trajetória de atuação do político Wilson Braga. Tais matérias acabam, quase sempre, relacionando Wilson ao Projeto Canaã, mesmo quando o cunho das reportagens deixam de lado os elogios e partem para as críticas.

2.1 Política e Mídia: o *marketing* como uma estratégia política

Com a influência cada vez maior dos meios de comunicação de massa no processo político, acompanhamos importantes mudanças na organização e meios de se fazer política. Se antes a representação de um grupo ou ator político baseava-se exclusivamente na retórica, hoje, outros elementos ganham destaque, como a questão do próprio *marketing* político:

As estratégias da comunicação e do *marketing* político são exercitadas através de uma nova categoria de profissionais produtores de discursos gerenciadores de imagens públicas, cujo trabalho está criando um novo modo de fazer política através do estabelecimento de regras ambíguas de relacionamento com os políticos e as instituições (WEBER, 2000, p. 20).

As transformações nos meios de comunicação atingiram diretamente o campo político, que agora se apresenta também como um espaço de mercadejar, onde grupos e atores políticos ganham a cena como produto a serem consumidos, que deverão satisfazer os desejos dos cidadãos que aparecem como os verdadeiros consumidores. A estratégia do *marketing* empregado à política oferece a ela a condição, muitas vezes, mais de desejo do que de necessidade, abrindo espaço para uma gama de regras que tem como metas a construção de uma imagem pública que vai ao encontro dos desejos do “cidadão-consumidor”: “os desejos revelados ou submersos do povo são os alvos que o *marketing* político pretende atingir com suas regras e conselhos” (CARVALHO, 1999, p. 33).

Ocupando uma posição central e atuando na condição de mediar às questões do campo político para a sociedade, a mídia tem assumido uma função que, se não pode ser caracterizada como de controle, no mínimo, deve ser percebida como forte influenciadora no debate e no jogo político de modo geral. Dessa forma, à medida que ela sofre mudanças que alteram a sua própria lógica, atingem diretamente o campo político que passa agora a se orientar também a partir de novos elementos, embora não deixando de lado alguns aspectos tradicionais.

Basicamente, os meios de comunicação de massa se constituem, hoje, em peças centrais do jogo político, uma vez que é somente através deles que os

agentes políticos podem apresentar para um público significativo as suas interpretações particulares acerca de quais são os principais problemas que se deve enfrentar, quem são os responsáveis por eles, a quem cabe resolvê-los e que soluções são cabíveis (ALBUQUERQUE, 1999, p. 39).

Nessa perspectiva, se verificamos que uma das lógicas que faz parte dos meios de comunicação de massa atuais é a questão do entretenimento, podemos supor que essa característica adentra também o campo político na contemporaneidade, uma vez que sendo a mídia o elemento que atua na relação entre a política e a sociedade, torna-se necessário que o campo político se adapte as regras do sistema midiático.

Seguindo a lógica da indústria midiática, os grupos e atores políticos precisam ser produtores de emoções, de verdadeiros espetáculos a fim de garantir que os seus temas sejam consumidos de uma forma vista como a “ideal”. Assim, o campo político abre espaço para elementos como o lúdico, o efêmero, o espetacular, visando garantir o consumo através do entretenimento: “vivemos também a época da política publicitária, portanto, da política sedução” (LIPOVETSKY, 1989, p. 20).

Em consonância com o pensamento de Balandier (1980, p.67) podemos entender que nesse contexto da política atual, fortemente influenciado pelos meios de comunicação de massa, que segue, assim, a lógica do entretenimento, a persuasão política centra-se mais no espetáculo do que propriamente na argumentação. Os elementos ficcionais acabam assumindo também um papel de destaque dentro dessa lógica política midiática, ocorrendo uma incessante tentativa de adaptar a mensagem a um padrão de recepção que esteja mais adequado aos indivíduos (receptores):

Adotando uma forma espetacular, o discurso político torna-se menos entediante, menos ‘estranho’; aqueles que não se interessam por ele podem encontrar aí certo interesse, ainda que não seja político, alimentado pelo pega dos políticos em evidencia ou pelo show do homem arena (LIPOVETSKY, 1989, p. 201).

Para essa transformação da política em espetáculo cabe mencionar a difusão da própria mídia televisiva, que modificou as relações dos atores políticos com o público e consolidou a ideia de duelo e/ou arena política através dos famosos debates, agora vistos para um público mais amplo. Nestes debates, aparece ainda

outra característica fruto da produção midiática e publicitária: o uso da poética na produção de elementos que oferecem sustentação para o teatro político, atuando tanto através de representações como através de encenações.

Na busca incessante de convencer e sensibilizar o público alvo (os eleitores) os atores políticos utilizam a poética como um elemento que assume a sua importância nesse campo tal qual a retórica, trazendo para a política questões como a emoção, o desejo e a sedução. A notícia, por sua vez, precisa passar por um rigoroso trabalho de planejamento para que as estratégias atinjam devidamente seus objetivos: “a cada vez mais fatos-encenação e fatos-notícias planejados segundo precisas estratégias poéticas para serem irresistíveis para os produtores de notícias, portanto, programados para serem falados e mostrados” (GOMES, 1994, p. 12).

Levando em consideração essas questões apresentadas podemos verificar como o grupo Wilson Braga se utiliza das estratégias midiáticas para difundir a sua marca política para o público. Em inúmeras documentações, como edições de jornais e livros publicados, Wilson é apresentado através do *marketing* de um governo que atua de acordo com os interesses do povo, por pautar a sua atuação no “social como prioridade”. Na construção da imagem desse político ocorre o uso de diversas estratégias que visam aproximá-lo da população carente do Nordeste e, em particular, da Paraíba. Wilson chega a ser descrito como homem sensível, amoroso, como um político que se diferencia dos demais por conhecer de perto as dificuldades do seu povo.

Portanto, tomando como base o pensamento teórico exposto por autores como Balandier (1980), Lipovetsky (1989), Gomes (1994) e Carvalho (1999) verificamos que a imagem pública de Wilson Braga é construída através dessa influência que a mídia exerce sobre o campo político atual. Dessa forma, para além de uma figura política, Wilson pode ser visto como uma marca que procura se adaptar às novas exigências do consumidor (os eleitores). Para isso, são utilizadas as estratégias próprias da indústria midiática (entretenimento, encenação, poética) com a finalidade de construir e difundir uma imagem pública que garanta a permanência desse político no campo.

2.2 Conhecendo o Projeto Canaã

"Propiciar aos trabalhadores rurais sem terra a oportunidade de explorar, mediante a sua força de trabalho e a da sua família, a cultura da terra, cuja posse e respectiva titulação lhe serão asseguradas" (GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA, 1983:55).

De acordo com as próprias descrições da Secretaria de Recursos Hídricos do governo do estado da Paraíba, no ano de 1983, um dos principais objetivos do Projeto Canaã consistia em assentar os trabalhadores sem-terra paraibanos no local, oferecendo a eles condições dignas de vida, através do estabelecimento da "cultura da terra". Uma ideia bastante ousada, até mesmo se considerarmos o contexto atual do Brasil, que ainda tem a luta pela terra como uma das principais bandeiras de engajamento de diversas organizações sociais.

De certo modo, o projeto, embora enfatizando a terra como uma riqueza do trabalhador e, conseqüentemente, uma oportunidade de melhoria das condições de vida das populações carentes do estado, não se debruçava especificamente sobre o estabelecimento da reforma agrária no estado. Previa, na realidade, a organização de iniciativas que pudessem garantir a convivência das populações do semiárido paraibano com a seca, que nos anos 1983, período inicial do governo Wilson Braga, já estava no seu quarto ano de duração.

De acordo com Pimentel (2005, p. 56-57), o Projeto Canaã, embora tendo nascido através dos anseios e reivindicações populares, teve a sua base inicial, do ponto de vista técnico, a partir das iniciativas da Secretaria de Recursos Hídricos, que se encarregou de montar um tratado sobre o potencial hídrico da Paraíba. Para montagem desse "tratado técnico - científico", foi sendo organizada uma pesquisa de campo empregando o uso de dados topográficos e da tecnologia da aerofotografia, que nessa ocasião chegou a contar com o apoio da Força Aérea Brasileira, cobrindo a extensão do território paraibano.

Seguindo informações contidas nos próprios documentos estatais, como o manual da Secretaria de Recursos Hídricos, além de outros veículos, como a Revista Fisco (edição de março de 1986) e o Jornal Gazeta do Cariri (maio de 1984), verificamos que com todo esse levantamento de dados estatísticos sobre as

condições hídricas do estado, foi sendo estabelecida algumas metas para o projeto ao longo de 1983:

Abranger 82,3 por cento do território paraibano, onde vivem 1 milhão e 570 mil famílias, isto é, 56 por cento da população do Estado. O propósito maior é o de irrigar mais de 40 mil hectares, metade dos quais somente no governo Braga, em 125 dos 171 municípios paraibanos. Isto significa que o Canaã está presente em 8 microrregiões ou, mais precisamente, em 332 comunidades (Revista Fisco, 1986, p. 7).

A Revista Fisco assumia nos anos 1980 a condição de propaganda das ações e objetivos governamentais. O que fica mais do que evidente quando observamos o quadro de profissionais que compunha esse periódico, pois tinha na direção aliados políticos e familiares de Wilson Braga, como o diretor presidente José Braga leite, filho de Wilson Braga, e como editor, Hélio Zenaide, Chefe de Gabinete da Secretaria das Finanças do Estado na gestão do governador Wilson Braga.

Mas, mesmo diante dessa integração com o governo, tal periódico nos ajuda a compreender as metas que inicialmente foram estabelecidas para o Canaã, bem como alguns dados que nos dão dimensão do que chegou ou não a ser atingido durante os anos de execução do projeto. Como fica visível na citação dessa revista, observa-se que o plano do Canaã se mostrava bastante ousado nesse momento, se levarmos em consideração a ideia de atingir mais de 56 por cento da população do estado, propondo serviços de irrigação que chegariam a mais 40 mil hectares, em 125 municípios paraibanos.

Como é possível perceber nos documentos analisados, o Canaã era um projeto que tinha como foco central a questão de afirmar a necessidade de garantir a convivência do homem com a seca, voltando boa parte das suas ações para o campo. Dessa forma, ele aparecia nesses documentos como um projeto que buscava a efetivação de uma diversidade de atividades com vistas ao desenvolvimento produtivo da Paraíba:

Sua maior preocupação é o desenvolvimento de atividades diretamente produtivas, compreendendo os setores de recursos hídricos (obras de perenização de rios, barragens isoladas, cisternas e poços), irrigação, abastecimento d'água, infra-estrutura (estradas vicinais e eletrificação rural), reestruturação fundiária (casos

específicos e reflorestamento) (Jornal Gazeta do Cariri, maio de 1984).

Ainda que estabelecendo uma proposta de ação que, na teoria, mudaria completamente os rumos socioeconômicos do estado, o que se verificou, na prática do Projeto Canaã, segundo o que aponta autores como Carvalho (1988, p. 294), foi, na realidade, o estabelecimento de limitações que ficaram também evidentes em outros projetos que resguardavam semelhanças com o Canaã, como o ProHidro¹⁸ e o Projeto Sertanejo¹⁹. De acordo com a autora, o Canaã, embora partindo de objetivos que afirmavam garantir iniciativas governamentais para a posse e permanência do homem na terra, limitou-se à construção e instalação de barragens, colocando no plano secundário os seus maiores objetivos.

Tais limitações podem ser facilmente percebidas quando analisamos a reportagem da Revista Fisco (março de 1986), que dedica boa parte da edição de número 135 ao Projeto Canaã. Assim, mesmo sendo o objetivo da revista demonstrar e divulgar o saldo positivo do Canaã, verificamos na exposição de dados como o projeto, de fato, concentrou-se na construção e ampliação de açudes e barragens na Paraíba.

¹⁸ O ProHidro foi um programa criado em 1979 com o intuito de dar maior prioridade ao aspecto hidrológico dentro do planejamento regional. Configurava-se como uma ação complementar na área de recursos hídricos aos programas em andamento na região, trazendo também em suas bases componentes sociais e econômicos, como levar água às comunidades e dar maior suporte hidráulico para irrigação.

¹⁹ O Projeto Sertanejo, foi criado em 1976 com a finalidade de “fortalecer a economia das unidades de produção agropecuária, sobretudo pequenas e médias, do semiárido nordestino, tornando-as mais resistentes aos efeitos das secas, a partir de núcleos de prestação de serviços e de assistência técnica.

AÇUDES EM CONSTRUÇÃO EM 1985.		
MUNICÍPIO	AÇUDE	CAPACIDADE DE ARMAZENAMENTO EM MILHÕES DE M ³
01. Alhandra/J.Pessoa/S. Rita	Gramame	36,0 m ³
02. Bayeux	Mamuaba	26,0 m ³
03. Água Branca	Bom Jesus	15,0 m ³
04. Bananeiras	Lagoa do Matias	1,5 m ³
05. Belém do Brejo do Cruz	Tapera	26,0 m ³
06. Cuité	Boqueirão do Cais	17,5 m ³
07. Congo	Cordeiro	64,0 m ³
08. Conceição	Serra Vermelha	12,0 m ³
09. Fagundes	Gaviaõ	2,5 m ³
10. Itatuba	Serra Velha	1,7 m ³
11. Imaculada	Albino	3,5 m ³
17. Ibiara	Piranhas	25,0 m ³
13. Jericó	Carneiro	32,0 m ³
14. Monteiro	Pucinhos	7,0 m ³
15. Nova Olinda	Saco	85,0 m ³
16. Olho D'água	Jenipapeiro	70,0 m ³
17. Oivedos	Oivedos	4,5 m ³
18. Puxinanã	Milhá	1,5 m ³
19. Picuí	Várzea Grande	29,0 m ³
20. Santana dos Garrotes	Queimadas	15,0 m ³
21. Solânea	Canafístula II	1,5 m ³
22. Píripituba	Píripituba	5,0 m ³
23. Santa Luzia	Pinga	1,0 m ³
24. São Mamede	Martelo	4,7 m ³
25. Livramento	Salitre	2,0 m ³
26. Brejo do Cruz	Baião	25,6 m ³
27. Catingueira	Cachoeira dos Cegos	56,0 m ³
28. Natuba	Várzea do Caboclo	1,1 m ³
29. Umbuzeiro	Mundo Novo	1,5 m ³
30. Queimadas	Zumbi	1,1 m ³
31. Boqueirão	Bom Jesus II	3,7 m ³
TOTAL		525,9 m ³

Figura 9: Quadro explicativo sobre os açudes construídos em 1985 na Paraíba.

Fonte: Revista Fisco ano 17, nº 135, março de 1986.

No quadro explicativo acima são listados 31 municípios paraibanos, seguido dos nomes dos açudes e respectivas capacidades de armazenamento em metros cúbicos d'água. De acordo com a matéria da revista esta seria uma das grandes realizações do Projeto Canaã, que em 1985 estava fornecendo aos paraibanos obras que dotariam a Paraíba de 525,9 milhões de metros cúbicos d'água. O próximo quadro explicativo segue essa mesma proposta, mas como continuação do primeiro, refere-se as obras de açudagem que haviam sido concluídas até o mês de fevereiro de 1986:

OBRAS DE AÇUDAGEM CONCLUÍDAS ATÉ FEVEREIRO DE 1986.			
MUNICÍPIOS	AÇUDE	CAPACIDADE DE ARMAZENAMENTO (EM MILHÕES DE m ³)	OBSERVAÇÕES
01. Nova Floresta	Imbé	1,8	Construído
02. Patos	Capoeira	54,0	"
03. Taperoá	Manoel Marcionista	16,0	"
04. Teixeira	São Francisco	7,5	"
05. São J. do Cariri	Curimatã	5,5	"
06. Conceição	Vidéo	9,0	"
07. Serra Branca	Serra Branca II	15,3	"
08. Cacimba de Dentro	Tanque Lagoa/Bananeiras	0,1	"
09. Diamante	Vazante	17,0	"
10. Esperança	Araçagi	1,5	"
11. Pocinhos	Engenho Velho	1,0	"
12. Juru	Timbauba	15,0	"
13. São José de Piranhas	São José	3,0	"
14. Massaranduba	Massaranduba	1,2	"
15. Aguiar	Frutuoso II	3,5	"
16. Bonito de Santa Fé	Bartolomeu I	17,0	"
17. Barra de Santa Rosa	Poleiros	7,5	"
18. S. Sebastião do Umbuzeiro	Santo Antônio	24,0	"
19. Prata	Prata II	3,8	Ampliado
20. S. J. de L. Tapada	Jenipapeiro	3,7	"
21. Catingueira	Ameixas	1,5	"
22. Juazeirinho	Escuinho	1,0	"
23. Várzea	Várzea	3,1	"
24. Uiraúna	Arrojado	5,4	"
25. Princesa Isabel	Jatobá II	5,5	"
SOMA		218,9	

Figura 10: Quadro explicativo sobre as obras de açudagem concluídas na Paraíba até fevereiro de 1986

Fonte: Revista Fisco ano 17, nº 135, março de 1986.

Do primeiro quadro explicativo para o segundo algumas questões ficam sem ser respondidas pelo veículo de comunicação. Como exemplo, podemos verificar que no projeto inicial do primeiro quadro aparecem 31 municípios, com vistas a dotar a Paraíba de 525,9 milhões de metros cúbicos d'água. No segundo quadro, por sua vez, o número de municípios caiu para 25, dos quais apenas 18 concluídos e 7 ampliados, reduzindo-se, conseqüentemente, o armazenamento para 218,9 milhões de metros cúbicos d'água.

Percebemos que só levando em consideração o programa de ampliação da capacidade de armazenamento d'água na Paraíba, o governo não conseguiu atingir as suas metas até o ano de 1986, o que aponta para as falhas e limitações do Projeto. Em relação a outros setores, que estão também ligados à construção e ampliação de açudes, vemos outras limitações no que diz respeito às promessas sobre os sistemas de irrigação no semiárido paraibano. Para tanto, observemos o

quadro explicativo a seguir sobre os projetos de irrigação já elaborados até março de 1986:

PROJETOS DE IRRIGAÇÃO JÁ ELABORADOS			
AÇUDES	MUNICÍPIOS	BACIA	Área a Irrigar Projetada(ha)
Serra Vermelha	Conceição	Piancó	185
Condado	Conceição	Piancó	250
Boqueirão	Cochos	Piancó	520
Catolé II	Manaira	Piancó	305
Santa Inéz	Conceição	Piancó	—
Vidéo	Conceição	Piancó	—
Vazante	Ibiara	Piancó	260
Riacho Verde	Ibiara	Piancó	45
Gravatá	Ibiara	Piancó	75
Jurú	Jurú	Piancó	218
Eng ^o Avidos	Cajazeiras	Alto Piranhas	517
Rio Piranhas	Convênios Pomhal, São Bento Paulista	Médio Piranhas	775,5
São Mamede	São Mamede	Seridó	200
Poções	Monteiro	Monteiro	348
Camalaú	Camalaú	Monteiro	261
Congo	Congo	Monteiro	31
Sumé	Sumé	Taperoá	103
Taperoá II	Taperoá	Taperoá	130
Lagoa do Meio	Taperoá	Taperoá	57
Vereda Grande	Boqueirão	Médio Paraíba	198
TOTAL			4.478,5

Figura 11: Projetos de irrigação na paraíba
Fonte: Revista Fisco ano 17, nº 135, março de 1986.

No quadro são listados 14 municípios que foram contemplados com ações de irrigação do Canaã, chegando, de maneira geral até março de 1986 a 4.478,5 mil hectares de terra irrigada na Paraíba. Tal número corresponde a cerca de 10 por cento do que inicialmente estava previsto no Projeto Canaã, pois se afirmava a irrigação de cerca de 40 mil áreas de terra nos planos de desenvolvimento desse projeto. Outra questão perceptível no quadro é a concentração maior dos investimentos do projeto na Bacia do Piancó, onde a cidade natal do governador, Conceição, chegou sozinha a ter quatro açudes com área irrigada. Tais ações deixam claro o uso do projeto com vistas ao favorecimento e captação de votos na região do Piáncó, palco de amplo domínio eleitoral de Wilson Braga ao longo de várias eleições na Paraíba.

Além dessas questões levantadas, o que se evidencia na propaganda do governo é, de fato, uma limitação do Projeto Canaã em relação à construção e ampliação de açudes na Paraíba. Mesmo reconhecendo a importância dessas obras, verificamos que elas não chegaram a atingir os objetivos traçados, ponto que se justifica, de acordo com a propaganda veiculada pela Revista Fisco, a partir da ideia de necessidade que o projeto teria de continuar em prática nos anos de 1987, mesmo com a sucessão do governo:

A meta continua – Braga – por motivos óbvios de tempo e de recursos – pode não cumprir todas as etapas e metas do seu ambicioso programa, o Canaã, embora desejasse fazê-lo. A obra, iniciada e deslanchada, terá agora que continuar por outras mãos. Quem terá coragem de interromper um projeto assim voltado para redenção popular? (Revista Fisco, março de 1986, p. 10).

O uso de programas sociais com fins políticos é uma prática corriqueira na história política do Brasil. Não é por acaso que durante o ano eleitoral um programa como o Canaã chegou a ocupar as quinze primeiras páginas de uma revista, como é o caso do Fisco. Verificamos, nas informações mencionadas nesse periódico, como o Canaã faz-se programa de divulgação do político Wilson Braga, sendo até mesmo mencionado como uma obra que não pode parar, sugerindo, indiretamente, que o próprio grupo político deveria permanecer nos rumos do governo, uma vez que essa permanência seria também a garantia da continuidade do programa social.

2.3 Projeto Canaã: o *marketing* do Governo Wilson Braga

Embora possamos projetar em Wilson Braga a caracterização de um político nacionalista, é possível que a denominação mais coerente com o seu perfil político - pelo menos de acordo com a construção que alguns jornais fizeram da sua imagem - seja a de um político regional, especificamente do Nordeste. Isso porque, o que podemos perceber, não só nas matérias de 1980 do Jornal da Paraíba, como em outros jornais (A União, Diário da Borborema, Gazeta do Cariri), é que o perfil político/partidário e pessoal de Wilson é construído através da ideia de “Nordeste

das secas” e do abandono, que precisa ser “dignamente reintegrado” as demais regiões do Brasil.²⁰

Acompanhando um período que extrapola o marco temporal de nossa pesquisa, como os anos de 1975 a 1980, percebemos que a postura de Wilson Braga, antes mesmo do mandato de governador (1983-1986), foi inúmeras vezes citada nesses jornais paraibanos através do perfil de político atuante, de parlamentar que chegava a se destacar dos demais. É justamente nessa linha de pensamento que o Jornal da Paraíba (1980) veicula diversas matérias que, às vezes nos dá a clara impressão que Wilson Braga e o Nordeste podem ser utilizados como sinônimos.

No jornal, Wilson é um político que atua sempre em defesa do Nordeste, acima de todas as coisas e, como diz o provérbio: “doa a quem doer”. Wilson é, nessa visão, o político capaz de “comprar briga com ministros, e até mesmo, se necessário, com o presidente, sempre em “defesa dos interesses do Nordeste e do povo nordestino”. É o caso da matéria do dia 8 de maio de 1980, intitulada “Braga pede saída de Camilo Penna: ele é incapaz e descortês com a classe política”.

O Deputado Wilson Braga acusou ontem o Ministro das indústrias e comércios de tecnocrata, insensível aos problemas do Nordeste e contrário a política que o presidente Figueiredo vem afirmando. As críticas de Wilson ao ministro foram em função do seu não atendimento aos pedidos de esclarecimento sobre o fechamento de indústria na Paraíba (Jornal da Paraíba, 8 de maio de 1980).

Na referida matéria, o jornal menciona que o Deputado Federal Wilson Braga tinha acusado o Ministro das Indústrias e Comércios de tecnocrata, um insensível aos problemas enfrentados pelo Nordeste e contrário a política desenvolvida pelo presidente Figueiredo. Anunciando que o discurso de Wilson teve uma repercussão nacional, o jornal cita que o deputado estaria criticando o Ministro em função do seu não atendimento ao pedido de esclarecimento sobre as causas do fechamento de indústrias na Paraíba.

²⁰ Essa questão fica bem evidente na própria afirmação pessoal e política de Wilson Braga como político regional, preocupado com a população, segundo ele, sofrida do Nordeste, particularmente o Sertão, temas recorrentes em seus discursos veiculados na mídia e nos livros de sua autoria, elaborados ao longo dos mandatos como: O Nordeste e Outros Problemas; Quando Falar é Preciso; O Nordeste e a Seca e O Homem e o Campo.

Nesse mesmo sentido é divulgada, no dia 18 de junho de 1980, a matéria: “Wilson Braga faz Críticas à SUDENE”. Nesta, Wilson estaria denunciando o referido órgão, especialmente o que ele chama de “sua autarquia”, como insensível, em se tratando da análise e execução de medidas de assistência aos trabalhadores rurais desempregados, responsabilizando a SUDENE por qualquer agitação ou invasão que venha ocorrer nos municípios paraibanos:

O Deputado Wilson Braga denunciou a SUDENE como responsável pelo clima de inquietude permanente em vários municípios paraibanos, que estão sofrendo uma situação angustiante em virtude da insensibilidade da autarquia, na análise e na execução de medidas de assistência aos trabalhadores rurais desempregados (Jornal da Paraíba, 18 de junho de 1980).

Na construção dessa relação entre o político e o Nordeste está presente também uma ideia de como se pensar o próprio território nordestino e os problemas que afetam a sua população. Essas questões recebem nas reportagens que fazem referência ao trabalho de Wilson Braga uma visão que, embora aponte sempre para o aumento e o deslocamento de novas verbas para essa região, trazem consigo a ideia de convivência, de necessidade de adaptar o homem ao meio em que vive.

Isso explica os inúmeros casos nos jornais onde o político Wilson Braga é apresentado defendendo a bandeira da industrialização do Nordeste, encarando a seca como fenômeno climático que precisa de uma intervenção, para além do assistencialismo governamental. Esse perfil extrapola o veículo jornalístico e ganha também espaço em livros como o de Altamar Pimentel, *Wilson Braga: 50 anos de vida pública*, onde o autor pensa a trajetória de Wilson como sendo marcada através dos projetos que defendem a bandeira da industrialização do Nordeste. Segundo o livro, o Nordeste seria “uma região esquecida”, em função da concentração geográfica dos investimentos e carente de políticas públicas que supere a sua condição de exportadora primária e de região discriminada no cenário brasileiro.

O tema da industrialização do Nordeste ganha nessas representações o sentido de apresentar uma região que carece de olhares mais atentos do Governo Federal, apontando para a ideia de esquecimento dessa parte geográfica do Brasil. O Jornal A União aparece também como característico na divulgação dessa ideia,

como é o caso da matéria do mês de abril de 1980: “Braga quer o Nordeste crescendo com a Nação”.

A sua análise cresce ao advertir as autoridades para as potencialidades da região. Diz claramente que existe pobreza, subdesenvolvimento e fome por um erro de planejamento governamental, ou seja, um erro político. Ao lembrar o significativo exemplo de Israel, Braga mostra um dos caminhos que deve ser seguido para mudar a fisionomia econômica e social da região, eliminando, conseqüentemente, os obstáculos (A União, abril de 1980).

Na caracterização de uma imagem a ser divulgada sobre o perfil político de Wilson Braga o que aparece não é a construção de um político que utiliza a seca como a culpada pelo problema da fome e da situação de miserabilidade enfrentada pelos nordestinos. Para Wilson a culpa estaria no planejamento, na falta de atenção dos governos, defendendo medidas descritas como sendo o caminho correto para superação dessa situação enfrentada por essa região.

No Jornal O Norte também podemos perceber essa construção pública de Wilson em várias matérias, como a divulgada em 10 de dezembro de 1977: “Radiografia da miséria”, onde Wilson é descrito como parlamentar de “alto nível” que conhece exatamente a realidade social e econômica do Nordeste. Wilson chega, assim, a ser apresentado como um intelectual leitor de autores literários famosos que pensaram sobre essa realidade nordestina, como é o caso de Gilberto Freyre, sendo apontado também como uma figura política de suma importância, uma vez que haveria de traduzir uma iniciativa que extrapola as páginas literárias. A ideia seria transformar o que vemos apenas na literatura em realidade concreta através de uma figura de “parlamentar brilhante” que vivencia os problemas sociais e econômicos do Nordeste.

Wilson, em matérias como essa do Jornal O Norte, é visto como o político que conhece e tem iniciativas coerentes como à necessidade atual do Nordeste e dos nordestinos. É descrito como o parlamentar que não se esqueceu da dura vida vivenciada pelo seu povo, buscando assim medidas para superar os problemas e colocar essa região no caminho do desenvolvimento e em pé de igualdade com as outras regiões do Brasil.

Na construção de uma imagem positiva do político Wilson Braga, articulada, sobretudo, por uma parcela da imprensa paraibana, através de colunistas dos principais jornais em circulação²¹, pode-se perceber a utilização massiva de inúmeros projetos que foram o mote da campanha para governo do estado. Trazendo o *slogan* “o social como prioridade”, os projetos de Wilson Braga buscavam destacar a atuação de um governo voltada para solucionar os problemas da população mais carente do estado. Porém, dentre todos os projetos nem um teve tamanho destaque quanto o Canaã, que tinha como proposta a mobilização de recursos para garantir a sobrevivência do homem em meio ao “fenômeno das secas”.

O fato desse grupo político dar tanta ênfase durante a campanha a um projeto em especial, como o Canaã, pode ser explicado através do próprio momento histórico vivenciado pela classe política nordestina, mas também pelas estratégias de apresentar, em apenas um projeto, uma série de propostas que iam ao encontro de boa parte da população paraibana entre os anos 1970 e 1980. Isso porque, não podemos perder de vista que as décadas de 1970 e 1980 são destacadas no cenário político através de uma série de discursos que buscavam a mobilização de recursos públicos para a região Nordeste, utilizando-se como foco as secas que atingiam periodicamente esta parcela da população brasileira:

Ao transformar a seca na grande culpada pelos males nordestinos, estar se criando o chamado “mito da seca”. Simultaneamente, existe a tão falada mas nunca erradicada “indústria da seca”. Trata-se de um conjunto de expedientes ou procedimentos de poderosos grupos nordestinos que se valem do fenômeno e, sobretudo do mito da seca para colherem benefícios governamentais em proveito próprio (ALVES, 2014, p. 02).

²¹ Dentre os colunistas que podem ser vistos como responsáveis por essa construção da Imagem Pública de Wilson Braga podemos citar: João Manoel de Carvalho, em publicações como *Wilson Braga e as tensões sociais* (O Norte, 09/09/1975), *O significado de uma denúncia* (O Norte, 06/12/1977), *Radiografia da miséria* (O Norte, 10/12/1977), *Liderança e projeção* e, *Melhoria social dos trabalhadores* (Correio da Paraíba, 1979); Fernando Melo, em textos como *Braga encontra o caminho desejado* (União, 27/04/1980), *Braga quer o Nordeste crescendo com a nação* (A União, abril de 1980) e, *Ação de Braga é a melhor resposta aos seus críticos* (A União, 25/05/1980); Tarcísio Cartaxo, em textos como *Wilson – governador é seu destino!* (A Retreata – Ano VII – nº 07 – João Pessoa, 05/08/1980) e; Hélio Zenaide, em textos como *O estilo de Braga* (A União, 25/05/1981), *Braga: vitória do espírito combativo e desassombrado* (A União, 10/07/1981) e, *Liderança de Wilson* (A União, 20/12/1981).

Nesse sentido, foi se constituindo um grupo de políticos que traziam como principal elemento da sua atuação parlamentar os discursos sobre a necessidade de maiores investimentos nas áreas atingidas pelas secas. Formou-se, com isso, uma espécie de “indústria das secas”, uma vez que a captação de recursos em prol desse objetivo nem sempre tinha como real interesse resolver, de fato, os problemas do Nordeste, pois como ainda ocorre nos dias atuais, é incalculável o montante que chega a ser desviado para outras finalidades.

É também nesse momento histórico que vai se constituindo todo um arsenal literário que constrói uma imagem particular sobre o nordestino e sobre a região Nordeste. O nordestino caricaturado através da visão de sofrimento, marcado pelas condições precárias de sobrevivência, muitas vezes associado ao personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, ligado a ideia de insalubridade. O Nordeste, visto como região atrasada, se comparada às demais regiões do Brasil, principalmente o “Sul”, caricaturada como “lugar de ninguém”, “terra esquecida pelo governo”²².

Sendo assim, podemos perceber que o próprio Wilson Braga faz parte dessa tradição de parlamentares que faziam uso das secas como marca do seu perfil político. Wilson começou a se destacar como um importante nome da política nordestina, principalmente nesse período, quando chegou a vencer as eleições de 1974, tornando-se o deputado paraibano mais votado nesse pleito, se consagrando também governador da Paraíba em 1982, vencendo o deputado Antônio Mariz. Vitórias que tiveram como marca toda uma propagação de discursos que defendiam maiores investimentos para os chamados “flagelados das secas”, tema recorrente não só nas suas participações na Câmara Federal, mas também divulgados nos livros produzidos por ele como: *O Nordeste e Outros Problemas* e *O Nordeste e as Secas*.

Dessa forma, o Projeto Canaã, apresentado durante a campanha eleitoral para governador em 1982, visava juntar alguns discursos defendidos por Wilson Braga, propondo, não apenas a ideia de mobilizar recursos para ajudar assistencialmente uma população que estaria sendo fragilizada pelas constantes secas, pretendia também, como aponta os documentos governamentais, dar aos paraibanos condições dignas de sobreviver ao fenômeno das secas. Por isso, era

²² Consultar, ALBURQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. 3 ed. Recife, Fjn, São Paulo, 2009, para pensar sobre a construção de uma imagem sobre o Nordeste e sobre o nordestino.

apresentado como um grande projeto de transformação social, uma vez que ao mesmo tempo em que atuaria na construção e limpeza de açudes e na instalação de sistemas de irrigação, estaria oferecendo uma proposta de superar o desemprego que assola a população paraibana, empregando um grande número de pessoas durante a realização dessas obras.

De uma proposta elaborada para a campanha política de 1982, o Projeto Canaã ultrapassa esse período ganhando amplo espaço no Jornal da Paraíba, ainda nos meses que antecederam a posse de Wilson Braga ao governo do estado. Esta questão pode ser verificada nas edições dos dias 14 e 15 de Janeiro de 1983, quando é divulgado “O Projeto Canaã: o compromisso de um governo”. Assim, o Jornal enfatiza como os paraibanos enfrentam dificuldades para conviver com “as longas estiagens”, apontando que o governador eleito, Wilson Braga, assumiu o compromisso de reverter essa situação:

Quando se lançou candidato ao governo do estado, o deputado Wilson Braga tornou pública uma proposta de mudança na estrutura agrícola da Paraíba. Ele apresentou ao julgamento do eleitorado paraibano uma ideia de transformação em projeto internacional com o título de Canaã: a ideia é perseguir uma solução de amplo aspecto para o problema da produtividade agrícola estadual (Jornal da Paraíba, 14 de janeiro de 1983).

O Jornal descreve o Projeto de Wilson como sendo uma proposta de mudanças na estrutura agrícola da Paraíba, que foi apresentada ao julgamento do eleitorado paraibano e alcançou boa aceitação. Para justificar esse êxito do grupo partidário que lançou a proposta, o projeto é descrito como uma ação governamental que tem como fim último a “felicidade do homem”, uma vez que estabelece nas suas intenções a ideia de instrumentalizar o homem paraibano com os meios e recursos de que ele dispõe, propiciando uma produção lucrativa que garanta a sua permanência no lugar de origem.

Wilson é visto, no encerramento da matéria, como um político que demonstrou tamanha sensibilidade em relação aos problemas enfrentados pelos paraibanos e que, por isso mesmo, foi ouvido pelo povo que lhe deu consentimento e legitimidade para transformar o projeto em ação governamental. Ele é descrito como o idealizador e defensor de uma proposta que vai ao encontro das

necessidades dos paraibanos, sendo legitimado pelo povo que o elegeu para realizar um sonho descrito como sendo de todos os paraibanos.

O Canaã serve justamente para construir essa ideia de aproximação entre o político Wilson Braga e o povo, para reforçar a imagem de um político que demonstra toda a sua preocupação com essa parcela da população paraibana. Essa questão era explícita até mesmo na escolha do nome do projeto, dando-se a entender que Wilson estaria, na realidade, confirmando a fé dos sertanejos como similar a dos hebreus durante o êxodo bíblico, como fica visível na reportagem da Revista Fisco sobre esse projeto:

A Terra Prometida está se corporificando, na realidade, na região semiárida da Paraíba, onde o governo Wilson Braga vem pondo em prática um sonho de séculos – água em abundância, boa terra, colheitas o ano todo, melhor vida para os animais e seres humanos. O empreendimento, como o seu símile hebreu, leva em conta a fé dos homens e chama-se justamente “Projeto Canaã, tendo, em cerca de 3 anos, transformado a face do Sertão (Revista Fisco, março de 1986).

A Revista Fisco aponta o Canaã como um grande empreendimento do governo Wilson Braga, afirmando ter sido esse governo capaz de tornar real uma proposta que até aquele momento só existia na literatura e nas páginas bíblicas. O político Wilson acaba sendo apresentado, assim, como aquele que transformou definitivamente o Sertão paraibano, colocando em prática um sonho que por séculos alimentava a fé de muitos paraibanos, sobretudo dessa região do estado.

Tal veículo de comunicação realiza brilhantemente esse apelo construtivo da imagem pública do governo Wilson Braga em 1986, aproximando-o, por vezes, a visão de um grupo político que propôs não apenas um projeto que deu certo, mas, indo além disto, projeta nas páginas da revista uma visão profética, escatológica. Dessa forma, o Projeto Canaã aproximado a figura desse grupo político é descrito no Fisco não só a partir de dados estáticos e socioeconômicos, mas chega a ser apontado como a realização de “um verdadeiro milagre” no cenário paraibano, como fica visível também na própria página de capa dessa revista.

Na reportagem de capa da Revista Fisco vemos a divulgação, logo acima, do açude capoeira, em Patos, onde teria sido realizada uma das obras do Projeto Canaã. Logo à baixo da imagem, e em destaque, aparece a frase “no interior começa a surgir a terra prometida”, título criado pelo impresso para a reportagem sobre os três anos de execução do Projeto Canaã. Tanto a imagem como o texto se mostram sugestivos, o primeiro como uma forma de comprovar que o projeto, de fato, teria tornado-se realidade, dado a construção do açude, o segundo, de maneira mais escatológica, como forma de apresentar o projeto como um milagre ocorrido no interior paraibano.

Com o passar dessa reportagem da Revista Fisco percebemos que um dos seus interesses, além do forte apelo religioso, era o de construir a ideia de que o Projeto Canaã, não nasceu apenas da proposta do então governador Wilson Braga. O Canaã apresentava-se no Fisco como uma proposta que surgiu aos poucos, através da experiência de vida de Wilson, ainda antes da sua inserção na vida política, dos seus laços de amizade com colegas inteirados com a situação enfrentada pelos paraibanos, e da própria voz e vontade popular, que aparecia também como aqueles que ofereceram algumas ideias que nortearam o projeto.

Nesse sentido, o Canaã aparecia nas páginas dessa revista, inicialmente, como “um compromisso que Wilson tinha com os seus avós”, antes mesmo de ter assumido o governo do estado. Era, assim, uma ideia que constantemente fazia o político lembrar as suas raízes sertanejas, a sua família, e a própria condição de vida do povo sertanejo durante os anos em que ele (Wilson) ainda era uma criança :

Os avós do atual governador paraibano, a exemplo de milhares de outros sertanejos sofridos, já sonhavam com uma solução para a seca, a fome, a miséria instaladas secularmente no semi-árido paraibano. Assim se explica que o político Wilson Braga, muito antes de assumir o governo estadual, acalentasse a ideia de redenção do povo sertanejo (Revista Fisco, 1986, p. 3).

O quadro paraibano presente na infância familiar do governador era assim descrito como uma das fortes iniciativas que levaram Wilson a transformar o Canaã num projeto de vida. Além dessa questão, é citada também, por vezes, a sua aproximação, bem antes de ser construído o projeto, com o então engenheiro e professor de Estradas e Transportes da UFPB, José Silvino Sobrinho. Este, que veio

a ser o secretário de recursos hídricos no governo Braga, segundo afirma a Revista Fisco, era amigo de Wilson Braga mesmo antes da ascensão ao governo, e sempre trocava ideias com ele sobre a necessidade de iniciativas para resolver o problema da seca no estado. Dessa união teria, assim, nascido o projeto original do Canaã, uma vez que José Silvino, já projetava bem antes das formalidades legais, as condições para a sua efetivação no semiárido paraibano:

Anos antes de Braga ser eleito pelo povo para o Palácio da Redenção, e quando Silvino era Secretário dos Transportes, os dois se encontraram e discutiram uma forma de fazer frente a tragédia sertaneja. O Projeto Canaã começava, assim, a nascer, saindo da lenda milenar para os mapas, plantas e gráficos de Engenharia (Revista Fisco, 1986, p. 04).

José Silvino é visto na revista como aquele que foi responsável por colocar no papel, fazendo cálculos, estudando a realidade paraibana, o sonho maior dos sertanejos a séculos, que era “a redenção da água”. A Wilson é atribuído também, nesse periódico, o papel de homem público que havia ativado em Silvino um grande interesse pelo projeto, dado a “insistência”, “entusiasmo” e “disposição” para levar essa ideia à frente: “encontrando em Braga um político disposto a levar avante a ideia, José Silvino passou a dedicar-se de corpo e alma à tarefa de elaborar o projeto original” (REVISTA FISCO, 1986, p. 04).

Enquanto “projeto original”, do ponto de vista técnico, a revista atribui os méritos ao empenho e experiência de José Silvino e Wilson Braga, mas enquanto ideia inicial e desenvolvimento das metas do projeto a revista enfatiza a participação massiva do povo, apontando como sendo ele o mais beneficiado com essas obras. Tal periódico, busca a todo momento afastar qualquer comentário que relacionasse o Canaã a um projeto elitista, construindo a própria visão de Braga como um homem que prefere estar junto do povo do que conviver com a elite:

Era um projeto de pés no chão, com cheiro de terra, com gosto de povo. Um programa com o jeito do ‘povão’ que Braga conhece como ninguém, por preferir a sua convivência à das elites. Eram ideias que Braga e Silvino traziam do Sertão, da infância, dos seus antepassados, do dizer errado e certo do povo. Ideias elementares e até primárias, em alguns casos, mas ideias que vêm dando certo, mostrando, afinal, que o Sertão é viável (Revista Fisco, 1986, p. 4-5).

O Canaã era visto, assim, na revista como um projeto que nasceu da aproximação de Wilson com as comunidades “interioranas da Paraíba, onde o então governador percorria e ia ouvindo os reclames do povo. O projeto era descrito como tendo “nascido de baixo para cima, do povão para os gabinetes”, uma vez que centrava-se na experiência popular, adquirida há séculos de convivência com os problemas causados pelas secas e contava ainda com a participação desse “povão” em todas as etapas de execução das obras, sendo o povo construído como aqueles que “fazem e vivem o Canaã”:



Figura 13: Trabalhadores durante obras de execução do Projeto Canaã
Fonte: Revista Fisco, ano 17, nº 135, março de 1986.

Na imagem acima percebemos esse apelo da revista em defender o Canaã como um projeto direcionado exclusivamente para o povo, como é exposto no título em destaque: “os que fazem e vivem o Canaã”. A cena, além de captar os profissionais que estiveram envolvidos na construção de mais um açude do projeto, açude Poleiros, em Barra de Santa Rosa, apresenta uma visão privilegiada do canteiro de obras, dada a imensidão da paisagem que também é captada nesta cena.

No texto discorrido, logo a baixo da imagem, a revista aponta o Canaã como um projeto que não pode ser descrito como de interesse pessoal de Wilson Braga, ou mesmo como de “dedicação exclusiva de José Silvino”. O que tenta-se passar por esse periódico é a ideia de um trabalho que ocorreu em conjunto, contando com a participação de diversos seguimentos sociais que tornaram possível a “realização de um sonho”, o Canaã. Dessa forma, desde o engenheiro de obras ao trabalhador do campo, todos, segundo a revista, poderiam assumir a “paternidade” do Canaã, dado o seu envolvimento com as reivindicações populares.

Muito embora a revista atribua a parthenidade do projeto à participação popular, acreditamos que a figura de Wilson Braga e de José Silvino se sobressaem nessa reportagem em relação às demais, uma vez que eles aparecem nessa revista como aqueles que, de fato, tornaram possível a realização desse projeto. A Wilson é atribuído a imagem de um homem público que não havia esquecido as suas raízes e que teve “sensibilidade” para colocar o projeto em prática e, à José Silvino, é atribuída a figura de um homem competente para traçar as metas de tal empreendimento:

Tudo decorreu mais da sensibilidade atávica de Wilson Braga ante a amargura de seu povo; dos estudos sérios e do criterioso planejamento de José Silvino, que, antes de mais nada, analisou todas as possibilidades hidrográficas do estado; e, finalmente, da decisão política do governador de passar do pensamento e do sentimento à realidade. Para tornar o Projeto Canaã, o maior empreendimento do seu governo, Braga mexeu com meio mundo (Revista Fisco, 1986, p. 09).

Dado o envolvimento político da Revista Fisco - como afirmamos anteriormente, ela conta com a participação direta de familiares e aliados políticos de Wilson Braga – verificamos a ausência de comentários que pudessem levantar

críticas ao governo. Quando muito, o que aparece, na realidade, é a presença de justificativas ante às lacunas que a reportagem vai deixando no seu percurso, como por exemplo a ideia de que o Canaã é um projeto que deve continuar em prática, pois não seria projeto de um único governo. Ideia essa que servia de base para ressaltar a necessidade de continuísmo do grupo Wilson Braga pós eleições de 1986.

Mas precisamos lembrar que nem só de flores viveram as divulgações entre Wilson Braga e sua principal marca de governo, o Projeto Canaã. Uma parcela da imprensa jornalística tratou também de construir uma outra imagem do envolvimento de Wilson com o Canaã, apresentando os espinhos que marcaram essa relação. Sobretudo, desconstruindo ideias como essa presente na Revista Fisco, que apontava o Canaã como um projeto feito pelo povo e para o povo, que colocava os grupos populares como os mais beneficiados dos empreendimentos desenvolvidos na gestão de Wilson como governador da Paraíba.

Através de Jornais como o Diário da Borborema, o governo Wilson Braga chega a ser duramente criticado, sendo o Projeto Canaã apontado dentro do quadro de desvios e corrupções administrativas, que levaram à rejeição das contas do governo em 1986. Segundo a edição de 27 de setembro do mesmo ano, o Jornal menciona algumas denúncias sobre desvios de materiais do projeto para serviços de implantação de redes de abastecimento de água:

O material destinado ao Projeto Canaã está sendo desviado para serviços de implantação de abastecimento de água. O anúncio foi feito pelo presidente da Câmara Municipal, Lyndaci, feita ontem naquela casa, quando acrescentou que 'o abuso do poder econômico do governo do estado é uma prova irrefutável de que a Paraíba continua desgovernada (Diário da Borborema, 27 de setembro de 1986).

A ação de desviar os recursos do projeto, segundo o Jornal, seria efetuada pelo Deputado Estadual Robson Dutra, que estaria "com o dinheiro público, colhendo votos para a sua campanha". Nessa fala, o governo é visto como ainda controlado por Wilson Braga, taxado como um político que abusa do poder econômico do estado e deixa a Paraíba desgovernada.

O Projeto Canaã, nesse sentido, é utilizado por Jornais como o Diário da Borborema, para apontar os “desmandos administrativos de Wilson Braga” que teriam levado o estado à crises financeiras, e não ao progresso socioeconômico como defendia a Revista Fisco. Seria uma das marcas não de um governo atuante, que trabalhava em prol dos mais carentes, mas de uma “boa” estratégia de captação de votos e enriquecimento ilícito instalado na Paraíba.

Tal visão é perceptível também em obras como *Poder e Política na Paraíba*, onde José Octávio avalia o comportamento administrativo de Wilson Braga, apontando tanto os aspectos positivos, quanto as polêmicas que marcaram a administração desse governador. Do ponto de vista negativo, José Octávio critica a forma como foi sendo gerido alguns pontos centrais de desenvolvimento do Projeto Canaã, como a criação de uma “grande secretaria”, a FUNSAT, e os acordos do governo com empreiteiras para execução das obras. Assim, o governo Wilson Braga teria sido marcado também pela

descontrolada expansão da burocracia com superposição de órgãos como FUNSAT; controle clientelístico da máquina estatal; fortalecimento de empreiteiras beneficiadas com vultuosos contratos de obras públicas, mediante comissões arrecadadas por agentes do poder público e execução de obras de duvidoso retorno (MELLO,1993, p. 221).

Nessa visão, o Projeto Canaã perde a conotação de uma grande obra idealizada para beneficiar a população mais carente do interior paraibano. É descrito, de fato, como meio de captação de votos - dada a citação de Mello que apresenta o governo através do “controle clientelístico da máquina pública” - e como uma grande estratégia que beneficiou empresários e agentes do poder público, através de obras que tinham um “duvidoso retorno”.

A FUNSAT, órgão presidido pela esposa de Wilson, Lúcia Braga, que funcionava como uma espécie de secretaria paralela ao governo, sendo um dos órgãos que mais apareceu dentro das propostas sociais do Canaã, chegou também a ser duramente criticada. Isso porque, segundo Mello (idem, ibidem) esse órgão desfrutava de uma posição privilegiada no governo, retirando a função de secretarias como a do Trabalho e a de Serviços Sociais. Sendo o principal meio de divulgação do caráter social do governo, fez-se também um importante instrumento de captação de votos e de execução das obras governamentais.

Em suma, verificamos que o Projeto Canaã é apresentado pelo grupo Wilson Braga como principal marca de governo durante os anos de 1983-1986, que equivalem ao mandato de Wilson enquanto governador do estado. A ele é conferido, em alguns Jornais e periódicos, como o Jornal da Paraíba e a Revista Fisco, o título de projeto que confirma o caráter atuante e preocupado do governo Wilson Braga com as causas sociais. Mas também, considerando veículos como o Jornal Diário da Borborema, ele é descrito (o Canaã) como um meio de corrupção e de manutenção de um grupo no controle do poder público.

No próximo capítulo, passaremos a analisar como o político Wilson Braga construiu uma imagem de si, tomando como referência os materiais produzidos por ele próprio. Evidenciaremos, nesse sentido, como o personagem Wilson Braga se projeta na cena pública utilizando-se para isso de diversos discursos, como foi o caso do próprio *marketing* político, reforçado por ele, em torno do projeto Canaã, que se tornou a sua principal marca de campanha.

CAPÍTULO III – ESPELHO, ESPELHO MEU, ME DIGA QUEM SOU EU? O POLÍTICO WILSON BRAGA NUMA CONSTRUÇÃO DE SI

Homem do Sertão, que conhece de perto as amarguras de sua gente, eu não poderia, jamais fugir de uma luta que constitui a única razão de minha atividade parlamentar. A consciência de que posso ajudar, trabalhar, falar, gritar quando preciso for, me dar força e coragem para prosseguir nessa escalada (BRAGA, 1978, p. 3).

Várias foram as construções que a imprensa paraibana projetou em relação ao perfil pessoal e político de Wilson Braga. Com base em artigos de jornais e revistas, verificamos como foi sendo tecida essa imagem deixada na história política dos anos 1980. Imagem essa, que caminhava entre a aceitação e a negação de Wilson no cenário político paraibano, uma vez que a própria visão da imprensa se mostrava, e ainda hoje se mostra, carregada de ideologias, interesses e, portanto, longe da tão falada imparcialidade.

Dessa criação da imprensa, resta-nos ainda as indagações sobre o próprio olhar que o homem, o parlamentar, enfim, o político Wilson Braga projetou de si. Isso porque, o que se evidenciou até o presente momento foi o olhar de pessoas distintas, tanto aquelas que faziam forte oposição à figura pública de Wilson, como é o caso dos parlamentares do PMDB, quanto os colonistas aliados e amigos que se faziam arautos do governador.

Mas, e Wilson, qual a sua atuação nesse processo de construção de uma imagem pública? Qual a sua posição nesse campo? Quais os traços, as marcas que ele afirmou ter deixado como legados da sua vida pública?

Como autor de mais de seis livros, todos referentes a sua atuação política, e de uma infinidade de discursos, Wilson nos oferece um valioso acervo para pensarmos sobre esse processo de construção de uma imagem de si. Sabe-se, inicialmente, a partir da leitura de trechos como o mencionado na abertura desse capítulo, que uma das principais características que ele projetou da sua imagem, foi, sem dúvida alguma, a de “homem do Sertão” que conhece de perto a dura vida do seu povo e que faz dessa “realidade” a bandeira da sua atuação política.

Nesses termos, pretendemos, nesse capítulo, analisar algumas dessas produções do autor Wilson Braga a fim de perceber como ele foi afirmando um determinado perfil político ao longo da sua trajetória de vida. Para a realização

dessa tarefa, selecionamos o discurso de posse ao governo estadual em 1983 e os livros “*Quando Falar é Preciso*” e “*Nordeste e Outros Problemas*”. Por fim, encerraremos com a análise dos sites de rede social, *facebook*, movimentado atualmente pelo político, verificando como ele atualmente ainda constrói o seu perfil de homem público.

3.1 No espelho visualiza-se um homem do povo

Até hoje, após 29 anos de vida pública, nada fiz nem assumi se não fosse por mandato do povo. Um mandato após outro, oito vezes consecutivas, num exercício de necessidades e aspirações, que começaram nesta casa e abrem caminho, a partir de agora, para o mais geral e difícil desafio de minha vida pública (BRAGA, 1983).

Assim Wilson Braga iniciou o seu pronunciamento durante a cerimônia de posse ao governo do estado, em 15 de março de 1983. Compartilhando de uma das principais visões projetadas sobre a sua figura pública, Braga define a sua carreira política como sendo um retrato claro da aspiração e vontade popular, uma vez que afirma ter sido eleito sucessivamente ao longo de oito pleitos para assumir cargos de natureza pública.

Neste discurso Wilson enfatiza as dificuldades que iria enfrentar num novo desafio da sua carreira pública, sendo a primeira vez que era eleito para o mais alto posto administrativo no Estado, o de Governador. Tal desafio descrito por ele como sendo as secas prolongadas que se abatiam sobre a Paraíba entre o final dos anos 1970 e a primeira metade dos anos 1980. Secas estas também como carro chefe do seu pronunciamento na Assembleia.

Fazendo uso da temática das secas, Wilson afirma-se enquanto uma figura política que traz em sua trajetória de parlamentar e, mais ainda, em sua trajetória de vida, como sertanejo de Conceição do Piancó, as experiências necessárias para a montagem de um plano de governo capaz de garantir o desenvolvimento do estado. Experiência, segundo ele, retirada também do seu compromisso de infância e de uma repetição na história que seria a volta, de maneira ainda mais devastadora, desse fenômeno climático, que há tempos já assolava a população sertaneja:

Como todos vós, tenho a consciência desse desafio, do que ele significa em esforços e sacrifícios, mas precisaria não vir de onde venho, de uma região onde o cultivo parece mais do homem do que da terra, para não acreditar na construção de um projeto de vida que coloque a maioria dos paraibanos mais próxima da dignidade e da condição humana (BRAGA, 1983).

Através de um discurso de forte cunho social, Wilson se apresenta enquanto pessoa e cidadão preocupado com as mazelas que atingiam a dignidade humana e se colocavam como entraves para o crescimento do estado. Ele é, nesse discurso, um político que guarda em seus projetos de governo uma fé na superação desses principais desafios enfrentados pelos paraibanos. Daí decorre também a sua ênfase, durante todo esse pronunciamento, no projeto que norteou a sua campanha para governo em 1982: O Canaã.

Para Wilson, a crise econômica que se abatia sobre o estado, atingindo diretamente a população interiorana, só poderia ser superada através de um novo programa de intervenção governamental que, de maneira articulada, passaria a rever as políticas adotadas sobre as secas. Esse programa, que ele definia como proposta de toda uma vida, foi batizado com a referência sacra de Canaã, por trazer como objetivo principal a ideia de transformação do semiárido paraibano, permitindo a convivência dos seus moradores com o fenômeno das secas.

Para legitimar a ideia de que o Canaã não seria apenas uma proposta de governo, Wilson busca, em seu discurso de posse, afirmar-se como aquele que já acertou em seus primeiros passos de governo, até mesmo antes de assumir oficialmente o mandato. O que fica evidente nas suas palavras quando percebemos uma grande ênfase na escolha do seu secretariado.

Além do quadro de secretariado, descrito por Wilson Braga como competente para colocar em prática as propostas do governo, é citada na sua fala também a criação de uma secretaria que ficaria exclusivamente responsável por esse projeto: “além da atuação do governo como um todo, teremos uma secretaria extraordinária com a atribuição de executar o Projeto Canaã” (BRAGA 1983).

A criação de uma “secretaria extraordinária” é uma referência clara de Wilson a FUNSAT, órgão presidido pela sua esposa, a assistente social, Lúcia Braga, que auxiliava o governo na execução das obras do projeto Canaã. Realizava ainda, como uma das suas principais funções, a promoção de eventos sociais como a

distribuição de alimentos e a prestação de serviços comunitários, dentre os quais cortes de cabelo, serviços de saúde e higiene bucal.

Como se percebe, a FUNSAT atuava, portanto, na construção do governo Wilson Braga como um governo do povo, uma vez que era o órgão maior dessa administração e tinha como objetivo primordial o foco nas questões sociais. O Projeto Canaã, através desse órgão, é citado por Wilson como aquele que irá apresentar duas importantes marcas no seu jeito de administrar: a fé constante na viabilidade do solo do semiárido paraibano e a certeza de que “o trabalho é a fonte de toda riqueza”.

Em relação a essa segunda marca, percebemos constantemente também em Wilson, durante seus discursos, uma aproximação do seu perfil político com a ideia de valorização do trabalho como base de sustentação social. Assim, Wilson constrói-se enquanto político preocupado com as condições de desemprego e subemprego no estado, afirmando o seu compromisso, desde o início da sua carreira como político, de desenvolver propostas que possam valorizar os trabalhadores, além de criar novas oportunidades de emprego.

Wilson se vê, nesse sentido, como governante que é altamente exigente não só com o compromisso de garantir a geração de empregos, que ofereçam as pessoas condições dignas de vida, mas também com o bom cumprimento das tarefas a serem desenvolvidas. Em outras palavras, poderíamos dizer que ele aproveita esse momento de posse para deixar claro que o seu governo seria de valorização ao trabalhador e, ao mesmo tempo, de cobrança no desempenho das funções competentes de cada profissional:

Da minha tarefa de rotina ao programa de grande porte, serei atento e exigente no cumprimento de todas as etapas. Darei valor ao trabalhador e ao funcionário na medida em que ele se valorize na sua tarefa. Ninguém, a não ser os aposentados, terá o privilégio do ócio remunerado (BRAGA, 1983).

Se a vitória numa eleição acaba sendo, muitas vezes, a entrada de um grupo político no governo que irá gozar de inúmeros privilégios, sendo um dos principais o “ócio premiado”, Wilson trata de marcar a sua imagem na cena pública através do perfil de um homem que defende, acima de tudo, a honestidade no desempenho do trabalho. Essa questão chega a ser tão propalada que pode-se visualizar o trabalho

aproximado de uma divinização, em função do peso moral, ético e cristão que a ele é atribuído na fala do então governador.

Visualiza-se, assim, no espelho de Wilson, a construção de um homem do povo, que traz como marcas da sua carreira política o compromisso e a dedicação com uma proposta de mudança social: o Projeto Canaã. Um homem legitimado pela própria vontade popular nas urnas, que não esqueceu as suas origens e valores aprendidos ainda na infância e que faz desses elementos os pontos centrais da sua vida pública.

3.2 No espelho visualiza-se um sertanejo que se recusa a ficar em silêncio

Durante as prévias para a eleição de 1978, Wilson Braga, enquanto Deputado Federal, publica em Brasília mais uma das suas produções, trazendo o título: “*Quando falar é preciso*”. Como tema central verifica-se a ideia de divulgar as ações desse Deputado que consistiam, segundo a sua visão, na luta pelo “povo sofrido e castigado do Nordeste”. Dessa forma, assumindo a condição de político nordestino, Wilson posiciona-se nesse livro como o porta voz em Brasília das principais causas que têm afetado a população dessa região do país.

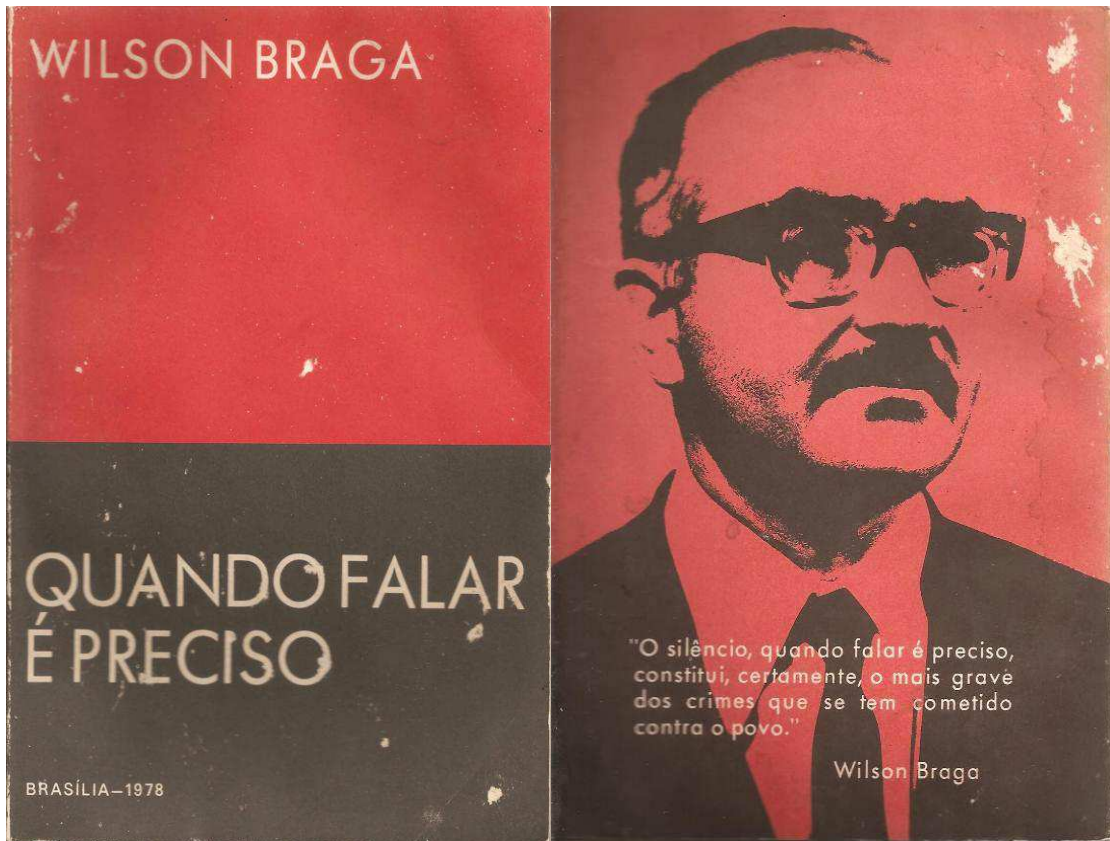


Figura 14: Capa do livro produzido pelo então deputado federal Wilson Braga
Fonte: BRAGA, Wilson. Quando Falar é Preciso. Ed. Brasília, Brasília – DF, 1978.

O livro “Quando falar é preciso”, foi produzido pela editora da Câmara Federal em Brasília e conta com um prefácio de autoria do próprio Wilson Braga. Traz ainda em suas divisões, nove capítulos que sintetizam alguns dos projetos de lei, correspondências e requerimentos apresentados por Wilson durante os mandatos como parlamentar. Dentre as divisões desses capítulos, estão os seguintes títulos: Em defesa da cotonicultura; A agricultura e a seca; Emprobrecimento do Nordeste; Previdência Social; O porto e os trabalhadores do cais; Diversos; Correspondências; Atividades diversas e; O julgamento da imprensa.

Na capa do livro acima, na frente, percebemos o uso de duas cores, o vermelho e o preto, representando, ao que nos parece, a bandeira do estado da Paraíba. Na parte inversa da capa aparece a imagem do então Deputado Wilson Braga em meio a tonalidade de um vermelho encarnado, deixando a impressão de que o livro teria sido pintado com sague, tamanho o destaque dessa cor sobre a imagem do político. Como referência, aparece citado também no livro a seguinte frase: “o silêncio

quando falar é preciso, constitui, certamente, o mais grave dos crimes que se tem cometido contra o povo” (BRAGA, 1978).

Nessas imagens de capa podemos perceber que o político Wilson Braga busca marcar o seu nome na cena pública como candidato que está mais uma vez disposto a lutar, “dar o seu sague”, para representar o estado da Paraíba, embora ao longo de todo o debate do livro ele se posicione como um político que representa os interesses não apenas de um estado, mas de toda a região Nordeste. O livro, constitui-se, portanto, como um instrumento utilizado pelo político para reivindicar a sua permanência no cargo, uma vez que ele apresenta-se como um Deputado atuante, que não comete o crime da omissão, considerado como “grave pecado” contra o povo nordestino:

E assim, meu conterrâneo, nesses 12 anos minha luta foi constante. Em nenhum momento preferi a comodidade do silêncio, o crime da omissão. Não sileinciei quando a estiagem, em 75 e 76, voltava ao interior da Paraíba, insinuando um quadro triste, com as mesmas cores do que nos amargurou em 58 (BRAGA, 1978, p. 03).

A partir do momento em que Wilson se posiciona como um deputado atuante, como aquele que fala e que, se preciso for, grita em favor do Nordeste, ele está também dando a entender que, dentro do seu campo político, existem aqueles que se relegam à omissão, ao silêncio, sendo ele um diferencial. Até porque, a construção de uma imagem pública na política, muitas vezes, dá-se em oposição a outra desqualificatória, caso que ocorre com Wilson na imprensa paraibana que chega por vezes a ser descrito a partir de um olhar de aprovação ou de negação.

A ideia de se apresentar como político que nunca foi omissos em sua atividade parlamentar vai ganhando corpo livro citado a partir do desenrolar dos capítulos, onde Wilson discorre sobre os grupos e setores aos quais ele mais se dedicou durante as intervenções na Câmara Federal. De acordo com a fala desse político, a sua atuação se destaca em inúmeras conquistas para o povo paraibano, citando, como exemplo, a sua intervenção quando os rumos das decisões políticas caminhavam no sentido de prejudicar esse povo, visto, sempre em suas descrições, como “sofrido”, “castigado”.

Dessa forma, Wilson traz para si, no livro, títulos como “o deputado do algodão”, que a ele foi atribuído por amigos e companheiros políticos, como Gilvan

de Brito no artigo “Dificuldades dos cotonicultores paraibanos” (Correio da Paraíba, 18 de outubro de 1975). Ele se apresenta, assim, como político que bate de frente com decisões governamentais, que tem como fim último prejudicar a economia e, conseqüentemente, o povo paraibano, casos, descritos por ele, como a decisão do governo em permitir a importação do algodão, em função de supostas pressões da indústria têxtil do Sul:

E não me calei quando o governo, cedendo a pressões da indústria têxtil do Sul, permitiu a importação do algodão, provocando assim o aviltamento dos preços do nosso produto. Denunciei da tribuna, fui ao ministro Mário Henrique Simonsen, fiz esse grito chegar até o Palácio do Planalto e, felizmente, esse absurdo, que ainda hoje estaria repercutindo em nossa economia com reflexos sociais bastante graves foi evitado (BRAGA, 1978, p. 04).

Fazendo jus à esse título e à própria imagem de luta, de sangue, que é projetada no livro, desde a capa, Wilson se coloca como aquele que vai além de uma simples fala, “quando falar é preciso”, afirmando que há momentos onde o que resta apenas é a iniciativa de gritar, clamar. Assim, ele se afirma como político capaz de enfrentar uma lógica política ou determinados escalões do governo, sempre com o intuito de fazer prevalecer o bem estar do seu povo, o nordestino.

Dessa forma, apenas o título de deputado do algodão não preenchia totalmente a imagem que foi sendo projetada por ele e para ele, haja vista a sua insistente denominação de político que trabalha em prol de uma região vista como esquecida pela iniciativa pública, carente, portanto, de um olhar mais atento do Governo Federal. Na fala de Wilson, fica nítida a construção de um perfil de político que não se afina com os interesses dos grandes grupos sociais, mas que faz dos seus mandatos “verdadeiras” oportunidades para o aparecimento do clamor popular.

Tal questão se verifica em alguns momentos do livro citado, quando Wilson deixa a ideia defendida na obra de se afirmar como um representante da voz do povo, para colocar-se como uma voz que se une a do povo a fim de reivindicar interesses populares. Caso presente no capítulo quatro, “O porto e os trabalhadores do cais”, e mesmo já no próprio prefácio do livro, quando Wilson cita a sua suposta união com os “pracinhas”, defendendo o direito de aposentadoria para esse grupo:

Minha voz uniu-se à dos bravos e quase esquecidos pracinhas, quando reivindicavam o prêmio da aposentadoria com salário integral. Da mesma forma na defesa dos direitos de todos os trabalhadores do cais do porto, em Cabedelo (BRAGA, 1978, p. 04).

Wilson confirma, assim, a imagem que a ele foi atribuída em meios de comunicação como o Jornal Gazeta do Cariri: a de um governo que trabalha lado a lado com o povo, unindo muitas vezes a sua voz com a desse povo para fazer prevalecer os direitos e interesses populares. Essa visão popular é confirmada na fala do então deputado através da sua ênfase também na ideia de estar lutando por grupos esquecidos pela iniciativa pública, que ganham uma posição de destaque na sua maneira de exercer a atividade parlamentar.

No espelho de Wilson, aparece a imagem de um nordestino, paraibano e sertanejo que traz como palavras de ordem a luta, o grito e o sangue. Que compra briga com muitos, se for o caso, aceitando mais os excessos advindos da persistência em lutar, do que, propriamente, a falta de coragem, a omissão ante às agressões praticadas contra o seu povo. Ele se descreve mais uma vez como representante e como povo, haja vista que ora se diz mediador dos interesses desse povo, o nordestino, ora se diz lutar lado a lado com ele.

A descrição de Wilson como político que representa os interesses do Nordeste, ganha um destaque ainda maior no livro “*O Nordeste e Outros Problemas*”, outra produção de autoria desse político, que enfatiza diretamente essa região como “esquecida” e “castigada” pela iniciativa pública. Diferentemente do livro “*Quando Falar é Preciso*”, essa produção toma a temática do Nordeste desde o título até o desenrolar dos capítulos.

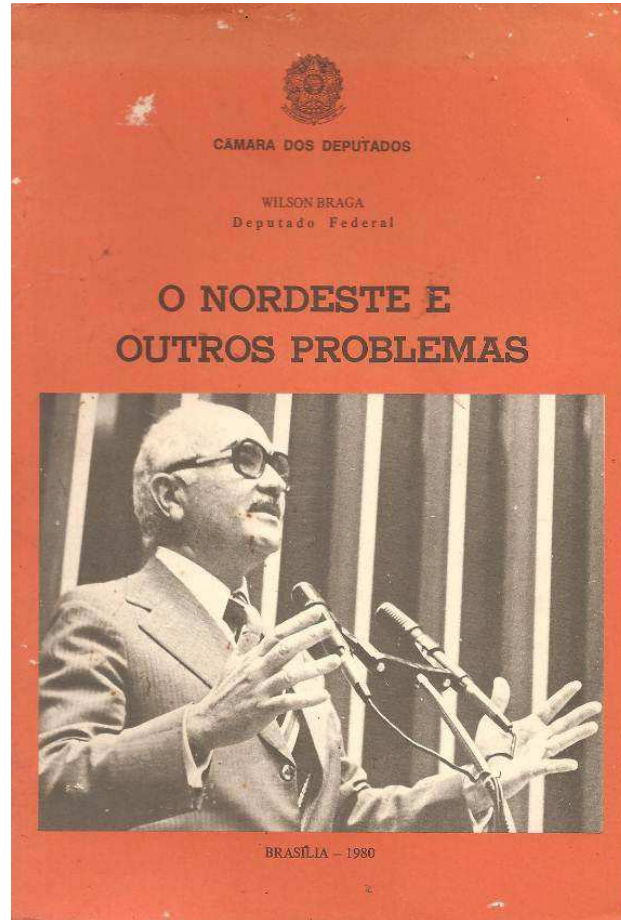


Figura 14: Capa do livro produzido pelo então deputado federal Wilson Braga
Fonte: BRAGA, Wilson. O Nordeste e Outros Problemas. Ed. Brasília,, Brasília-DF, 1980.

O livro traz o mesmo objetivo que se verifica nas demais produções de Wilson Braga, qual seja a divulgação das ações do político enquanto Deputado Federal. Dessa forma, aparece mais uma vez os projetos de lei, discursos e correspondências desse político ao longo dos seus mandatos. A temática do Nordeste como uma região que carece de investimentos do Governo Federal, ganha a cena, aliada a outras iniciativas de atuação do político que dão corpo ao título dessa obra: “outros problemas”.

O livro, impresso em 1980 pelo centro gráfico do Senado, encontra-se dividido em duas partes, compostas, de um prefácio, de autoria do próprio Wilson Braga, e seis capítulos, sendo os quais: Discursos; Projetos apresentados; Reivindicações; Com o Presidente da República; O Nordeste e outros problemas e Partido Alto. A capa, como podemos visualizar a cima, produzida na cor laranja, traz o timbre do legislativo e destaca, além do título em caixa alta, uma imagem de Wilson durante uma das suas participações na Câmara Federal em Brasília.

No livro, Wilson procura desnaturalizar questões a cerca do Nordeste, como a ideia de que essa região seria pobre. Com isso, mesmo utilizando por vezes a terminação pobre, ele prefere o termo empobrecido, justificando que o Nordeste desfruta de muitas potencialidades mas, em função do “descaso e insensibilidades dos governos”, estava tonando-se pobre. Tal abandono, segundo ele, era visível quando se observava que enquanto o país crescia, sua região tornava-se cada vez mais pobre:

Menos pelos efeitos de um clima hostil, que periodicamente flagela o Nordeste com secas ou enchentes, e muito mais pelo descaso e a insensibilidade dos sucessivos governos, a nossa região torna-se cada dia mais pobre, enquanto o país, como um todo, cresce, avança, desenvolve tecnologia sofisticada e atinge a era atômica (BRAGA, 1980, p. 07).

Para Wilson a culpa do empobrecimento do Nordeste seria explicada não em função do clima, caracterizado pelas secas periódicas e enchentes, mas pela falta de investimentos do Governo Federal, de políticas públicas que colocassem essa região no caminho do desenvolvimento. Para embasar essa defesa no livro, além de citar os repasses do governo durante setenta anos de existência do DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – Wilson compara o Nordeste com alguns países com “climas agressivos”, discorrendo sobre o caso de Israel, no Oriente Médio, que havia conseguido vencer o deserto através do uso de tecnologias.

No livro, Wilson se afirma claramente como um dos principais parlamentares que faz do seu mandato, na Câmara, uma luta para trazer mais recursos para o Nordeste, utilizando-se, para isso, dos discursos que enfatizava essa região como empobrecida e carente dos investimentos federais. Ele se insere, dessa forma, dentro da bancada de parlamentares que, nos anos 1970 e 1980, compunham a chamada “indústria das secas”, que justificavam o aumento de recursos para essa região através da ênfase na necessidade de conter os prejuízos causados pelo fenômeno climático.

Wilson, nessa obra, se constroi não apenas como um parlamentar sertanejo que conhece de perto as condições do lugar. Para além disto, ele se afirma como um político que possui um bom conhecimento acumulado, o que lhe permite fazer

um balanço técnico, histórico, geográfico, e até literário, sobre o fenômeno das secas, apontando os possíveis caminhos para reverter essa situação no Nordeste. Assim, se geograficamente ele faz um comparativo entre dois extremos que são o Nordeste e Israel, historicamente vai buscar nas mudanças constitucionais as causas para o empobrecimento dessa região.

A minha luta, junto ao bloco de parlamentares nordestinos, é fazer reverter para o Nordeste, esses recursos consignados pela constituição de 1946 e retirados em 1967. Nesse sentido, apresentei emenda constitucional que contou com a assinatura de 147 deputados federais e 26 senadores (BRAGA, 1980, p. 07).

Realizando uma análise das mudanças constitucionais de 1946 e 1967, Wilson se apresenta nessa obra como detentor de um amplo conhecimento histórico e legal sobre os principais fatores que têm levado o Nordeste a esse empobrecimento. Ele se afirma, assim, na cena pública dos anos 1980 como um político capacitado para permanecer no campo e, mais que isso, pleitear outros cargos públicos, haja vista que com a abertura política, já congitava-se o seu nome como um dos possíveis candidatos ao governo do estado.

Wilson se apresenta na obra, portanto, como legítimo representante do Nordeste, que além da experiência de vida, carrega uma ampla bagagem de atos e ações voltadas para defender os interesses dessa região. Essa legitimidade de representante do Nordeste, na visão desse político, seria comprovada através do trabalho que ele havia desempenhado e não na elaboração de meros discursos: “O que se segue, nas páginas adiante, retrata o trabalho e dispensa comentários que induzam a conclusões, pois os atos e ações falam por si com suficiente eloquência” (BRAGA, 1980, p. 08).

3.3 E no espelho atual, como o político se vê?

Embora tenham sido feitas inúmeras tentativas para conseguir uma entrevista com o ex-governador Wilson Braga, não foi possível tal realização. Mesmo reconhecendo a importância significativa que essa entrevista ofereceria para o aprofundamento desse trabalho, observamos a viabilidade de discorrermos sobre a

imagem pública que esse político constroi atualmente de si, tomando como fonte de estudo as diversas publicações de Wilson em *sites* de redes sociais, como o facebook.

Dentre um período de seis meses, setembro de 2014 a fevereiro de 2015, pudemos verificar as principais movimentações desse político em sua página de relações no facebook, percebendo assim a possibilidade de traçarmos os principais perfis que o ex-governador tem construído atualmente de si. Verificamos ainda como ele se utiliza dessas redes sociais como importante veículo de captação de votos e de perpetuação do seu grupo político no poder.

É preciso que se diga, de início, que trabalhar com fontes como os *sites* de redes sociais, como é o *facebook*, guarda os seus perigos e, por vezes, limitações. Isso porque, esses *sites* oferecem ao usuário não apenas a possibilidade de se mostrarem ao público, mas também de manipularem a informação, tanto de sua autoria quanto das demais pessoas que venham a publicar textos e imagens. O próprio *facebook* tem como um dos seus dispositivos, um ícone que permite ao internauta, que desfruta de uma página em sua rede, deletar suas informações publicadas, bem como a informação publicada por outros em sua página.

Dessa forma, entendemos que as informações que circulam nesses meios guardam suas limitações, sendo de suma importância para o pesquisador o uso de muita cautela ao se desbruchar sobre fontes dessa natureza, uma vez que a informação publicada passa pelo filtro do próprio usuário que decide o que deve permanecer em sua página e o que deve ser deletado. No caso específico da página movimentada pelo ex-governador Wilson Braga percebemos, muito provavelmente, essa filtragem, pois as informações que permanecem em sua página seguem sempre na direção de exaltação e reconhecimento ao seu trabalho como parlamentar e político, de modo geral, não aparecendo críticas à sua postura política ou pessoal.

Mesmo reconhecendo o *facebook* como uma ferramenta atual e, portanto, ainda pouco utilizada nos trabalhos acadêmicos, verificamos a possibilidade de tomá-la como importante meio para realização da presente pesquisa. Isso porque, ainda que não tenhamos conhecimento de trabalhos na área de história que usam essa ferramenta, outros profissionais, como Carmo (2012), já realizaram pesquisas dessa natureza fornecendo alguns caminhos teóricos e metodológicos para a utilização dessa fonte na produção de trabalhos acadêmicos.

Em artigo desenvolvido para o curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Bahia (UEBA), “*Apontamentos Para Utilização do Facebook Como Ferramenta Acadêmica no Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia*”, Carmo (2012) apresenta, pelo menos, três pontos essenciais que podem ser seguidos quando utilizamos o facebook nos trabalhos acadêmicos: primeiro, definir teoricamente o que é o *facebook*; segundo, fazer um levantamento histórico sobre os objetivos que levaram à sua criação e; terceiro, analisar, internamente como se dá o seu funcionamento (do *facebook*).

Buscando seguir esses pontos, para fundamentar o trabalho, podemos recorrer a autoras como Recuero (2009) que faz um importante debate sobre esses novos veículos de comunicação, enfatizando definições como a ideia de “sites de redes sociais”. Tratando especificamente dessa questão, ela afirma: “os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de softwares sociais, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação” (RECUERO, 2009, p. 102).

Pensando o *facebook* como um *software* que permite o estabelecimento de comunicação direta, entre diferentes atores, a autora nos permite classificá-lo como um “site de redes sociais”, a exemplo de outros dispositivos como o anterior *orkut*. Assim, seguindo a orientação da autora, nos referiremos ao *facebook* neste trabalho através da denominação de “sites de redes sociais”.

Do ponto de vista histórico, vemos que o *facebook* foi lançado em 2004 nos Estados Unidos pelo estudante Mark Zuckerberg, no período em que estudava na Universidade de Harvard, recebendo originalmente o nome de *thefacebook*. De acordo com Recuero (2009), o objetivo inicial do facebook era facilitar a comunicação entre alunos que estavam saindo da escola básica, secundário, para as universidades, sendo um instrumento que facilitaria a comunicação entre esses estudantes que entrariam num momento crucial das suas vidas: a mudança, quase sempre, para outras cidades e outros espaços de relação social.

Inicialmente, o *facebook* era um espaço fechado, que contava com a participação apenas dos estudantes de universidades reconhecidas nos Estados Unidos. Hoje, o *facebook* se apresenta como um *site* de redes sociais aberto para diversos públicos e tem como foco de atuação diversas partes do mundo. Deixou atualmente também o caráter de grupo fechado, permitindo a participação das pessoas unicamente através do preenchimento de dados pessoais no *site* do programa na internet.

Em se tratando do funcionamento, o *facebook* tem como base a formação de perfis e grupos que partilham de interesses comuns. A comunicação com os grupos e amigos adicionados nesse programa centra-se, principalmente, na pergunta: “no que você está pensando agora? A partir dessa pergunta o internauta é chamado a divulgar suas experiências, podendo também compartilhar fotos, desenhos, dentre outras publicações feitas por ele mesmo ou por amigos conectados ao programa.

A manutenção da conexão entre diferentes pessoas no *facebook* se dá, tanto através das publicações na sua página, chamada de “linha do tempo, quanto por meio de determinados *links* que buscam “revelar” o seu posicionamento, bem como o posicionamento dos demais colegas, sobre determinada publicação feita nessa página. “Curtir”, “comentar”, “compartilhar” são, assim, as principais chamdas feitas pelo programa para a participação do *site*.

A comunicação entre os grupos e colegas pode ser também efetuada de maneira mais sigilosa, fechada, uma vez que o próprio *facebook* apresenta em suas configurações e funcionalidades a opção para que o usuário, no ato de suas publicações e/ou comentários, selecione o público que pode ou não visualizar tal publicação. O número de participantes também pode ser individualizado através do uso de outros *links* no programa, como o espaço chamado de “bate papo”, onde o usuário, pode selecionar o amigo (ou amigos) com quem deseja coversar ou compartilhar fotos, determinadas artes, dentre outras.

De posse dessas informações, percebemos que o que se verifica nas publicações de Wilson Braga, ao longo do período em que estivemos acompanhando suas movimentações no *site*, é a manuteção de uma imagem pública que, desde os primeiros anos da sua carreira política, foi sendo projetada. Aparece, portanto, no *site* a sua construção como político de bases populares, a sua constante divulgação como um político de alianças partidárias coerentes, bem como a divulgação de um perfil de homem marcado pelos valores familiares e cristãos.

A manutenção desses papéis políticos por parte de Wilson Braga se explica principalmente, quando temos em mente debates levantados por autores como Schartzenberg (1978). Tal autor, que foi fundamental para pensarmos os papéis encenados pelos atores políticos, nos levando a perceber que em Wilson vemos o papel de “herói e “nosso pai”, discorre sobre a necessidade que esses políticos têm de carregar, ao longo de toda uma vida, um determinado papel que foi sendo projetado na cena pública.

Muitos dirigentes são prisioneiros da sua própria imagem [...]. O homem político deve, portanto, concordar em desempenhar de uma maneira duradoura o personagem em cuja pele se meteu (SCHARTZENBERG, 1978, p. 4-5).

Seguindo essa ideia defendida pelo autor acima, podemos pensar que se determinado ator político, como Wilson Braga, se projetou na cena pública a partir de um papel de atuação específico, “héroi, “nosso pai”, “líder charmoso” e “tipo igual a todo mundo”, será esse o papel que ele continuará desempenhando. Caso ocorra uma tentativa de mudança desse papel, ou distanciamento dele, o político poderá não mais ser reconhecido pelo público que o elegeu, uma vez que esse público não encontrará mais pontos de identificação com o político.

Nesse sentido, o que se evidencia nas inúmeras publicações de Wilson, ao longo de mais de 60 anos de atuação política, é a manutenção do personagem de “herói” e de “nosso pai”, papéis que o seu *marketing* político construiu e que o próprio Wilson, em livros, jornais, revistas e discursos de posse, dentre outros, tratou de fortalecer e legitimar. Assim, nos *sites* de redes sociais percebemos como Wilson busca continuar reforçando essa imagem, se apresentando atualmente como um “grande pai de família”, um político ainda detentor de “grande prestígio” - tanto entre o eleitorado paraibano, quanto entre o próprio grupo político - e um “vitorioso” e arduo defensor do povo nordestino. Na imagem a seguir, vemos a capa que abre o perfil de Wilson Braga no *facebook*, bem como a projeção, mais adiante, dos seus discursos que nos revelam a postura política que ele tem projetado nesse *site* de rede social.

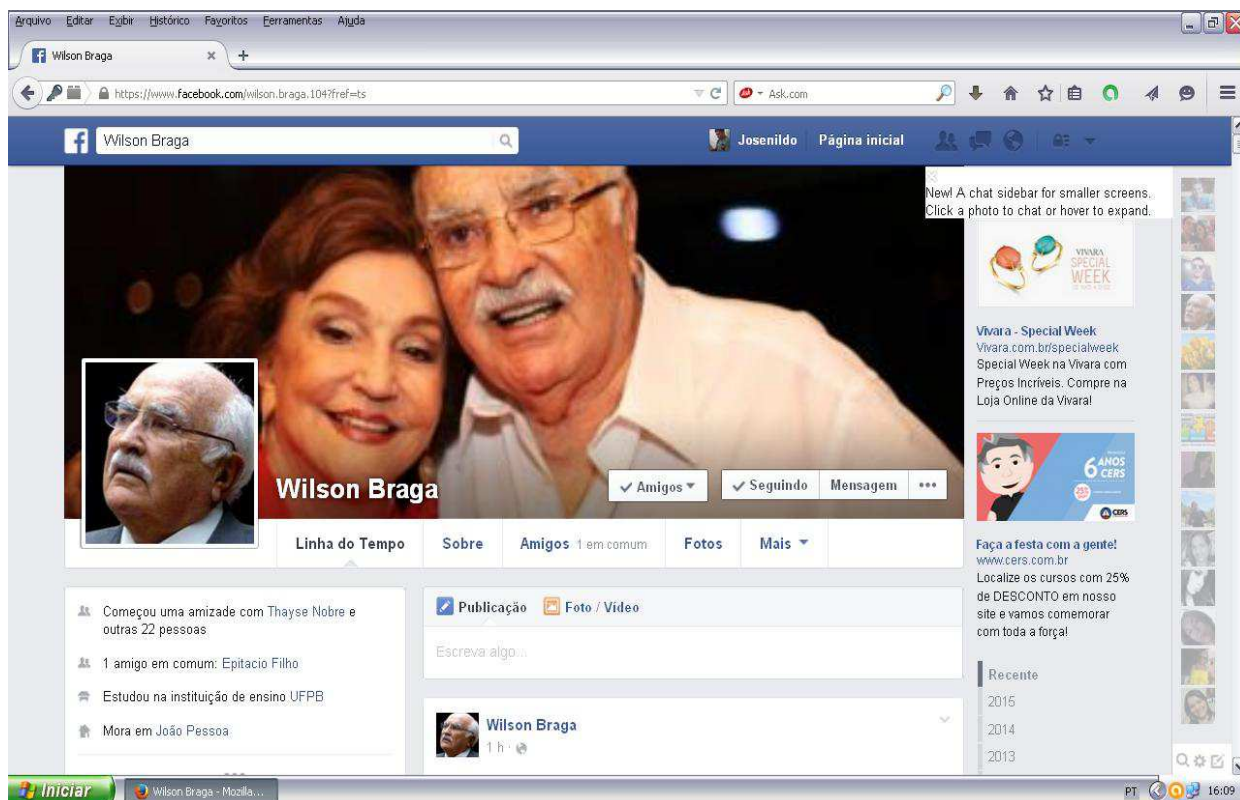


Figura 15: página de abertura do facebook de Wilson Braga.
Fonte: <http://www.facebook.com/wilson.braga.104?ref=ts>

Acima aparece a imagem de capa da página do *facebook* de Wilson Braga, destacando-se a sua fotografia ao lado da sua esposa Lúcia Braga, além dos elementos que compõe esse *site* de rede social: perfil, amigos, fotos e atualizações. Mais abaixo, vemos a sua linha do tempo onde aparece uma atualização efetuada às 15:00 horas do dia 8 de janeiro de 2015. Nessa atualização, que pode ser vista no recorte mais adiante, Wilson se apresenta como político realizado ànte o reconhecimento do seu povo em função do trabalho que ele desempenha há muitos anos.

Wilson Braga

Wilson Braga Linha do tempo Recente

Estudou na instituição de ensino UFPB

Mora em João Pessoa

AMIGOS - 5.000 (1 em comum)

Genival Matias Filho

Museu Margarida Alves

Angela Mfo

Walter Luis

Mário Heitor Negócio

Rita Freire

Jullyana Costa

Janaina Rafaela Rodrigues

Fred Pitanga

Wilson Braga 1 h

Me enche de felicidade e de emoção o verdadeiro carinho dos meus amigos(as) que jamais deixa de reconhecer o meu trabalho. Sempre lutei pelo meu povo querido de Conceição e por todo Nordeste para acaba com o seu sofrimento de água, de igualdades na área da educação entre outros. Além das lutas por melhorias em toda Paraíba para os menos favorecidos e hoje me sinto muito realizado pelo que consegui fazer durante a minha trajetória política. Ver que pude contribuir para ajudar o nosso Estado e o nosso povo me enche de alegria e ver o reconhecimento através do povo com o seu carinho e sua gratidão me enche de emoção. E afirmo mais uma vez que o meu trabalho não vai para, pois ele continuará através da minha filha Marianna no qual fico muito orgulhoso juntamente com sua mãe Lúcia Braga, por saber que mais uma vez contribuiremos para ajudar o povo Paraibano. Obrigado de coração e um grande abraço em cada um de vocês! Fiquem com Deus!

Alfredo Sá Neto ▶ MINHA CONCEIÇÃO QUERIDA

Hoje ouvi um depoimento que me emocionou. O Jornalista João Costa da Rádio Arapuá, num programa de meio dia, fez uma justa homenagem ao nosso conterrâneo Wilson Leite. Disse o jornalista que a Paraíba jamais poderá se esquecer do político mais popular que o nosso Estado já conheceu e o único a se preocupar com a falta d'água enfrentada pelo povo.

Figura 16: Publicação de Wilson sobre o reconhecimento político
Fonte: <http://www.facebook.com/wilson.braga.104?ref=ts>

Nessa publicação Wilson segue o mesmo perfil que adotou na construção de livros como os citados nessa pesquisa. Ele se afirma como político que representa não apenas o seu município de origem, Conceição-PB, mas como legítimo representante de toda a região Nordeste. Tal legitimação se justificaria nesse texto, em primeiro lugar, através das suas velhas temáticas que eram a luta contra a falta d'água e por "igualdade de condições na educação". Em segundo, essa legitimidade apareceria no próprio reconhecimento popular, presente na sua fala e na fala de amigos que responderam a sua publicação no *facebook*.

Nesse discurso, e em outras publicações em sua linha do tempo, percebemos ainda a caracterização desse político a partir de uma figura de homem religioso, que traz como uma das suas bandeiras a defesa da família nos moldes cristãos do catolicismo romano. Isso porque, verificamos constantemente nessas publicações, a presença de Wilson junto da sua esposa Lúcia, como aparece na capa, e da sua

filha Marianna, sempre em diferentes eventos que tradicionalmente costumam reunir as famílias, como o São João, Natal e *Reveilon*.

The image shows a Facebook post from Wilson Braga. The post text reads: "Meus amigos(as) venho aqui deseja um 2015 repleto de luz, de bênçãos e de amor de Cristo. Que nesse novo ano que se inicia possamos ser cada vez melhores e mais humanos com o próximo. Desejo que venha cheio de sorrisos, sucesso, saúde e paz. Que cada um de vocês consiga realizar seus sonhos e que, mesmo que não seja a hora, nunca desanimem e sigam em frente com alma cheia de esperanças e forças. Muita prosperidade e felicidade para todos! Um grande abraço em cada um de vocês! Seus amigos de sempre: Lúcia, Wilson e Marianna Braga". Below the text is a photograph of three people: a woman on the left, an older man in the center, and a younger woman on the right. The Facebook interface includes a search bar with 'Wilson Braga', a navigation bar with 'Linha do tempo', '2014', and 'Destaques', and a list of friends who liked the post, including Sylvia Rocha, Olivia Motta Madruga, João Marcelo Azevedo, Alex Rubens Rubinho LJ, and Marília Rosado Maia. There is also a section for 'CURTIR · 2014' showing two more likes from Professora Adylla Rabello and Elba Ramalho, and a section for 'PUBLICAÇÕES DE AMIGOS · 2014' indicating 287 friends published on Wilson's timeline.

Figura 17: Wilson e sua família

Fonte: <http://www.facebook.com/wilson.braga.104?fref=ts>

Na figura acima, aparece Wilson (no centro), à sua direita, sua esposa Lúcia e, à esquerda, a filha do casal, Marianna. A publicação foi efetuada nas vésperas do novo ano, 2015, e faz parte do círculo de homenagens que o ex-governador divulgou na sua linha do tempo durante esses últimos momentos de 2014. O texto escrito, caracteriza-se pelo forte cunho religioso cristão, onde Wilson deseja ao povo votos de “amor de cristo”, “esperanças e prosperidades” no ano de 2015, afirmando ser esse o desejo seu e de toda a sua família.

Por vários momentos, Wilson busca passar no *facebook* a ideia de uma família que diante das dificuldades e dos longos anos que já passaram, se mantém unida e fortalecida. Um dos pontos centrais dessa união seria, segundo o que aparece no *facebook*, a boa relação mantida entre Wilson e sua esposa durante mais de 50 anos de casamento, questão que rendeu na rede diversas publicações,

onde aparecem homenagens feitas pelo ex-governador à Lúcia, destacando-a sempre como um exemplo de mulher, de mãe e de esposa. Durante as comemorações de aniversário de Lúcia, em 14 de dezembro de 2014, aparece uma dessas homenagens de Wilson à sua esposa, onde se verifica no discurso um forte apelo religioso:



Figura 18: Aniversário de Lúcia Braga

Fonte: <http://www.facebook.com/wilson.braga.104?ref=ts>

Na imagem, a figura de Wilson e Lúcia são envolvidas pelos corações, acompanhado-se na cena os votos de “feliz aniversário e o célebre “te amo”. O texto escrito traz a declaração de Wilson, onde se destaca a sua menção à Lúcia como sendo a mulher da sua vida, “um exemplo de mulher”, além de descrevê-la como aquela que proporcionou a ele uma vida de muita felicidade e uma família linda. No

texto, o discurso de Wilson é permeado ainda pelos inúmeros agradecimentos a Deus e por outras palavras que afirmam a posição religiosa dele, como o “Deus ilumine” e o “Deus abençoe”.

Usar *sites* de redes sociais para atestar uma posição familiar, calcada numa visão religiosa, não é uma iniciativa apenas do político Wilson Braga. Até porque, cada vez mais vemos a popularização dos dispositivos de acesso a esses *sites*, como o celular e o *tablet*, que atingem hoje um número crescente da população mundial. Com essa garantia crescente do acesso à internet e, particularmente, de *sites* de redes sociais como o antigo *Orkut* e o *Twitter* e os novos *facebook* e *Whatsapp*, os políticos têm se apropriado desses instrumentos de comunicação para promoverem a sua imagem pública com vistas à vitória eleitoral.

No caso de Wilson Braga, o *facebook*, através da divulgação constante de momentos de sua vida privada, da sua família, como sendo um exemplo de família seguidora da moral, da ética e dos princípios cristocêntricos, se revela um grande aliado na promoção de, pelo menos, dois interesses políticos do ex-governador: a divulgação da sua aliança política em 2014 e as tentativas de promover a entrada de uma nova figura no campo político, a da sua filha Marianna, que deveria dar continuidade ao seu nome na política paraibana.

Em relação a esse primeiro interesse, observamos várias publicações na página do *facebook* onde é apresentado o partido de base seguido atualmente por Wilson e Lúcia, além dos candidatos a Deputado Estadual, Federal, Senado e governo, apoiados pelo ex-governador nas eleições de 2014 na Paraíba. Como exemplo, a seguir vemos a divulgação da filiação desse casal ao PV, Partido Verde.

Figura 19: Filiação do casal, Wilson e Lúcia ao Partido Verde
Fonte: <http://www.facebook.com/wilson.braga.104?ref=ts>

Na figura aparece a ex-deputada e esposa de Wilson, Lúcia Braga, apresentando a camisa de filiação ao Partido Verde. Como se percebe na cena de exibição da camisa e no seu próprio formato, a imagem deixa a entender a ideia de entrada desse casal no “time” do Partido Verde. No texto escrito, de autoria de uma das amigas de Wilson no *facebook*, Denis Soares dos Santos, destaca-se a saída de Wilson do cenário político, uma vez que ele estava terminando de cumprir o seu mandato como Deputado Estadual (2011-2015), e a sua entrada como filiado no partido num momento descrito como de crise econômica e política no Brasil.

O *facebook* acaba sendo utilizado, portanto, como um veículo de suma importância para marcar a posição atual do político Wilson Braga no seu campo de atuação. Faz-se, assim, uma ferramenta para manter o eleitorado atualizado sobre as decisões tomadas pelo político, servindo-se como instrumento de propaganda política, uma vez que apresenta para o público os nomes, os números, o partido, os

motes de campanha, bem como as justificativas que supostamente teriam levado o político a fazer determinadas alianças.

Acompanhando as publicações de Wilson durante a campanha eleitoral de 2014, percebemos como o ex-governador fez um uso massivo das redes sociais, especialmente o *facebook*, para apresentar ao seu eleitorado o nome dos candidatos que estaria apoiando nessas eleições. Seria, nesse sentido, uma forma de demonstrar para esse público, revivendo as velhas práticas políticas que ainda permanecem atualmente, que os que apoiam ainda o seu nome devem ter como candidatos os que ele estava naquele momento indicando ao voto.



Figura 20: Deputados apoiados por Wilson em 2014.
Fonte: <http://www.facebook.com/wilson.braga.104?fref=ts>

Como é possível verificarmos na imagem publicada em 25 de setembro de 2014, Wilson lança, como políticos que estaria apoiando nesse pleito, os nomes de

Ondon Bezerra, Deputado Federal, e João Gonçalves, Deputado Estadual. Como justificativas para esse apoio, Wilson apresenta vídeos, como o lançado por Odon defendendo propostas para os advogados junto à Câmara Federal e discursos que chegam a afirmar a amizade com estes políticos e o reconhecimento de que são homens “honestos” e “dignos” para representar os paraibanos, caso particular das referências que ele apresenta ao defender João Gonçalves como o seu candidato a Deputado Estadual:

Meus amigos e minhas amigas, venho aqui pedir o seu voto, pois João merece! Um homem trabalhador, humilde e honesto que vai continuar a lutar por melhorias em nossa querida Paraíba. Conceição minha amada terra, sei que fará a escolha correta! Um grande abraço e fiquem com Deus! (BRAGA, 25 de Setembro de 2014).

Na citação anterior, vemos o apelo feito por Wilson para angariar votos para a campanha de João Gonçalves. Dentre as descrições que ele faz do seu candidato aparece a construção do perfil de político, trabalhador, humilde e honesto, como elementos que justificam o voto no referido candidato. Verificamos também como Wilson usa as redes sociais para apelar, junto à sua região de origem, Conceição-PB, afirmando acreditar na escolha dos moradores desta terra e, mais ainda, colocando a sua escolha como sendo a escolha “correta” para os paraibanos.

Nesse mesmo sentido são as divulgações feitas na página de relações do *facebook* de Wilson sobre a campanha para o Senado. Isso porque, além do apoio dado aos citados deputados, Wilson utiliza-se do *facebook* para propagar também a escolha do candidato José Maranhão, do PMDB, como o nome que apoiaria durante as eleições de 2014. Tal questão se verifica na rede de maneira mais sutil, uma vez que os elogios a esse candidato ganham a forma de comemorações pelo seu aniversário.

Wilson Braga

Wilson Braga Linha do tempo 2014 Destaques

Professora Elba Ramalho
Adylla Rabello

Mais publicações de 6 de setembro a 8

Wilson Braga
6 de setembro de 2014

Hoje é um dia especial, pois comemora-se o aniversário de um dos grandes nomes da política paraibana!
É com enorme prazer que venho desejar-te os parabéns, Zé Maranhão. Que Deus abençoe você e toda família, iluminando seu caminho, para que continue o trabalho em prol da melhoria do nosso honroso estado.
Esses são os sinceros votos da família Braga.
Grande abraço, felicidades!!

287 amigos publicaram na Linha do Tempo de Wilson.

tempo dele:
10 de dezembro de 2014 às 07:23

Grande homem público da Paraíba.

Curtir · Comentar 2

Manoel Filho escreveu na linha do tempo dele:
9 de dezembro de 2014 às 00:41

Es um homem público de maior qualidade para mim. Cresci ouvindo meu pai falando bem do senhor.

Curtir · Comentar 2

Bruno Caetano escreveu na linha do tempo dele:
7 de dezembro de 2014 às 14:30

Grande Governador da Paraíba, em especial da cidade do sertão IMACULADA-PB Wilson Braga, cidade a qual o admira e o respeita bastante!!!

Figura 21: Encontro do candidato ao Senador José Maranhão com Wilson Braga.
Fonte: <http://www.facebook.com/wilson.braga.104?fref=ts>

Na figura acima vemos o candidato do PMDB, José Maranhão (à esquerda da imagem) junto com Wilson Braga fazendo o símbolo do “V” da vitória com a mão direita. O texto escrito, traz as palavras de Wilson que se refere a José Maranhão como “um dos grandes nomes da política paraibana”, aquele que tem feito e com “as bençãos de Deus poderá continuar fazendo um trabalho em prol da melhoria do estado”. Assim, Wilson faz uso desse *site*, mais uma vez, para declarar ao seu eleitorado o nome do candidato indicado para o voto no dia 5 de outubro de 2014.

Das alianças políticas às comemorações pelo resultado eleitoral, esse também é um dos movimentos presentes nas atualizações que Wilson foi realizando através da sua atuação nas redes sociais. Com isso, embora o apoio ao atual governador da Paraíba, Ricardo Coutinho (PSD), por parte de Wilson Braga, deu-se

de maneira mais discreta na rede, se comparado à campanha que fez para outros candidatos, percebemos como ele e seus familiares, como a sobrinha Luciana Navarro, utilizam desse instrumento de comunicação para divulgar todo o ar de satisfação e comemorações em função da vitória eleitoral de Ricardo nesse ano de 2014.



Figura 22: Comemoração da vitória do governador Ricardo Coutinho pela família Braga
Fonte: <http://www.facebook.com/wilson.braga.104?ref=ts>

Na imagem acima, sob publicação de Luciana Navarro, sobrinha do ex-governador Wilson Braga, percebemos uma sucessão de fotografias onde aparece o casal Wilson e Lúcia, seguido de familiares e, mais abaixo (à esquerda da imagem), a figura do próprio governador. Como predominante na cena, vemos a cor laranja, representação da aliança encabeçada por Ricardo Coutinho na Campanha ao

governo em 2014. No texto escrito, Luciana procura enfatizar o apoio dado pela família Braga, descrevendo as figuras de Lúcia e Wilson como “ícones da política paraibana” e “lendas vivas inigualáveis”.

Poderíamos, a partir de publicações como a exposta acima, perceber como os *sites* de redes sociais, a exemplo do *facebook*, atua ainda como grande aliada na transmissão de diferentes interesses políticos. Neste caso particular, podemos atestar o uso dessas redes pela família Braga com a finalidade de passar a mensagem de um grupo que atuou de maneira decisiva para garantir a vitória eleitoral do governador. Tal mensagem, embora revestida de muito entusiasmo, deixa claro, pelo menos através do que consta na escrita de Luciana, a ideia de que essa família sagra-se nessas eleições como vencedora política, embora não tenham concorrido diretamente ao cargo, nos permitindo pensar que o que está em jogo não é só a vitória do governador, mas também as conquistas que esse grupo deverá usufruir como “merecido reconhecimento” em função do apoio oferecido nas eleições.

Outro interesse que fica evidente ao nos debruçarmos sobre as publicações de Wilson Braga nos *sites* de redes sociais, diz respeito ao uso desse meio de comunicação com a finalidade de promover a entrada de uma nova figura no campo da política paraibana: a da sua filha Marianna. Por vezes Wilson se reporta no *facebook* sobre a competência e capacidade da sua filha para dar continuidade as tarefas que ele veio assumindo ao longo da sua carreira pública. Assim, esse meio de comunicação assume a condição de importante veículo para divulgar a imagem daquela que deveria continuar o nome Braga nas próximas gerações da política paraibana. É a continuidade do poder através do nome de família, do familismo na política.



Figura 23: Wilson apresentando para os amigos do facebook a sua filha Marianna

Fonte: <http://www.facebook.com/wilson.braga.104?fref=ts>.

Na figura exposta, vemos a imagem de Wilson ao lado da sua filha Marianna. Como texto escrito aparece a publicação do ex-governador afirmando o amor que tem a essa filha e a alegria de saber do seu interesse em dar continuidade ao nome Braga na política paraibana, fazendo-se a sua sucessora política:

Minha filha Marianna, minha sucessora. Meu orgulho, meu amor que me deixou feliz em saber que quer seguir os meus passos. Em você guardo a esperança de uma Paraíba mais justa e igualitária para todos. Deus te abençoe. A tradição do bem!! (Texto de Wilson Braga em sua página no *facebook*).

No *facebook*, Marianna é descrita como a sucessora, a herdeira política de Wilson Braga, que tem a missão de dar continuidade à sua tradição, a sua maneira de fazer política na Paraíba. Marianna é vista na fala de Wilson, para além de uma

simples sucessora, como aquela que enche o seu coração de esperança em ver uma “Paraíba mais justa, mais igualitária”. Revestindo o texto de subjetividades, ela é descrita ainda como o nome que dará continuidade a sua tradição, descrita como sendo “ a tradição do bem”.

Para confirmar o nome da sua filha como sua herdeira política, Wilson divulga uma sucessão de imagens e textos no *facebook* onde ela aparece, ora ao lado do político nos principais eventos da família, ora como figura atuante discursivamente representando a família em eventos políticos. Na imagem a seguir podemos verificar a presença de Marianna discursando num desses eventos políticos, embora Wilson não tenha divulgado o local do referido evento:



Figura 24: Marianna, filha de Wilson Braga, em discurso político

Fonte: <http://www.facebook.com/wilson.braga.104?fref=ts>.

Como podemos perceber na imagem anterior, Marianna aparece discursando num dos eventos políticos de 2014, haja vista a publicação ser de setembro, data ainda anterior ao pleito. É provável que nesta cena ela esteja assumindo a condição de representar Wilson nos comícios que divulgam o nome dos candidatos apoiados por ele nessas eleições. No plano escrito, Wilson continua enfatizando a figura de Marianna como sua sucessora política, como “aquela que dará continuidade ao seu legado, lutando por uma Paraíba mais justa, humana, igualitária, do povo (BRAGA, 2014)”.

Os *sites* de redes sociais, como o *facebook*, assumem, assim, um importante papel para os destinos políticos do nome Wilson Braga. Tornam-se, portanto, um dos principais meios de apresentar ao povo a sua imagem pública na atualidade, bem como a imagem pública de todo o seu grupo. Assumem a condição também de elemento de grande importância para a construção e divulgação da imagem de um político que se afirma detentor de uma maneira particular de fazer política, que tem num modelo de família, cristã, moral, ética, as bases para gerir os rumos administrativos da Paraíba.

Considerações Finais

A imagem pública de alguém é, pois, um complexo de informações, noções, conceitos, posse comum de uma coletividade qualquer, reconhecidos como propriedades que o caracterizam (GOMES, 1999, p. 10).

Construindo a sua definição de imagem pública, Wilson Gomes nos oferece a possibilidade de pensar num conceito que embora não sendo propriamente do campo da história, nos permite estabelecer um diálogo com a história política, especialmente com as novas leituras que demonstraram a grande aproximação desse campo com os pressupostos da história cultural, promovendo assim, uma verdadeira história cultural do político.

Foi através dessas inovações que perpassam atualmente o campo da história política que verificamos a viabilidade de trabalhar o tema da imagem pública, pensando como se deu a construção e divulgação de todo um “complexo de informações, noções e conceitos” sobre uma figura política tão afamada na década de 1980, como é o caso de Wilson Braga na Paraíba. Dessa forma, pudemos mergulhar no complexo cenário político desse período, por meio de diferentes documentos, para perceber não só a projeção de divergentes imagens dessa personalidade política, mas também as influências que estiveram e que ainda atuam na produção dessas imagens.

Dentre essas influências destacamos no trabalho os interesses que cercavam determinados meios de comunicação como os Jornais Gazeta do Cariri, Jornal da Paraíba e A União, bem como outros periódicos, a exemplo da Revista Fisco. Verificamos, nesse sentido, como a mídia, embora se apresentando a partir da ideia de imparcialidade, escolhe, quase sempre, um dos lados do jogo político, posição esta que se explica, às vezes em função de ligações familiares e/ou partidárias, às vezes por interesse do ponto de vista financeiro, caso perceptível em jornais como o Gazeta do Cariri, que contava com patrocínios mensais do governo do estado, através de órgãos como a Fundação Social do Trabalho (FUNSAT).

Permitimo-nos ainda ir além do debate sobre as visões e interesses que se projetaram sobre a vida pública de Wilson Braga nos anos 1980, abrindo também espaço para refletir sobre a construção do político a partir de uma marca, que foi o

difundido, e ainda hoje tão falado, quando se menciona essa figura política, o Projeto Canaã. Através do uso dessa marca, discutimos como o então governador ocupou as páginas de jornais e revistas desse momento sendo apresentado como um político popular que fez da sua atuação uma “verdadeiro” projeto de transformação social, vendendo a imagem de um governo que, por vezes, chega a se confundir com o povo, em função do tão citado *slogan*: “o social como prioridade”.

Pensando o próprio cenário nordestino e paraibano, particularmente, da década de 1980, através de metodologias de avaliação da condição social brasileira, como o Índice de Desenvolvimento Social (IDS), foi possível também perceber como todo esse discurso arquitetado pelo grupo Wilson Braga é forjado a partir do próprio contexto econômico, social e político vivenciado pela população nordestina nesse período. Pudemos refletir, de acordo com o que foi exposto no trabalho, como os discursos políticos se formam a partir da própria realidade social, buscando-se, com isso, se adaptar as tendências do momento, com vistas à aceitação.

No caso do uso intensivo do nome Wilson Braga, aproximado à imagem de um político que se afirma popular e, portanto, detentor de uma maneira diferenciada de fazer política, verificamos que o seu *marketing* de governo social tem como ancoragem o contexto dos anos 1970 e 1980 tanto em nível de Brasil, como de região e estado. Dessa forma, a questão da redemocratização, das secas prolongadas e, conseqüentemente das dificuldades enfrentadas pelo nordestino para conseguir se fixar no seu lugar de origem acabam sendo as bases para a formação de discursos políticos que toma a ideia de desenvolvimento social, a partir da própria participação popular, como principal marca de campanha.

Mas não poderíamos nos deter apenas aos discursos projetados por Wilson e seu grupo político/partidário. Neste trabalho, além de pensar sobre a aproximação desse político com o Projeto Canaã, tendo como referência os documentos que exaltavam o governo, através da sua suposta boa atuação ao desenvolver um plano de ações dessa natureza, fomos em busca de encontrar novas versões para essa história. Nesse sentido, pudemos perceber visões destoantes sobre o Canaã, se comparadas as visões projetadas pelo próprio governo, destacando-se, por vezes, uma série de críticas às metas e ações desenvolvidas, como as divulgações na imprensa sobre as acusações de desvios de dinheiro público, superfaturamento de obras e desvios da finalidade do projeto para beneficiamento na campanha eleitoral.

Da consulta a documentos diversos que tomaram como foco de notícia a imagem de Wilson Braga, procuramos ainda, no desenrolar dessa pesquisa, verificar como o próprio Wilson construiu e projetou uma imagem para o público. Nessa perspectiva, observamos, através de livros, discursos de posse e intervenções nos *sites* de redes sociais, como o ex-governador foi, com o passar dos anos, apresentando uma imagem de si. Pudemos assim perceber uma grande proximidade entre os perfis construídos sobre a figura pública de Wilson Braga por parte de veículos de comunicação, como o Jornal da Paraíba e o Gazeta do Cariri, e os perfis que o próprio político construiu de si, aparecendo, com isso, a ideia de um político do povo, nordestino e sertanejo que traz no seu projeto de atuação uma forte aproximação com as suas raízes populares.

No debate levantado sobre essa construção de si, verificamos ainda as novas tendências da política com as influências advindas das transformações nos meios de comunicação. Dessa forma, percebemos como os políticos atualmente têm se utilizado dos *sites* de redes sociais para promover a sua imagem pública, aproveitando para isso da popularização desses sites, como os, já antigos, *Orkut* e *Twiter* e os novos, *facebook* e *Whatsapp*. Assim, se antes o espaço de propaganda política cabia apenas a alguns meios de comunicação como o rádio e a televisão – que não garantem o critério de igualdade de participação, uma vez que os partidos e candidatos ditos “pequenos” têm nesses meios o tempo bastante reduzido – hoje as redes sociais permitem uma ampliação desse espaço de divulgação do político, oferecendo a possibilidade de maior igualdade na promoção dos diversos candidatos e partidos.

Adaptando-se a essas novas tendências, verificamos que o político Wilson Braga faz uso dos *sites* de redes sociais, particularmente o *facebook*, para continuar difundindo uma imagem pública, que ele outrora também foi um dos seus principais construtores. Pudemos, dessa forma, analisar essa atuação do político nos *sites* detectando como ele faz uso desse meio para promover o seu nome, o seu partido, suas alianças, bem como para torná-lo importante instrumento de captação de votos e de perpetuação da família no campo político.

Ao final dessa jornada esperamos ter contribuído para o debate em torno da história política, oferecendo aos leitores, à medida do possível, não apenas esclarecimentos para o tema tratado, mas possibilidades de pesquisa neste campo. Esperamos ter situado o leitor no mundo maravilhoso do debate e da pesquisa

acadêmica, fornecendo algumas pistas para todos aqueles que assim desejem seguir nesse campo, que hoje se caracteriza pela diversidade de temas, propostas e possibilidades de abordagens.

O objeto de estudo Wilson Braga, assim como os demais temas na história, não está aqui, com toda certeza, finalizado. Precisaríamos, certamente, ainda mais anos de pesquisas e debates para conseguir esclarecer melhor questões que requerem maior aprofundamento. Este é o caso, por exemplo, de um dos principais questionamentos do trabalho: a influência de Wilson Braga em Jornais paraibanos e demais seguimentos da imprensa paraibana que, devido ao tempo determinado para a presente dissertação, necessita ainda de mais investigações. Haja vista que um mesmo objeto de estudo comporta uma variedade imensa de pesquisas, pois, à medida que vamos nos debruçando sobre ele, conseguimos descobrir novos temas a serem desvendados.

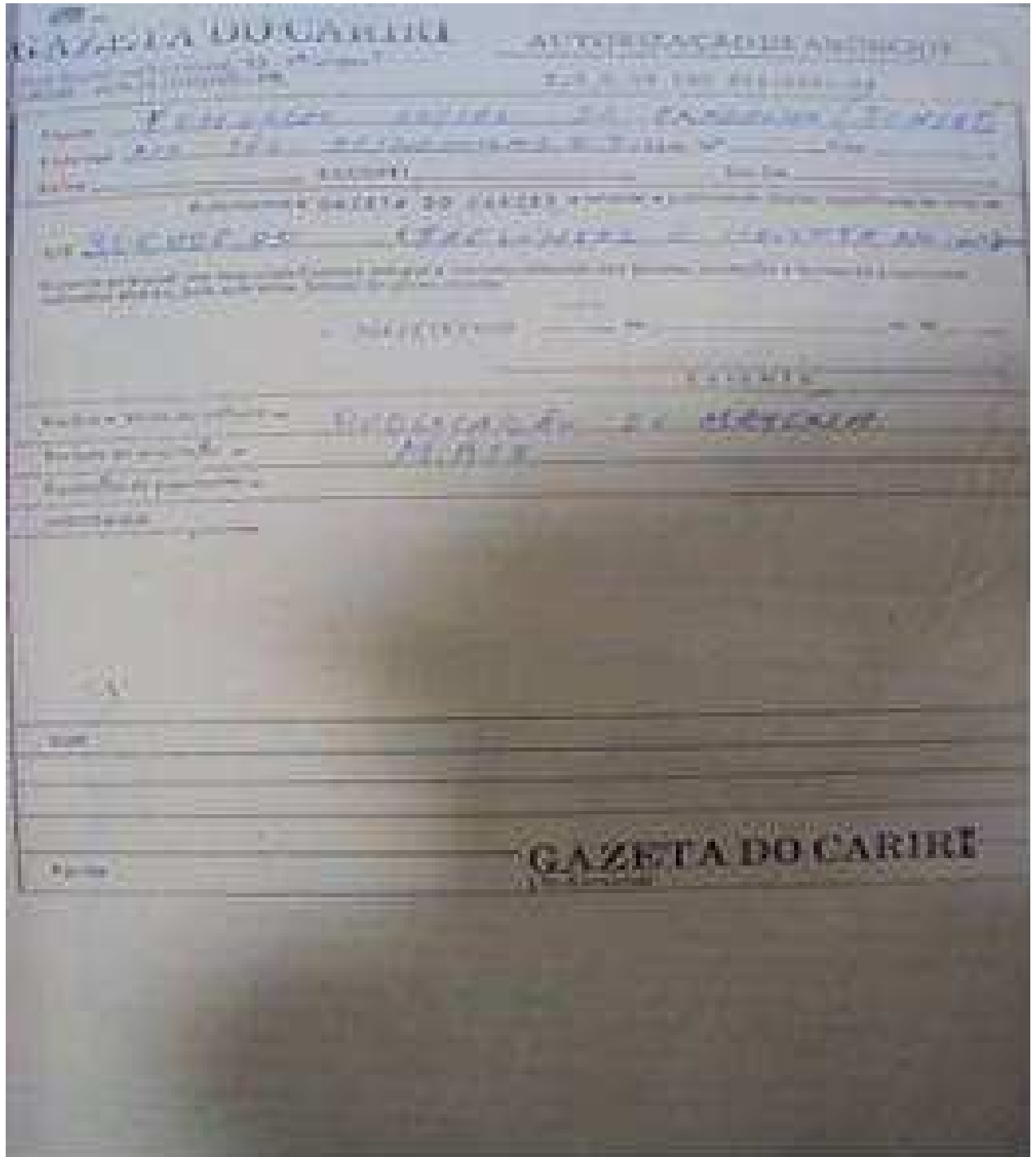
Nessa perspectiva, damos por encerrado esta dissertação em função dos objetivos que nortearam a sua produção. Mas, esperamos continuar seguindo as pistas desse objeto em outras produções acadêmicas, abrindo a possibilidade de ampliar o leque de investigação sobre o tema e, dependendo dos novos debates e circunstâncias históricas, promover mudanças de ordem teórica e metodológica que possam contribuir para o avanço científico do referente trabalho. Isso porque, a história pode ser pensada como um exercício onde estamos constantemente realizando a ação de tecer, destecer e tecer novamente a nossa visão sobre o mundo.

ANEXOS

Anexo a

Figura: Listas de patrocínio do Jornal Gazeta do Cariri com os nomes, respectivamente, da FUNSAT e da Secretaria de Serviços Sociais do Estado.

Fonte: Acervo pessoal da família do fundador do jornal Gazeta do Cariri. Maio de 1984.



Anexo b

Figura: Listas de patrocínio do Jornal Gazeta do Cariri com os nomes, respectivamente, da FUNSAT e da Secretaria de Serviços Sociais do Estado.

Fonte: Acervo pessoal da família do fundador do jornal Gazeta do Cariri. Maio de 1984.



Anexo c: Discurso de posse de Wilson Braga

Fonte: GUEDES, Nonato. **A Fala do Poder**: perfis e discursos comentados de governadores da Paraíba. João pessoa: Forma Editorial, 2012, p. 119

Discurso de posse de Wilson Leite Braga,
ao assumir o governo da Paraíba,
em 15 de março de 1983

“Exmo. Sr. Deputado Soares Madruga, presidente da Assembleia Legislativa, Exmo. Sr. Desembargador Almir Fonseca, presidente do Tribunal de Justiça, companheiro José Carlos da Silva Júnior, vice-governador do estado da Paraíba. Srs. Deputados estaduais:

Chego ao governo do meu estado vivendo a circunstância política que sempre desejei, trazido por uma sucessão progressiva de mandatos e numa hora de reencontro do país com a vocação democrática do seu povo.

Até hoje, ao longo de 29-anos de vida pública, nada fiz nem assumi que não fosse por mandato do povo. Um mandato após outro, oito vezes consecutivas, num exercício de necessidades e aspirações, que começaram nesta Casa e abrem caminho, a partir de agora, para o mais geral e difícil desafio de minha vida pública.

Como todos vós, tenho a consciência desse desafio, do que ele significa em esforços e sacrifícios, mas precisaria não vir de onde venho, de uma região onde o cultivo tem sido mais do homem do que da terra, para não acreditar na construção de um projeto de vida que coloque a maioria dos paraibanos mais próxima da dignidade e da condição humana.

Trago um compromisso que assumi na infância, que vem dos meus avós e que se fortalece com a repetição do quadro de secas cada vez mais extenso e devastador: é o de encarar o fenômeno não com um programa isolado, mas com a ação articulada de todo o governo, de modo a diminuir os efeitos da pobreza e não, emergencialmente, os da seca. Há localidades do Brejo onde sempre chove e nem por isso a miséria é menos ostensiva.

A conclusão é de que o trabalho do homem pode resultar produtivo, ainda que para isto lhe falte uma provisão regular

Anexo d: Discurso de posse de Wilson Braga

Fonte: GUEDES, Nonato. **A Fala do Poder**: perfis e discursos comentados de governadores da Paraíba. João pessoa: Forma Editorial, 2012, p. 120

de água. Fundamental é que se estimulem os fatores de produção de cada ambiente, tendo a vontade e a intuição do homem como fatores decisivos. Diviso outras prioridades, mas vamos completar quatro séculos sem termos superado as soluções de emergência, ficando o homem e a economia sempre à mercê de fatores estranhos à sua força e à sua vontade.

Aliás, não tem sido outra, desde o registro histórico da primeira seca, a história constante do Nordeste e da Paraíba. Os relatórios oficiais, a cada período, dão o testemunho de fome e de morte. José Américo de Almeida, depois de relatar, ciclo por ciclo, todas as cores do flagelo, leva-nos à afirmação do nosso caráter: “O indivíduo não é produto do meio. Alcança, ao contrário, afeiçoá-lo às suas necessidades. A natureza não pode ser mudada em suas linhas gerais, mas pode ser modificada”. Esta é a grande lição e o nosso maior compromisso, através de ações sistemáticas, como prioridades permanentes, visando adaptar as condições do meio às necessidades básicas do homem. Para isto, além da atuação do governo como um todo, teremos uma secretaria extraordinária com a atribuição de executar o Projeto Canaã.

Encontro o estado a debater-se na mais séria de suas crises. Crise econômica, crise financeira, de uma grande crise conjuntural. Estamos assistindo ao declínio progressivo de todos os setores da economia: a queda dos principais produtos agrícolas, dos produtos industriais, com reflexos profundos no comércio e na qualidade de vida do povo. As tendências de baixa que se tentou corrigir em períodos anteriores, agora mais se agravaram. Pouco se esperando da agricultura, em consequência da seca, também o setor industrial apresenta índices altamente negativos: caiu em 40% a arrecadação do IPI. Caiu a produção de cimento e de açúcar, reduziu-se o consumo de energia elétrica para uso industrial. O emprego da mão de obra na indústria têxtil diminuiu em mais de 70%; na construção civil e na indústria alimentícia, a queda atinge os 54%. A taxa de desemprego e de subemprego não pode ser diferente da do Nordeste, que está em 70%. Sem falar no

Anexo e: Discurso de posse de Wilson Braga

Fonte: GUEDES, Nonato. **A Fala do Poder**: perfis e discursos comentados de governadores da Paraíba. João pessoa: Forma Editorial, 2012, p. 121

quadro das finanças, já conhecido de todos, principalmente do funcionalismo, que vem recebendo com dificuldade. Os compromissos vencidos da administração direta e indireta aproximam-se, hoje, neste 15 de março de 83, dos 20 bilhões de cruzeiros. O déficit mensal do Tesouro estadual gira em torno dos 2 bilhões, o que nos deixa um saldo negativo, até o fim do ano, de 40 bilhões de cruzeiros. É uma crise que vem de fora, agravada com quatro anos consecutivos de seca, sem que se possa imputar responsabilidade a este ou àquele governo. Esta, em linhas gerais, é a dura realidade que meu governo vai enfrentar, e para a qual tem de encontrar soluções. Soluções emergenciais, para amenizar a situação atual, principalmente colocando em dia o pagamento do funcionalismo, o grande objetivo a curto prazo; e soluções de longo prazo, atacando os problemas em suas raízes de forma a impedir que voltem a repetir-se no futuro.

O caminho mais imediato é o da austeridade na administração do custeio do governo, seguido com esforço obstinado das medidas de maior profundidade, com vistas ao fortalecimento da base econômica. Teremos de perseguir, pelo menos, a posição que a Paraíba já ocupou em relação à economia regional e nacional. E só temos um caminho: o crescimento econômico baseado na pequena propriedade rural e na pequena indústria. É evidente que o governo do estado não dispõe da totalidade de meios para esse fim. Para o fortalecimento das nossas empresas, é essencial a queda das taxas de juros, a extensão do crédito, o reforço dos seus recursos próprios. Esses instrumentos estão todos nas mãos do governo federal, que, com a atuação da classe política, há de imprimir mudanças.

Mas não pretendo ficar apenas à espera do governo federal. Já temos diretrizes, projetos e programas de apoio ao pequeno agricultor e ao pequeno empresário urbano. Se a fonte de toda a riqueza é o trabalho, e se dispomos de 70% da força de trabalho desocupada ou subempregada, nosso grande objetivo, conseqüentemente, deve ser o de criar empregos produtivos. Num estado quase totalmente inserido no Polígono

Anexo f: Discurso de posse de Wilson Braga

Fonte: GUEDES, Nonato. **A Fala do Poder**: perfis e discursos comentados de governadores da Paraíba. João pessoa: Forma Editorial, 2012, p. 122

no das Secas, a criação de emprego implica, fatalmente, em dar maior utilização a outro importante fator de produção: o solo. Sabe-se que nossas terras são exploradas apenas parcialmente. Seu rendimento econômico e sua capacidade de gerar empregos, atualmente, não representam sequer a metade do seu potencial. Daí considerar-se, da maior prioridade, o grande projeto de captação e aproveitamento de recursos hídricos, que possibilite a multiplicação de empregos e intensifique o uso da água no semiárido. Será este o Projeto Canaã.

Trata-se de uma nova concepção e de um novo esforço para redimir a região semiárida do flagelo secular. É uma concepção de ações integradas, estudando-se, em cada caso, a melhor alternativa para uso de água e do solo: se a construção de um grande, médio ou pequeno açude, se a perfuração de um poço ou de simples cisternas. Um ponto a ressaltar é o de usos múltiplos desses recursos. No setor urbano, nos voltaremos para a micro e a pequena empresa, além desse vasto campo de pequenos negócios informais que podem absorver elevados contingentes de mão de obra, seja como fonte principal ou complementar de renda: artesãos, costureiros, sapateiros, mecânicos, carpinteiros, eletricitas, profissionais que vão ter um suprimento adequado de crédito subsidiado para desenvolverem, com instrumentos que completem a sua habilidade, um meio de vida digno e seguro. Nesse sentido, fortalecerei o Banco do Estado, para que se torne fonte efetiva de apoio ao crescimento da produção e à circulação de mercadorias, com a consequente geração de empregos.

Ainda na área econômica, entendemos que a indústria deve orientar-se para a absorção de nossa produção agropecuária e mineral; a indústria têxtil e de confecções, a de calçados e couros, a agroindústria alimentar e de material de construção. Aos que ainda não me conhecem de perto, quero garantir que a grande força de todos esses projetos e programas são os poderes de uma orientação, de que não abrirei mão para executá-los. Da mínima tarefa de rotina ao programa de grande porte, serei atento e exigente no cumprimento de todas as

Anexo g: Discurso de posse de Wilson Braga

Fonte: GUEDES, Nonato. **A Fala do Poder**: perfis e discursos comentados de governadores da Paraíba. João pessoa: Forma Editorial, 2012, p. 123

nas etapas. Darei valor ao trabalhador e ao funcionário na medida em que eles se valorizem na sua tarefa. Ninguém, a não ser os aposentados, terá o privilégio do ócio remunerado. Meu grande exemplo é o do homem que planta na adversidade, perde tudo e torna a plantar. Estes não desertam, nunca se mudam, e provam que a questão da viabilidade é mais do homem do que da terra. É com esses homens e para esses homens que farei o meu governo, estejam nas casas de fazenda ou nas favelas das nossas cidades. Será uma troca solidária dos meios e instrumentos de governo, com a adesão operosa dos que estejam dispostos ao trabalho.

Tanto darei os instrumentos de trabalho, quanto os meios de apoio a uma existência, ainda que pobre, digna. Nesse sentido, as favelas e alagados urbanos vão constituir-se num grande mutirão, de modo a erradicar a sub-habitação das cidades. A casa própria deixará de ser apenas um sonho ameaçado pela especulação, porque no meu governo haverá sempre uma maneira de abrigar os que não têm onde morar em teto seu. No campo da Educação, visaremos o aluno, a qualidade do ensino, e só excepcionalmente a construção física da escola. Faremos recuperar e manter as unidades existentes, ocupando os espaços, sejam públicos ou por cessão particular, para atender à demanda. Os recursos normalmente absorvidos na construção civil serão investidos no aprimoramento de métodos que melhorem o aproveitamento do aluno. Farei o possível para que o ensino repercuta na vida social, torne-se uma perspectiva de vida e de trabalho, e não uma simples estatística de salas e matrículas.

É este, em linhas gerais, o quadro das minhas preocupações e expectativas da classe política, do empresariado, das donas de casa, dos estudantes e dos trabalhadores do campo e da cidade. Convivo com todas as classes e assumo o governo em seu nome, na esperança de que irei administrar com todas elas, independente do partido ou da ideologia a que se filiam. Sou político, sempre fui político e homem de partido. Vejo nessa prática as mais amplas possibilidades de convívio, in-

Anexo h: Discurso de posse de Wilson Braga

Fonte: GUEDES, Nonato. **A Fala do Poder**: perfis e discursos comentados de governadores da Paraíba. João pessoa: Forma Editorial, 2012, p. 124



cluindo a convivência dos contrários pelo bem comum. Peço a unidade para o trabalho de construção da Paraíba, para os objetivos comuns do governo e do povo, sem esperar unanimidade de juízos, pois, no dizer de João Pessoa, “unanimidade não estimula os governadores e, ao contrário, às vezes os conduz desassombadamente à ilegalidade”. A crítica séria, a crítica responsável, venha do povo, da tribuna dos órgãos de opinião, é colaboração de que o governo jamais poderá prescindir. Estarei atento a todas elas, corrigindo-me se for o caso, rebatendo-as, se improcedentes.

Tenho neste Poder, nas lições desta Casa, o grande colaborador das ações do meu governo. Pelas diversas facções que representa, nada farei que não seja de ouvidos atentos às suas decisões e debates. Farei o possível para acompanhar a avaliação popular dos meus atos, avaliação de que esta Assembleia é o maior instrumento e o grande auditório. Não posso omitir-me a um registro inspirado pelo clima democrático de que desfrutamos nesta hora: ao papel desempenhado pelo presidente João Figueiredo, que jurou fazer deste país uma democracia. Ao povo o meu juramento: darei tudo de mim para que a vitória de 15 de novembro possa resultar, nesses quatro anos, na vitória das pequenas e grandes aspirações que a democracia nos propiciou. Muito obrigado!”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABÈLES, Marc. Encenações e Rituais políticos. Uma abordagem crítica. In: **Revista de Comunicação e Linguagens**, nº 21-22, p. 105-108, 1995.
- AIRES, José Luciano de Queiroz. Pincelar Para Desenhar a Nação: Identidade Nacional e Ensino de História – In: **História Ensinada: linguagens e abordagens para a sala de aula**. João Pessoa: IDEIA, 2008.
- ALBUQUERQUE, Afonso de. “**Aqui Você Vê a Verdade na Tevé**”: a propaganda na televisão. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999.
- ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. **Um balanço social do Brasil, 1980-2005**. – In: INAE, Estudos e Pesquisas nº 206: 27 de setembro de 2007.
- ALBURQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. 3 ed. Recife, FJN, São Paulo, 2009
- AMARAL, Ieda Ramona do e FARIA Luciane Miranda. Resenha Sobre o Livro de Roger Chartier: A História Cultural entre Práticas e Representações. – In: **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 16, nº 30. p. 183-186, Janeiro - Abril. 2007.
- ALMEIDA, Cosma Ribeiro de. **A participação do feminino na política paraibana: Mudanças culturais no interior do nordeste brasileiro**. XI Congresso Luso Afro - Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 7 a 10 de agosto de 2011. Universidade Federal da Bahia. Anais.
- BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.
- BARROS, José D`Assunção. **O Campo da História: Especialidades e Abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BÍBLIA SAGRADA. Barueri, SP: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.
- _____. História Social e Retorno do Político In: SCHURSTER, Karl; SILVA, Giselda Brito e; MATOS, Júlia Silveira (orgs). **Campos da política – discursos e práticas**. São Paulo: LP-Books, 2012.
- BRITO, Gilvan. Dificuldades dos cotonicultores paraibanos. In: Correio da Paraíba, 18 de outubro de 1975.
- BUENO, Silveira. **Dicionário Escolar**. Ediouro, 2001.
- BURKE, Peter. **O que é história Cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- _____. História Como Memória Social. In: **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.
- _____. **A Fabricação do Rei**. A construção da Imagem Pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

BRAGA, Wilson. **O Nordeste e outros Problemas**. Centro de Documentação e Imprensa da Câmara dos Deputados. Brasília, 1980.

_____. **Quando falar é preciso**. Centro de Documentação do Senado. Brasília DF, 1978.

_____. Economia Paraibana: análise conjuntural. João Pessoa: 1982.

BRUN, Argemiro J. **Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. Ijuí-RS: UNIJUÍ, 1999.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly de. Reflexões Sobre o Padrão Midiático Publicitário da Política. **Transição Democrática Brasileira e Padrão Midiático Publicitário da Política**. Campinas: Pontes, 1999, p. 19-54.

CARVALHO, José Otamar de. **A economia política do Nordeste**: secas, irrigações e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

CITTADINO, Monique. A Política Paraibana e o Estado Autoritário (1964-1986). In: **Estruturas de poder na Paraíba**. João Pessoa, Universitária/UFPB, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Ed. Difel, 1988.

_____. O Mundo Como Representação. **Estudos Avançados**. nº 11, vol. – 5, Janeiro - Abril de 1991 (USP).

DEBERT, Guita Grin. **Ideologia e Populismo**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

DUARTE, Lidiane. O Movimento Diretas-já. **Infoescola**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com>> Acesso em 14 abr. 2011.

FREITAS, Renata Suely de. **Identidade, imagem e ética na comunicação política**. Revista de C. Humanas, Viçosa, v. 9, n. 2, p. 177-190, jul./dez. 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro; Ed.Graal. 1979.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. **História, Historiografia e Cultura Política no Brasil**: algumas reflexões. In: Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

_____. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado in: NOVAIS, Fernando e; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

GOMES, Wilson. Duas Premissas Para a Compreensão da Política espetáculo. SIMPÓSIO POLÍTICA, MÍDIA E CULTURA. **Anais...** Fortaleza-CE: Universidade Federal do Ceará, 1994.

_____. Esfera Pública e Media. Com Habermas, contra Habermas. In: RUBIM, Antonio Albino; BENTZ, Ione Maria G. e PINTO, Milton José (orgs.). **Produção e recepção dos sentidos midiáticos**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 155-186.

_____. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo, Paulus, 2004.

_____. **A política de imagem**. 1999. Paper. S.d.

PARAÍBA. (1983). Governo do Estado. **Secretaria de Recursos Hídricos**. Projeto Canaã – Diretrizes e Metas. João Pessoa, pg.55.

PARAÍBA. (2011). Governo do Estado da Paraíba. Disponível em: <http://www.paraiba.gov.br> Acesso em: 03 de julho de 2011.

PARAÍBA/SRH. Projeto Canaã- Diretrizes e metas: **o homem, a terra, a água, a vida**. João Pessoa, 1983.

GUEDES, Nonato. **A Fala do Poder**: perfis e discursos comentados de governadores da Paraíba. João pessoa: Forma Editorial, 2012.

IANNI, Octavio. **A Formação do Estado Populista na América Latina**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, RJ, 1991.

_____. **O Colapso do Populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MACÊDO, José Emerson Tavares de. **Representações cômicas do cronista do traço Fred Ozanan**: o movimento diretas já no Diário da Borborema. Monografia de graduação em História. Campina Grande: UEPB, 2009.

MELLO, José Octávio de Arruda. Wilson Braga: um capítulo da história eleitoral paraibana. In: SILVA, Francisco Pontes da; MELLO, José Octávio de Arruda; SANTOS, Walter (orgs). **Poder e Política na Paraíba**: uma análise das lideranças de 1960-1990. João Pessoa, API A UNIÃO; 1993, p. 216 e 219.

_____. **História da Paraíba**: lutas e resistência. 2ª ed. João Pessoa: editora Universitária/ UFPB, 1995.

_____. **Conflitos e Convergências nas Eleições Paraibanas de 1982, 2002 e 2006**. João Pessoa: Sebo Cultural, 2010.

_____. **Da Resistência ao Poder**: O (P)MDB na Paraíba (1965/1999). Campina Grande: EDUEPB, 2010.

_____. **O Problema do Estado na Paraíba**: da formação à crise (1930-1996). Campina Grande: EDUEPB, 2000.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **História e Memória**: algumas observações. In: http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_2.pdf. Acesso em 17 Jul. 2011.

NÓBREGA, Iluskhanney Gomes de Medeiros. A Construção da Imagem do Ator Político na Atualidade. **Revista Temática**. Ano IX, nº. 04 – Abril/2013 in: www.inside.pro.br.

PIMENTEL, Altimar de Alencar. **Wilson Braga: 50 anos de vida pública**. João pessoa, 2005.

RÉMOND, René (Org.). **Por Uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre. Sulina, 2009

RIBEIRO, Renato Janine. **A política como espetáculo**. In: DAGNINO, Eveline (org). Anos 90, Política e Sociedade no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 2004.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Espectáculo, política e mídia**. In: FRANÇA, V.; WEBER, M. H.; PAIVA, R.; SOVIK, L. (orgs.), Porto Alegre: Estudos de Comunicação, Vol.1, p. 85-103, 2003.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O estado espetáculo**. Rio de Janeiro, Difel, 1978.

SEGA, Rafael. História e Política. -In: **Questões e Debates**, Curitiba, N. 37, p. 183-195.

SILVA, Célia Lúcia; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Estratégias comunicativas para a (des)construção da imagem pública**: a política de imagem no contexto de campanhas eleitorais. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p.45-63, jul./dez. 2009.

SILVA, Josenildo Marques da. **Um novo "pai dos pobres"?** Representações do governo Wilson Braga no jornal *Gazeta do Cariri* (1982-1985). Monografia de Graduação em História. Campina Grande: UEPB, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2181/1/PDF>. Acesso em 04 Jun. 2014.

SOUZA, Onildo Gouveia de. **Memórias de Trabalhadores da Cultura do Algodão em Serra Branca – PB (1950-1980)**. Campina Grande: UEPB, 2007.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Senhores e Caçadores**: a origem da lei negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ZENAIDE, Hélio. O estilo político de Braga. In: **Jornal A União**. Edição de 1981.

WEBER, Maria Helena. **Comunicação e Espetáculos da Política**. [Sem data]

WEFFORT, Francisco. **O Populismo na Política Brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PERIÓDICOS PESQUISADOS

A UNIÃO. Jan. de 1980 a dez de 1982.

A RETRETA. – Ano 07, nº 07 – João Pessoa, agosto de 1980

CORREIO DA PARAÍBA. Nov. de 1979 a Dez de 1982

DIÁRIO DA BORBOREMA. Jan. de 1980 a dez. de 1986

GAZETA DO CARIRI. Nov. de 1983 a jun de 1985

JORNAL DA PARAÍBA. Jan. de 1980 a Fev de 1987.

REVISTA FISCO. Ano 17, nº 135, março de 1986.